UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

THALYTA ZUCHINALLI

AFRODESCENDENTES NO SUL DE SANTA CATARINA. OS NOVOS SUJEITOS: EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS (1941-1985)

FLORIANÓPOLIS
2016

THALYTA ZUCHINALLI

AFRODESCENDENTES NO SUL DE SANTA CATARINA. OS NOVOS SUJEITOS: EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS (1941-1985)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História do Tempo Presente (Linguagens e Identificações)

Orientador: Professor Dr. Emerson César de Campos

FLORIANÓPOLIS

2016

Z94a Zuchinalli, Thalyta
Afrodescendentes no Sul de Santa Catarina. Os novos sujeitos: experiências e trajetórias (1941-1985)./ Thalyta Zuchinalli. - 2016.
271 p. il.; 21 cm

Orientador: Dr. Emerson César de Campos
Bibliografia: p. 253-260
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016.

1. Historiografia. 2. Negros. Santa Catarina. I. Campos, Emerson César de. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD: 907 - 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

THALYTA ZUCHINALLI

AFRODESCENDENTES NO SUL DE SANTA CATARINA. OS NOVOS SUJEITOS: EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS (1941-1985)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História do Tempo Presente (Linguagens e Identificações)

Banca Examinadora:

Orientador(a): _____

Prof. Dr. Emerson César de Campos - UDESC

Membro Interno: _____

Profa. Dra. Profa. Cláudia Mortari Malavota - UDESC

Membro Externo: _____

Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza - UFFS

Dedico este trabalho a todas as pessoas que sofreram e sofrem com as atrocidades do racismo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar meu agradecimento vai a minha mãe, a pessoa mais importante da minha vida, sendo sempre minha grande inspiração, minha maior incentivadora, não medindo esforços para me apoiar nas minhas escolhas. A ti mãe, minha gratidão e muito amor. Em segundo, agradeço a minha tia Dilma que sempre me apoiou nessa caminhada com muito carinho. Aos meus familiares que me apoiaram e me ajudaram sempre que precisei. Aos meus amigos que sempre me incentivaram e torceram por mim nessa caminhada.

Aos meus professores da graduação que sempre me inspiraram, Nialdo, Dorval, Edi Balodi, Lucy e Lili e em especial a minha orientadora na graduação, Débora Michels Mattos, que foi quem me apresentou as primeiras referências sobre a diáspora africana e me incentivou a fazer o mestrado na Udesc. Agradeço também aos professores do Ppgh da Udesc, em especial a professora Glaucia Assis, sempre tão atenciosa, a professora Márcia Ramos de Oliveira, que admiro muito e que me aceitou para realização do meu estágio docência, sempre com sugestões para pensar meu projeto, ao professor Norberto Dallabrida sempre tão disponível e disposto a ensinar.

Agradeço também a secretaria do Ppgh, em especial ao Guilherme e ao Peter sempre dispostos a esclarecer minhas dúvidas e aguentando meus dramas.

A querida Bibiana, que de maneira muito gentil e atenciosa me passou muitas referências e se colocou a disposição para me ajudar. A Monique Vargas que antes mesmo de eu ingressar no mestrado vinha me ajudando com referências e boas conversas sobre diversos temas. Ao professor Lourenço Cardoso, sempre atencioso, me ajudando com referencias.

A Solange e Cássia, que contribuíram para que eu pudesse prosseguir nessa caminhada, ao Realdo, meu colega de trabalho, sempre tão compreensivo, a Lila e a Márcia que sempre torceram por mim.

Aos colegas de turma que tive ao longo desses dois anos, sempre presentes e solidários. A Carolzinha, a quem eu estava sempre pedindo ajuda e sempre tive retornos de muita positividade, a Iarinha, a Alê, a Bia e ao Fabinho que muito me aconselharam. Ao Gusta e ao Ricardo que sempre foram muito disponíveis enquanto nossos representantes. Em especial a uma grande pessoa que se tornou um parceiro de muitos momentos, tanto bons quanto ruins, ao meu amigo Assis, sempre muito carinhoso e disposto a me ajudar e que mesmo distante se faz

sempre presente. Junto dessas pessoas essa caminhada de dois anos se tornou melhor.

Aos amigos parceiros de viagens e de muitos bons momentos, ao Diogo sempre nos aguentando nas suas caronas de Floripa a Criciúma, com sua paciência e humor, ao Renato companheiro de trabalho e de mestrado, amigo desde a graduação. A Michele, que eu já conhecia desde a graduação e a Taninha que conheci durante as aulas do mestrado, ambas me acolheram em sua morada temporária, em Floripa, e me deram noites de muitas risadas e também de muitas conversas engrandecedoras, principalmente os conselhos da mãe de todas, a Mi. Agradeço em especial a Taninha que se tornou uma amiga para além da Udesc, e que tenho o privilégio de dividir a minha vida e ter sua amizade. Sou muito feliz por ter tido vocês comigo nessa caminhada, e torço muito pelo sucesso de todos.

As amigas de sempre e para sempre, Salete, Téia e Ana que me acolheram em seus lares sempre com muita generosidade, afeto e amizade, me apoiando desde a graduação. Sem esse acolhimento tudo seria mais difícil, sou muito grata a vocês por isso e por tudo mais. Ao amigo Gabriel sempre tão parceiro e confidente, desde muito tempo e ao amigo Laurent sempre com sua receptividade e muita comida gostosa.

As professoras Cláudia e Luiza que qualificaram esse trabalho com toda sua generosidade e conhecimento me encorajando a escrevê-lo. Sou muito grata pelas sugestões dadas a mim e o respeito com que trataram minha escrita e pesquisa.

Ao professor que me orientou nessa caminhada, Emerson César de Campos, me acolhendo como sua orientanda e acreditando no meu projeto. Agradeço a sua generosidade, sensibilidade e disponibilidade, suas palavras de incentivo nos momentos mais difíceis foram fundamentais, sobretudo sua paciência com meus surtos momentâneos de desespero e com as minhas falhas. A ti minha eterna gratidão e admiração, como professor e como ser humano.

Ao Giovani Bonazza que me ajudou nessa pesquisa em um dos momentos que mais precisei, a Beatriz De Bona e a Nani Rodrigues que me forneceram prontamente alguns documentos que utilizei nesse trabalho.

A Eliana Dos Santos, que foi uma das pessoas que mais me ajudou, primeiro por me conceder uma entrevista e também pelas várias sugestões, me apresentando para algumas pessoas importantes para construir esse trabalho. A sua disponibilidade, atenção e respeito por esse trabalho.

A amiga Marga, pessoa iluminada, que me acolheu em sua casa em Tubarão, durante minha pesquisa no arquivo.

Aos funcionários do Arquivo Público e Histórico Amadio Vettoretti, muito atenciosos, em especial ao Jonathan que me disponibilizou documentos e fotos digitalizados.

As meninas do Cartório Registro Civil Tabelionato Freccia, a Suzi, a Fabi, a Bruna e em especial a Jô, sempre tão disponível.

A todas as pessoas que abriram as portas de suas casas e de sua memória para que eu pudesse realizar algumas entrevistas, me ajudando muito na construção desse trabalho. A todos os entrevistados desse trabalho meu respeito e gratidão.

A todas as pessoas lembradas nesse momento que fizeram parte dessa caminhada, que foi tão especial para mim, minha gratidão.

“Enquanto a história da caça ao leão for contada pelos caçadores, os leões serão sempre os predadores.”

RESUMO

A historiografia dos últimos trinta anos vem contribuindo para dar visibilidade à história dos afrodescendentes em Santa Catarina, representando-os como sujeitos da história catarinense através de suas experiências nos diversos espaços sociais. Esta dissertação, além de se inspirar nestes sujeitos da história, concentra-se em motivar a visibilidade dos afrodescendentes em Santa Catarina ao focalizar suas experiências e trajetórias na cidade de Siderópolis, contrapondo-se a uma historiografia construída por referenciais eurocêntricos e racistas. Com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, em 1941, Siderópolis transformou sua economia e gerou intensa oferta de mão-de-obra, contexto em que os novos sujeitos começaram a fazer parte do cotidiano da cidade. Muitos deles afrodescendentes, sua chegada significativa se deu a partir da década de 1940, estes trabalhadores contribuíram e participaram da transformação da cidade, construindo seu cotidiano nas áreas de mineração, como a mina, a vila e os espaços de sociabilidades, nos quais se empenharam por visibilidade naquele corpo social. A possibilidade de melhor compreender a presença dos

afrodescendentes em Siderópolis, por meio da interpretação das experiências e das trajetórias desses indivíduos articuladas à uma revisão bibliográfica e à análise de fontes documentais, iconográficas e orais, foi o que motivou este trabalho a delinear uma importante narrativa para a história da cidade e para seus sujeitos.

Palavras-chave: Historiografia, Afrodescendentes, Experiência, Visibilidade.

ABSTRACT

The historiography of the last thirty years has been contributing to give visibility to the History of Afrodescendants in Santa Catarina, representing them as subjects of the state‘s history through their experiences in various social spaces. This dissertation, in addition of being inspired by these subjects of history, focuses on motivating the visibility of Afrodescendants in Santa Catarina by pointing out their experiences and trajectories in the city of Siderópolis, in opposition to a historiography built by Eurocentric and racist references. With the establishment of Companhia Siderúrgica Nacional in 1941, Siderópolis transformed its economy and generated an intense labour supply, a context in which the new subjects began to be part of the daily life of the city. Many of them Afrodescendants, their significant arrival came from the 1940s, these workers contributed and participated in the transformation of the city, building their daily lives in the mining areas such as the mine, the village and spaces of sociability, where they committed for their visibility in that society. The possibility of better understanding the presence of Afrodescendants in Siderópolis, through the interpretation of

the experiences and trajectories of these individuals articulated to a bibliographical review and to the analysis of documentary, iconographic and oral sources, was the motivation of this work to delineate an important narrative for the history of the city and for its subjects.

Keywords: Historiography, Afrodescendants, Experience, Visibility.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 109
Imagem 2 123
Imagem 3 137
Imagem 4 163
Imagem 5 165
Imagem 6 177
Imagem 7 186
Imagem 8 186
Imagem 9 205
Imagem 10 209
Imagem 11 211
Imagem 12 218
Imagem 13 224
Imagem 14 229
Imagem 15 230
Imagem 16 232
Imagem 17 234
Imagem 18 236
Imagem 19 244

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Revisão sobre a elaboração das teorias raciais..... 67
Tabela 2: Apresentação de formas de organização dos afrodescendentes no Brasil, nos séculos XIX e XX..... 82
Tabela 3: Apresentação da análise de dados realizada sobre afrodescendentes no cartório entre 1939-1955..... 155

ABREVIATURAS

CSN - Companhia Siderúrgica Nacional

LARM - Liga Atlética da Região Mineira

FNB - Frente Negra Brasileira

MNU - Movimento Negro Unificado

MN - Movimento Negro

MNB - Movimento Negro Brasileiro

SCRCJ - Sociedade Cultural e Recreativa Cinco de Junho

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 29
INTRODUÇÃO..... 35
1. ANTIRRACISMO E NEGRITUDE 63
1.1 NEGRO SIM! A NEGRITUDE EM QUESTÃO..... 66
1.2 SOCIEDADE CULTURAL E RECREATIVA CINCO DE JUNHO 95
2. EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS: O MUNDO DO TRABALHO..... 135
2.1 A COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL: ARTES E OFÍCIOS..... 153
2.2 A VILA OPERÁRIA: O MORAR DOS (AS) TRABALHADORES (AS)..... 184
3. EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS: OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE 199
3.1 A SOCIEDADE ESPORTIVA E RECREATIVA UNIÃO MINEIRA 202
3.2 O ITAÚNA ATLÉTICO CLUBE..... 220
CONSIDERAÇÕES FINAIS 247
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 253
ANEXOS..... 261

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é o resultado de diferentes experiências que eu tive ao longo de minha trajetória acadêmica e também em minha vida pessoal. O meu primeiro contato com algumas referências desconhecidas para mim foi na época da graduação, (ano de 2008), quando comecei a pesquisar para o meu trabalho de conclusão de curso. Como discuti diáspora africana, musicalidade e identidade, novas referências fizeram parte daquele contexto da minha trajetória acadêmica e então eu me debrucei sobre leituras que não me eram familiares, me encantando com a diversidade de novas teorias e de um mundo cultural e político que eu não conhecia, ao menos não daquele modo. Eu possuía uma visão historiográfica muito eurocentrada, sobretudo, sobre a África e as experiências dos africanos no mundo, talvez eu ainda possua certa visão em algumas questões, mas sempre busco referências que caminham para a minha desconstrução enquanto historiadora.

Nesse processo de estudo sobre a diáspora africana, escravidão e os espaços e territórios transitados pelos africanos escravizados e afro-americanos libertos, o Blues (estilo musical), foi meu objeto de análise. Como uma apaixonada pelo estilo, comecei a pensar nas experiências que geraram

aquelas canções, e a partir disso comecei uma análise mais intensificada sobre essas experiências e recriações culturais, assim surgiu minha pesquisa. Eu tive meu momento de encantamento, mas também tive meus momentos de reflexões, que eu não havia tido antes, em muitas outras leituras. Quando me inscrevi para uma disciplina, como aluna especial no mestrado da Udesc em 2010, as leituras que tive, transformaram muitas visões que eu ainda tinha, mas transformaram também a minha maneira de me posicionar frente algumas questões. Comecei a perceber os sujeitos africanos e afrodescendentes, com outro olhar, e arrisco dizer que foi nesse contexto que comecei a me autoanalisar, muitas vezes me identificando com quem não gostaria de ter me identificado, com o opressor.

Sou branca, de descendência italiana e resolvi estudar um mundo desconhecido para mim e desde então achei que valesse a pena estudar essa História, a História dos afrodescendentes no Brasil, a História Africana, a História da Diáspora Africana, do racismo, enfim, me aprofundar em discussões tão necessárias para mim e para a sociedade. Ao mesmo tempo que me encantava, me entristecia, pois houve um choque em nível pessoal quando eu descobri qual o lugar que eu ocupava na sociedade, sobretudo quando se ocupa o lugar do privilegiado. Muitas vezes lendo alguns textos, me

reconhecia no lugar do opressor e foi difícil aceitar para mim mesma que eu estava numa condição histórica e social oposta e discriminatória em relação aos sujeitos sociais-pessoas que me interessavam tanto. É muito difícil aceitar para si mesmo que somos construídos em uma cultura racista e, por conseguinte, somos racistas, a negação foi minha primeira reação, mas posteriormente vieram as reflexões. E acredito que foi através desse reconhecimento, sobretudo do entendimento sobre os privilégios que eu tenho e posso vir a ter, só por ser branca, o que é fruto de uma cultura de reprodução e perpetuação de práticas racistas, me levou a me desconstruir cotidianamente e a entender essas diferenças que foram construídas socialmente me fazendo querer denunciar isso de alguma maneira. Acho que minha escrita é uma dessas maneiras de denúncia.

Para mim, pesquisar e escrever sobre os afrodescendentes não é apenas uma questão profissional, acadêmica, mas uma necessidade também pessoal de me desconstruir e poder desconstruir uma mentalidade tão enraizada socialmente, como é a cultura do racismo no nosso país, para mim é um compromisso. Sei que é uma tarefa difícil se despir totalmente dessa visão de mundo tão embranquecida, mas acredito que o primeiro passo já foi dado e que a tendência é me desconstruir cada vez mais. Cheguei a pensar que por eu ser fruto de uma cultura racista e de me ver como racista em

vários momentos da minha vida isso deslegitimava a minha pesquisa e a minha escrita, me achava uma hipócrita. Mesmo sabendo que somos sujeitos em permanente construção e que isso poderia mudar, ou seja, eu poderia desconstruir essas questões se estivesse disposta, me senti impotente em alguns momentos. E em uma de minhas apresentações, me dei conta disso e resolvi expor essa minha frustração, foi em um evento do Copene, ouvindo a minha fala a Conceição Evaristo, que era quem conduzia as apresentações daquele dia, me disse que eu não poderia vestir sua pele, mas poderia vestir sua camisa, levo essa fala dela para sempre comigo, ela me incentivou a me desconstruir e a continuar pesquisando. A partir desse momento meu olhar se voltou também para os afrodescendentes de minha cidade e a partir disso fui pensando neles até chegar nessa dissertação, que é o resultado desse olhar lançado a mais de dois anos atrás. É pesado se sentir opressor, é doído descobrir que seu imaginário e as vezes até sua prática é racista, mas me sinto mais leve, quando avalio a perpetuação da desigualdade e do racismo como algo inadmissível, algo a ser combatido, para mim mesma e para a sociedade, e espero que meu trabalho seja uma dessas práticas combativas, assim me sinto mais útil.

“Minha última prece. Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona.”

Frantz Fanon

INTRODUÇÃO

Esse trabalho reflete sobre os afrodescendentes em Siderópolis, repensando suas trajetórias, representações e práticas cotidianas que os constituem como sujeitos, a partir de suas experiências mais comuns em diferentes contextos, em um recorte de quarenta e quatro anos, que inicia-se em 1941, com a implantação da CSN na cidade, e se encerra em 1985 com a criação da Sociedade Recreativa Cinco de Junho, criada pelos afrodescendentes na mesma. Por isso o tema, **"Afrodescendentes no Sul de Santa Catarina. Os novos sujeitos: experiências e trajetórias"**, pois vou conhecendo e interpretando as experiências e trajetórias daqueles sujeitos na cidade o que contribuirá para refletir sobre a História da mesma.

Para conduzir esse trabalho foi imprescindível analisar a construção da historiografia de Santa Catarina, que torna invisível a presença dos afrodescendentes, "justificando" essa invisibilidade pela pequena presença de cativos no estado e sobre sua pequena participação no cenário econômico. Todas essas justificativas só serviram para mascarar a construção de uma história preconceituosa pautada pela lógica de um estado que buscava um perfil europeu e uma identidade embranquecida, o que acabou tornando essa escrita a oficial, ou

seja, Santa Catarina foi construída como um estado embranquecido e civilizado. Nesse trabalho, outro olhar é lançado para pensar as experiências vividas no estado, mostrando a diversidade dos sujeitos que a construíram, a busca pela construção histórica coloca os afrodescendentes com sujeitos históricos que dizem: “estamos aqui sim, nós existimos!” (LEITE, 1987).

A inegável presença e os diferentes territórios de afrodescendentes no Estado Catarinense concomitante as relações de tensões raciais ao longo do século XX, trouxeram a necessidade de compreender essas relações fazendo surgir uma nova perspectiva na produção historiográfica sobre o Estado de Santa Catarina, que vislumbrou apresentar e inserir as experiências dos afrodescendentes que aconteceram e se estabeleceram no território catarinense, enfatizando que essas populações, homens e mulheres que constituíram essa história também são sujeitos históricos e também fazem parte do perfil étnico do sul atualmente. (LEITE, 1987)

É importante escrever a História a partir de uma visão plural, que não exalte apenas os grandes nomes, de maioria elitizada e branca, herança de uma escrita tradicional e eurocêntrica. A história tida como tradicional sobre o Estado de Santa Catarina forjou uma identidade para o estado, que não era possível, a não ser pela exclusão e invisibilidade sobre

outros grupos para além dos italianos, alemães e açorianos. A ideia de um estado branco, civilizado e europeu se difunde ainda na atualidade, mas houve mudanças, devido a novas pesquisas sobre a História de Santa Catarina e os diferentes sujeitos que formaram e formam essa História. A "História Oficial", ou ao menos aceita como oficial construiu superficialmente a trajetória dos afrodescendentes como sujeitos históricos, tratando-os exclusivamente como escravos e não como sujeitos ativos e importantes na construção do estado. Contudo, há a contribuição de muitos (as) pesquisadores (as), nos últimos trinta anos, onde reconhecem as experiências dos afrodescendentes como significativas para a História de Santa Catarina.

A invisibilidade dos afrodescendentes, a política do branqueamento, a ideologia da democracia racial, as tensões entre brancos e não brancos e também a identidade forjada construída pelo estado, são pontos de partida para ressiginificar a História de Santa Catarina e de Siderópolis. Afinal, "não podemos dar continuidade ao mito de que a utopia de branqueamento "deu certo" em Santa Catarina", como cita Ilka

Boaventura Leite.[1] Compartilho o que eu utilizo como conceito quando trago o termo invisibilidade sobre os afrodescendentes:

> (...) o mecanismo da invisibilidade se processa pela produção de um certo olhar que nega sua existência como forma de resolver a impossibilidade de bani-lo totalmente da sociedade, ou seja, não que o negro não seja visto mas sim que ele é visto como não existente. (LEITE, 1996.p. 12)

É em oposição ao perfil construído pelo Estado Catarinense, que buscava o progresso e o embranquecimento da população, que a presença dos afrodescendentes será um contraponto sobre essa invisibilidade dada aos mesmos na História do Estado. Acerca da análise de produções sobre a História de Siderópolis,[2] é visível o pequeno relato dado a

---

[1] LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no sul do Brasil:** invisibilidade e territorialidade. [Florianópolis]: Letras Contemporâneas, 1996.p. 284.

[2] Algumas referências bibliográficas produzidas sobre a história de Siderópolis: BRAZ FILHO, Cícero. **A colonização no sul catarinense:** Nova Belluno e sua fundação. Monografia (Graduação) Universidade do Extremo Sul Catarinense Criciúma, SC: FUCRI, 1993. 42p. BONASSA, Rosilene da Silva Bitencourte. **A companhia siderúrgica nacional, o espetáculo da tecnologia moderna e os danos ambientais em Siderópolis nos anos gloriosos do progresso do carvão (1942-1991).** Criciúma. Monografia (Graduação) Universidade do extremo Sul Catarinense 2007.DASSI, Nilson. **Nova Belluno 1891- Siderópolis 1943.** / Nilson Dassi- Criciúma, SC: Ed. Do autor, 2010. p. 124. MOROSO, Mara Rodrigues (org) Lana, Kelly Dalla; BOTTINI, Rossana Carla. Siderópolis, uma cidade boa para se viver. Revisão: Nilso Dassi. Gráfica: Soller Industria Grafica Ltda**.** 2012. 404. POSSOLI, Thaize. **A importância da educação patrimonial**: a CSN como patrimônio histórico em Siderópolis.

presença e história dos afrodescendentes na cidade, pois essa lógica é um respingamento da prática do estado. Afinal, como uma cidade colonizada por italianos que enaltece sua descendência e sua identidade, daria espaço para a trajetória de afrodescendentes? Esse é um questionamento que traz uma resposta óbvia, a invisibilidade.

A italianidade sempre destacada na identidade da cidade é um dos mecanismos de negação de outras identidades que a construíram, mas se pensarmos que a cidade se forma em uma rede de diálogos as identidades ou identificações também serão múltiplas, essa multiplicidade precisa ser problematizada, refletida e não negada, como pontua Emerson C. Campos, "Há uma relação tensa entre lugar e identidade que precisa ser pensada, ao invés de negada ou ignorada."[3] É necessário pensar a cidade através de uma ideia de construção dinâmica e não como algo estático que não pode ser repensado, portanto, deve haver um trabalho no sentido de construir as diferentes

---

2008. Monografia(Especialização em História: História, Ensino e Linguagem) Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2008.RODRIGUES, Olinda Custódio. **A instalação da CSN em Nova Belluno e os respingos da política do Estado Novo- décadas de 40 a 60.** Monografia (Graduação) Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2001. p. 21.

[3] CAMPOS, Emerson César de. **Territórios Deslizantes: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea** – Criciúma (SC) (1980-2002). Florianópolis, 2003. 214 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p.88.

identificações para aquela sociedade diante das diferentes experiências construídas.

Em Siderópolis os afrodescendentes serão tratados como sujeitos históricos atuantes, construtores, agregadores e indispensáveis também para o perfil identitário da cidade. É um novo olhar que está sendo lançado sobre a trajetória de diferentes sujeitos nessa cidade, dando ênfase as suas experiências. É um trabalho pioneiro sobre a cidade, no sentido da perspectiva que é lançada sobre os diferentes sujeitos que fizeram e fazem parte de sua história. Esse olhar diferenciado, para a história dessa cidade surgiu através do silenciamento, das lacunas, da exclusão, do não dito, do não ouvido e da invisibilidade. Em contrapartida a isso esse trabalho apresenta os afrodescendentes que sairão do lugar da obscuridade é um trabalho que está atento as minorias, aos excluídos, aos homens e mulheres comuns.

Para pensar essas experiências vividas no cotidiano, na construção dos espaços e na troca de valores eu utilizo o conceito de E P Thompson, sobre as experiências nos diferentes sentidos,

> Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõe alguns praticantes teóricos) como instinto proletário e etc. Elas também experimentam sua

> experiência como sentimento e lidam com esse sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. (THOMPSON, 1981, p.189)

Assim essas experiências estão enraizadas nas práticas mais comuns dessas pessoas durante sua vida, produzindo através dessas experiências a cultura.

Com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 09 de abril de 1941, e sua instalação em Siderópolis, (na época ainda Nova Belluno) [4] no mesmo ano nas localidades do Bairro Rio Fiorita, com as primeiras atividades em 1942, começam as modificações do território, mas consequentemente de toda uma paisagem cultural para as pessoas que ali viveram e que vivem na cidade. A CSN trouxe para a cidade muitos trabalhadores, de diferentes cidades, dentre eles percebe-se a crescente presença de trabalhadores afrodescendentes na cidade, é a partir dessa presença que se desenvolverá esse trabalho.

---

[4] A palavra Siderópolis é utilizada como referência ao município, pois entre o recorte traçado por essa pesquisa -1940-1985- o maior período pesquisado é após sua emancipação em 1958, o nome do município passa de Nova Belluno para Siderópolis, por esse motivo se dá a escolha do nome utilizado na pesquisa, sobretudo pela ligação que tem com a história do carvão. DASSI, Nilso. **Nova Belluno 1891- Siderópolis 1943.** / Nilson Dassi- Criciúma, SC: Ed. Do autor, 2010.

Alguns espaços da cidade serão analisados e refletidos nesse contexto (recorte) escolhido, o espaço de trabalho, de moradia e de sociabilidade, sendo os principais abordados nesse trabalho, alguns serão tratados como território de interlocução, de revivência, invenção e reelaboração de tradições culturais. Quando uso o termo espaço, me utilizo da denominação de Michel de Certeau que define espaço como, "Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável temo. O espaço é um cruzamento de móveis e de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram". (CERTEAU, 2014 p.184), esses espaços são vistos como espaços de cruzamentos, não espaços estanques.

As referências existentes, mesmo revelando a presença dos afrodescendentes na cidade, problematizam pouco essa presença. Contudo, a História Oral é uma metodologia indispensável para o meu trabalho, a importância da memória e do testemunho é fundamental pra reconstruir a trajetória dos afrodescendentes na cidade, pois cada memória revela lembranças diferentes e interessantes para poder reconstruir determinado período da história através de outras percepções,

> Assim a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadros são iguais, mas como um

> mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo coerente depois de reunido- a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido. (PORTELLI, 1997,p.10)

Essas vozes que foram ouvidas não são as vozes do passado como ele foi, mas são representações sobre ele, e assim cabe ao historiador traduzir essas vozes, essas lembranças, da melhor maneira para poder entender como o sujeito lembra o passado, é como ele é representado, como pontua Rousso,

> A memória, para prolongar essa definição de lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. (ROUSSO, 2000, p. 94)

O terreno da História Oral não é um terreno fácil, os testemunhos e as memórias reveladas devem ser analisados com cautela e rigor. Para além do trabalho, concordo com o que Portelli diz sobre a escuta, “Como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos

enriquecem nossa experiência (...) cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras.” (PORTELLI, 1997 p. 05).

O primeiro Capítulo, “O antirracismo e a negritude”, apresentará a reflexão sobre teorias que discutem os conceitos raça, racismo e racialismo, antirracismo, cultura negra e identidade, o que possibilitará a compreensão dos diferentes contextos em que foram se fundamentando e cristalizando as teorias raciais no mundo e consequentemente no Brasil e que ainda hoje são fundamentais para a perpetuação do racismo, da desigualdade e da hierarquização social. Para embasar esse capítulo autores como Kwame Anthony Appiah, Frantz Fanon, e Stuart Hall, entre outras referências contribuíram bastante para desenvolver a pesquisa e pensar posteriormente em como essas teorias vigoraram no Brasil. As referências sobre formação de movimentos de resistência, de combate e de busca por conquistas, os conceitos sobre, negritude e antirracismo, também ajudaram a construir esse capítulo com os autores, Amauri Mendes Pereira, Petrônio Domingos, Paulino Cardoso e Amilcar Araújo Pereira foram fundamentais.

Diante do rumo que foi tomando essa pesquisa foi preciso também compreender os estudos sobre branquitude. Considero importante entender as novas discussões sobre como o branco se vê e como se coloca em relação aos não brancos para uma análise sobre a questão da desigualdade racial no

país. Para pensar essa discussão, dois autores foram importantes, Lourenço Cardoso e Lia Vainer Schucman.

Esse capítulo também fará uma breve narrativa sobre a cidade de Siderópolis, e sobre a criação da sociedade recreativa criada por afrodescendentes na mesma, em cinco de junho de 1985. A criação dessa sociedade pode configurar-se como um movimento de autorreflexão das experiências vividas pelos afrodescendentes naquela sociedade, sobre as desigualdades e hierarquização social que tiveram sua representação na mesma, resultando em uma ação antirracista, que se fortaleceu juntamente com as diferentes experiências de seus protagonistas.

A Sociedade Cultural e Recreativa Cinco de Junho lutava contra questões de desigualdade que vinham se perpetuando naquela sociedade. A principal proposta do movimento era discutir conceitos sobre negritude e sobre as oportunidades e espaços sociais que ocupavam os afrodescendentes na cidade. Era um Brasil, com noventa e sete anos do fim da abolição da escravatura, de uma sociedade que tinha muito do pensamento que sustentou um país por mais de quatrocentos anos, com os desdobramentos de uma cultura que marginalizou os afrodescendentes no pós-abolição, enfim, o processo de discriminação que os afrodescendentes sofreram

em Siderópolis foi o resultado de um sistema racista que se rearticulava cotidianamente.

Para estruturar esse capítulo além da revisão bibliográfica, sobre teorias de domínio amplo e referências produzidas sobre a cidade de Siderópolis, analisei também fontes documentais referentes ao decreto de criação da Sociedade Cultural e Recreativa Cinco de Junho, que me permitiu compreender a maneira como foi organizada e os valores e a missão daquela sociedade recreativa. As poucas fontes documentais que remetem a década de 1980 sobre a Sociedade Recreativa Cinco de Junho, pode ser repensada através das entrevistas realizadas com dois pioneiros na criação da sociedade recreativa, e trouxeram falas bem interessante para compreensão de quais suas necessidade e objetivos enquanto afrodescendentes naquele contexto.

Todas as fontes, documentais e orais, me ajudaram muito a repensar como era aquela sociedade da década de 1970 e 1980 em Siderópolis e de como os sujeitos afrodescendentes tiveram suas experiências, como foram repensando seu cotidiano, suas práticas e táticas de resistência, sua solidariedade, sua identidade e de como se sentiam representados em seu movimento. Essa sociedade recreativa,

que ainda existe com outra denominação[5] e que durante todos esses anos se rearticula de diferentes formas é sem dúvida um dos referenciais de visibilidade para alguns afrodescendentes da cidade.

O segundo capítulo, "Experiências e trajetórias: o mundo do trabalho", se apoiará nas referências que narram a história do município e também nas referências sobre cidades vizinhas, como Criciúma, que tem uma trajetória semelhante a de Siderópolis, se analisada no âmbito da economia carbonífera. Para refletir sobre a ideia produzida sobre a cidade de Siderópolis, alguns autores foram pontuais, como Ronaldo David, Nilso Dassi, Olinda Rodrigues, Mariane Aléssio da Silva e Thaize Possoli, essas obras se desdobram entre historiadores, os mesmos me fornecerem alguns dados importantes para pensar a minha pesquisa. Outros autores que escreveram sobre a história da mineração em Santa Catarina serão utilizados, como, Carlos Renato Carola, Terezinha Gascho Volpato, Dorval do Nascimento, Roseli Terezinha Bernardo, José Paulo Teixeira, Michele Cardoso e Juliana Krauss.

Analisando a trajetória dos trabalhadores da CSN na cidade, pude compreender que muitos deles vieram para

---

[5] Movimento de conscientização negra Cruz e Souza.

trabalhar na construção da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina e do túnel, em 1943, através da Construtora Socimbra, se estabelecendo em Siderópolis, mesmo que de maneira passageira, deixando um pouco de si nessa cidade. As escritas revelam que há nesse momento uma dinâmica sobre os sujeitos que circulavam pela cidade. Com o término da construção do túnel, a maioria desses trabalhadores saíram da cidade, outros permaneceram, talvez até buscando emprego na CSN que era uma grande contratadora de mão-de obra. Aos poucos o contingente de afrodescendentes foi aumentando, devido ao fato de a CSN começar a funcionar de maneira efetiva, e é a partir desse fato e dessas experiências de trabalhadores afrodescendentes que esse capítulo vai sendo composto.

No local de trabalho, na Vila Operária, nos clubes recreativos, no clube de futebol, são nesses espaços que as experiências de homens e mulheres comuns vão se construindo. Nesse capítulo enfatizarei as suas experiências no trabalho e na vila operária. O ambiente de trabalho é um lugar importante para compreender que espaços ocupavam os afrodescendentes nos diferentes cargos que existiam na CSN, e também para refletir a distribuição desses cargos pensando como era o contexto sócio cultural estabelecido aos afrodescendentes, entre essas décadas. A vila é outro espaço

para analisar como as famílias viveram e como era sua rotina, sua morada, suas relações e seu cotidiano.

Dentre tantas questões para serem pensadas sobre a construção da cidade a questão cultural e das identificações, que foram sendo representadas, são importantes para percebermos como os grupos e os indivíduos entendem esse processo e como lidam com a diferença presente na cidade. Assim como o historiador Nilso Dassi ressalta que a cidade foi a única derivada de sua primeira colônia que perdeu sua identidade, ele não identifica que a identidade é dinâmica e que pode ser reconfigurada a partir de diferentes processos que possam contribuir para sua formação, pois sua visão historiográfica faz parte do hall de historiadores que acreditam na construção de um estado branco, civilizado e europeu. Mas essas ideias sobre identidade pura, original, são um atraso, contudo se pensadas em um âmbito nacional, como pontua Hall,

> A identidade nacional e homogeneizadora bloqueia o contato, teoricamente, com outras identidades que constroem a nação, mas que muitas vezes não fazem parte da política dominante. [...] A identidade nacional é também muitas vezes simbolicamente baseada na ideia de um povo puro, original. (HALL, 2003, p. 56)

Uma sociedade não se forma de indivíduos iguais, nem de identidades iguais, uma cultura nunca é pura, é possível percebermos a hibridização de culturas dentro de uma sociedade.

A busca pela ressignificação da história da cidade se dá, também, pela forte presença da cultura Italiana evidenciada e propagada, responsável por uma formação identitária na cidade, presente no imaginário social e nas narrativas sobre a mesma. As produções sobre a história da cidade enaltecem o imigrante italiano como grande herói na construção da cidade, as outras referências que dão abertura para a presença de diversos sujeitos na cidade, sobretudo os da mineração, fazem uma "análise" muito superficial sobre os trabalhadores afrodescendentes nesses espaços. A chegada e trajetória dos afrodescendentes na cidade não se separa da história econômica e cultural, o que os torna tão importantes quanto os outros trabalhadores.

O mundo do trabalho (da mina), e de moradia (da vila operária) são dois espaços indispensáveis para perceber como se estabeleciam as relações sociais, ocupados pela diversidade eram nesses espaços que os sujeitos também determinavam a vida cotidiana, não há memória que não tenha passado por eles. Esse cenário foi revelado através de referências bibliográficas sobre a cidade, onde pude analisar como eram as características

da cidade e de como é narrada a presença dos afrodescendentes nesses espaços, através das imagens que me ajudaram a perceber como os afrodescendentes eram representados nos espaços da cidade e das falas obtidas nas entrevistas, o que me permitiu pensar as diferentes experiências vividas por esses sujeitos.

Uma das abordagens desse trabalho é sobre as experiências vivenciadas por trabalhadores afrodescendentes na cidade de Siderópolis e de como esses trabalhadores se constroem nesse espaço. Quando utilizada a palavra trabalhadores de uma maneira generalizada, como se representasse apenas trabalhadores homens, gostaria de enfatizar que a presença de homens na mineração era majoritária, mas que as mulheres, assim como as crianças, deram também a sua contribuição nesse meio de trabalho. Muitas mulheres trabalhavam como escolhedeiras de carvão, (selecionavam ou escolhiam o carvão manualmente) na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), sua contribuição para o andamento daquela economia foi indispensável como enfatiza o historiador Carlos Carola,

> Parece que a indústria do carvão "surgiu, cresceu e desapareceu sem a participação dos trabalhadores". Não somente porque [as mulheres] trabalharam nas minas, mas também porque foram elas que assumiram,

> exclusivamente, os trabalhos da casa, o cuidado das crianças e a comida na mesa. Sem o trabalho doméstico, o homem não suportaria trabalhar no "subterrâneo das trevas" e a indústria carbonífera não teria se viabilizado economicamente. (CAROLA, 2002, p. 23)

Para contribuir na compreensão das experiências desses afrodescendentes nos espaços de trabalho e na vila e poder pensar elas dentro do contexto histórico analisado, o trabalho foi um pouco mais minucioso. Em um primeiro momento eu necessitava saber de onde eles vinham, onde se estabeleciam, qual trabalho exerciam. Comecei então analisando os registros de nascimento do Cartório municipal, Cartório Registro Civil Tabelionato Freccia, fiz uma análise de 16 anos, entre 1939 e 1955. Escolhi analisar alguns anos antes da instalação da CSN para poder perceber se havia de fato um aumento de registros de afrodescendentes a partir da instalação da CSN, e isso foi possível perceber, e de como essa presença se deu em uma década na cidade. Além de constatar de quais regiões esses sujeitos vinham, eu também tive um facilitador nessas buscas, pois além da indicação da profissão dos pais, havia o registro de cor, e foi através dos indicativos entre a cor morena, cor preta e cor parda que eu pude caminhar pela minha pesquisa.

Outras fontes que me ajudaram nessa reconstrução foram as imagens encontradas no Arquivo Público e Histórico

Amadio Vettoretti, em Tubarão, há muitos arquivos sobre a CSN, documentos diversos de contratos de trabalho, relatórios, decretos e fotografias, dessa pesquisa me utilizei apenas das imagens referentes a construção da Vila Operária no Bairro Rio Fiorita, e outras que retratavam o mundo do trabalho e do lazer, algumas trazendo a presença dos afrodescendentes. Essas fontes iconográficas me ajudaram a pensar como era retratado o afrodescendente naquele contexto contribuindo para refletir sobre a representação do afrodescendente nos diferentes espaços. Em Siderópolis, existem duas pessoas que tem um grande acervo de fotos disponibilizados online, em rede social (Facebook), o de Ronaldo David e o de Rogério Dalsasso, nesses dois acervos online, há uma variedade de fotos, onde pude encontrar maior representatividade dos afrodescendentes e utilizar na construção do meu trabalho.

Entrevistei duas pessoas, as lembranças reveladas por elas foram muito importantes para pensar a presença e as experiências dos afrodescendentes na cidade. Essas memórias são uma base de reconstrução para a história da cidade através de um novo olhar, e não como o passado em si, os ditos e não ditos são pontos importantes para serem pensados quando o entrevistado fala e qual o significado que eles tem nessas experiências vividas.

No terceiro capítulo, “Experiências e trajetórias: os espaços de sociabilidade”, farei uma apresentação sobre os espaços de lazer que eram frequentados pelas pessoas que moravam na cidade, enfatizando as experiências dos afrodescendentes nesses espaços, farei também uma reflexão sobre um dos clube de futebol da cidade e a presença de jogadores afrodescentes nele. Esses clubes recreativos eram criados com a intensão de confraternização aos seus funcionários, como descreve David, “Para o lazer do funcionário e para haver a necessária confraternização e companheirismo, a direção da CSN promoveu a construção de sedes para clubes nos vários micro- bairros, com associações esportivas organizadas a partir de 1945” (DAVID, 2015 .p, 81), tanto os clubes quanto o time de futebol tinham uma ligação direta com a CSN.

Dentre todos os clubes criados na cidade, dois tiveram destaque maior, o Clube Recreio do Trabalhador, e a Sociedade Esportiva Recreativa União Mineira, ambos no bairro Rio Fiorita. O mais interessante é que já havia a presença de dois clubes para diferentes públicos, já havia a necessidade de existirem esses diferentes espaços. Sabe-se que em cidades vizinhas a distinção racial feita nos clubes era uma prática, quando não eram banidos na entrada, havia um lugar reservado para os afrodescentes dentro do clube.

Situada no bairro Rio Fiorita, havia a Sociedade Esportiva Recreativa União Mineira, esse clube era frequentado em sua maioria pela população de afrodescendentes da cidade, que trabalhavam na CSN e também pelos que não trabalhavam, a presença de brancos também existia nesse clube, mas era minoritária. O Recreio do Trabalhador foi criado pela CSN, ficava localizado no Bairro Rio Fiorita, e era destinando aos seus trabalhadores para realização de vários eventos da CSN e outras atividades. Apesar de o Clube ser aberto aos seus sócios, e apesar de grande parte de seus funcionários serem sócios, foi considerado um lugar frequentado pela elite e pelos brancos.

A diferença simbólica dos espaços me fez entender que esse território, a Sociedade Recreativa União Mineira, era também um espaço de resistência, afinal, se os espaços eram para “todos”, mas na verdade não eram, se brancos e não brancos “eram tratados como iguais”, esse território só trouxe questionamentos para pensarmos sobre as questões de poder e tensões dentro daquela sociedade. A iniciativa do grupo de afrodescendentes em reivindicar um lugar para si naquela sociedade demonstra o quanto eles necessitavam de um espaço onde pudessem se auto afirmar e resistir a um sistema estrutural de racismo no país.

Essa narrativa sobre a diferenciação nos espaços de sociabilidade é comentada em algumas produções sobre a história da cidade, mas apenas como um dado e não como algo a ser problematizado, a negação do racismo faz com que fatos como esses sejam simplesmente invisíveis, pois afinal o mito construído em cima de uma identidade mineira única e partilhada pelos seus trabalhadores é ainda mantida em muitas narrativas. Pensar a identidade nesses diferentes espaços é difícil, pois por muito tempo se criou uma visão sobre a identidade mineira que parecia abarcar todas as diferenças, mas isso não foi possível, com certeza muitos dos afrodescendentes também se identificavam com a identidade mineira, mas suas identificações iam além disso.

Vejo esse espaço, do clube dos afrodescendentes, como um espaço de solidariedade entre eles, onde se reuniam, sentiam-se representados e fortalecidos, vejo esse clube como um território que os deu visibilidade. Quando penso em território, tomo como referência a definição de Ilka Boaventura Leite:

> O território negro aparece, então, como o elemento de visibilidade a ser resgatado. Através dele, os negros, isolados pelo preconceito racial, procuraram reconstruir uma tradição centrada no parentesco, na religião, na terra e nos valores morais cultivados ao longo de sua descendências. A tradição negra tem

> sido comprovadamente o próprio enfrentamento, a resistência cotidiana, a luta pela recuperação da auto-estima. Tanto nas áreas rurais como nas periféricas e urbanas, os negro consolidam sua identidade social através da demarcação simbólica, expressa por uma fronteira étnica que é construída ao longo de anos de resistência e em específicos e diversos contextos: na casa, na vila, no bairro, no clube, no bar. (LEITE, 1996, p.50)

A estruturação da cidade com avinda da CSN, modificou todo seu espaço ambiental, habitacional e consequentemente cultural, a companhia "dava" aos funcionários "tudo" o que eles "precisavam", inclusive diversão. A rotina árdua do mineiro, seu trabalho insalubre, uma vida doméstica difícil e simples, geravam uma rotina de estresse e desânim, o lazer era a saída, os clubes recreativos e os clubes esportivos animavam o contexto daquela sociedade,

> A partir de 1943 a direção da estatal procurou fornecer meio de lazer e diversão aos trabalhadores. Uma das formas foi apoiar a estruturação de equipes de futebol, e assim surgiram várias agremiações, como formato de clubes recreativos, com sedes onde se reuniam e praticava, dança ou jogos. (DAVID, 2015, p.117)

Seis clubes esportivos e recreativos foram criados na cidade, os mais estruturados eram o Clube Atlético Clube Siderúrgica, dirigido por funcionários da CSN, já o Clube

Sociedade Recreativa União Mineira, que representava os funcionários afrodescendentes, quase que exclusivamente mineiros. O Atlético Clube Siderúrgica, que futuramente seria o Itaúna Atlético Clube, fundado por um grupo de mineiros, foi ganhando espaço no cenário futebolístico da região, participando de campeonatos promovidos pela LARM (Liga atlética da região Mineira), como os outros times foram perdendo seu espaço o de maior destaque representando a CSN foi o Itaúna Atlético Clube, jogar nesse time significava status para muitos dos operários e havia uma presença significativa de jogadores afrodescendentes nele.

Darei destaque as experiências dos afrodescendentes no Itaúna Atlético Clube, interpretando essas trajetórias no futebol, como um espaço de visibilidade aos afrodescendentes da cidade. Para perceber como se deram essas experiências tive como fonte, além das referências bibliográficas e das fontes iconográficas, há a entrevista de um dos ex- jogadores do Itaúna Atlético Clube.

Para construir esse último capítulo, fiz uma revisão bibliográfica sobre temas relacionados as experiências, espaços de sociabilidade, cultura, identidade, territórios de afrodescendentes no Sul do Brasil, utilizando alguns autores como, Paulino Cardoso, Maria Das Graças Maria, Júlio César da Rosa, Juliana Krauss, Ilka Boaventura Leite, entre outros

autores já mencionados. Para refletir sobre a presença doas afrodescendentes no futebol brasileiro, utilizei o autor Marcelo Diego Tonini. As duas entrevistas já citadas para o segundo capítulo, também foram reutilizadas para esse terceiro capítulo, mas com enfoque em outras questões.

Para analisar as experiências dos afrodescendentes no futebol, entrevistei um ex- jogador do time Itaúna Atlético Clube, que revelou suas experiências no time e no cotidiano da cidade. As fontes iconográficas obtidas pelos “acervos” online, também contribuíram para pensar a representação dos afrodescendentes nesses espaços, o documento referente ao estatuto de criação do Itaúna Atlético Clube também foi analisado e contribuiu para compreender aquela associação e sua organização. A revista criciumense chamada Bolão do Criciúma também contribuiu para construção desse capítulo, a mesma retratava um pouco do futebol criciumense e da região, revelando muito sobre a representação dos jogadores e ex-jogadores afrodescendentes naquele período.

Todas essas fontes me ajudaram a reconstruir as experiências dos afrodescendentes nos diferentes espaços da cidade, analisadas de acordo como o contexto em que estavam inseridos, mais que isso, como se manifestaram nesse contexto, apresentando os personagens afrodescendentes como construtores de uma história de resistência, de visibilidade num

período tão difícil da história do país, com governos que primeiramente tinham um plano de nacionalização excludente e homogeneizador, no sentido mais superficial da palavra, e posteriormente uma ditadura esmagadora da diferença.

Esse trabalho foi o resultado de uma revisão bibliográfica, da interpretação das fontes orais, e também da análise de diferentes fontes (registro de nascimento, fotografias, imagens, revista, ata, estatuto). Foram fontes que me ajudaram a repensar essa trajetória dos afrodescendentes na cidade de Siderópolis por um caminho inverso dos que já foram feitos, e foi isso que me instigou mergulhar nos subterrâneos, nas reminiscências, nos silêncios, na invisibilidade que tanto me ofereceu, sobre pessoas comuns.

Essa pesquisa me permitiu repensar o papel do historiador, sobretudo de como ver o tempo, o passado (que muitas vezes não passa), ou de como podemos agir sobre o passado. Nessa busca de fontes e de testemunhos, sei que ficaram lacunas, pois é impossível apreender tudo. E esse trabalho não se trata de uma narrativa sobre a verdadeira história dos afrodescendentes em Siderópolis, pois a verdade não é um fim em nenhuma pesquisa histórica, pois como nos ensina Certeau, a história é um lição de modéstia, “A História nunca é certeza”. Espero que esse trabalho possa contribuir para a construção de muitos outros e que seja também

repensado e discutido. Sei também que nós historiadores, sempre somos motivados por questões diferentes nas nossas pesquisas e escritas e que a neutralidade não pode ser exigida de nós.

Embora as narrativas sobre a cidade não tenham conseguido trazer as trajetórias e experiências dos afrodescendentes para o debate, como sujeitos históricos, esse fato também revela a maneira como esses historiadores enxergam a cidade, quem eles registram como importantes para serem narrados. Esses autores também são fundamentais para construir esse trabalho, pois foi também, através de suas faltas que pude reconstruir a minha narrativa. A escrita da história também é reveladora, e também merece ser historicizada, como escreve Certeau,

> O real que se inscreve no discurso historiográfico provém das determinações de um lugar. Dependência com relação a um poder estabelecido em outra parte, domínio das técnicas concernentes às estratégias sociais, jogo com os símbolos e as referências que legitimam a autoridade diante do público são as relações efetivas que parecem caracterizar este lugar da escrita. (CERTEAU, 1982. p.16)

Sendo assim pesquisar sobre as experiências dos afrodescendentes que se estabeleceram em Siderópolis, apresentar suas movimentações, seus espaços e territórios de

visibilidade, é problematizar as diferente formas de se de historicizar, é atentar para o fato de que a Historiografia Catarinense foi narrada tendo como plano de fundo uma construção de perfil de um estado europeu e embranquecido, que negou a sua diversidade e ajudou a perpetuar as práticas racistas de uma cultura construída no Brasil para a sustentação de privilégios de elites dominantes.

Gostaria que esse trabalho envergado pela narrativa histórica de pessoas comuns, que constroem a história com suas experiências cotidianas, estimulasse outras escritas também sobre pessoas comuns, invisibilizadas na história, e que sejam cada vez mais recorrentes no meio acadêmico. Que sirva como uma motivação acadêmica e pessoal de desconstruir as diferentes histórias e desconstruir a si mesmo.

1. ANTIRRACISMO E NEGRITUDE

> Não sou descendente de escravos. Eu descendo de seres humanos que foram escravizados!
> Makota Valdina

Pensar a Negritude é pensar em todos os caminhos que levaram a ela, por isso considero importante trazer nesse capítulo abordagens de alguns outros conceitos para entendê-la. Compreender como o mundo foi se reconfigurando também através de teorias raciais desde o século XV, diferenciando os seres humanos através de raças e assim colocando-os como inferiores e superiores, compreender quais os desdobramentos que esses conceitos geraram para os africanos e para todos os seus descendentes, de como o Brasil não escapou dessas teorias. Teorias raciais que ainda refletem na sociedade do século XXI gerando práticas racistas, na maioria das vezes de maneira velada, e reinventando mecanismos para a manutenção da desigualdade social no Brasil.

A condição dos afrodescendentes no Brasil, no pós-abolição é um fato importante para pensarmos como eles foram se estabelecendo na sociedade enquanto libertos e como foram se reinventando e se reconfigurando naquele contexto social. Mas a priori, devemos ter consciência de que o Brasil foi um país que operou um sistema escravocrata do século XVI ao

século XIX, e que se fundamentou na exploração e na desigualdade. Contudo não podemos resumir a história da escravidão no Brasil apenas como uma história econômica, esse sistema tem uma importância simbólica e estrutural na construção cultural para a sociedade brasileira, e foi sendo estruturado ao longo de mais de 300 anos de escravidão deixando seus resquícios após a abolição da escravatura.

Esses sujeitos afrobrasileiros são frutos dos sujeitos da diáspora africana, sujeitos diversos, que vieram de lugares diferentes, tendo culturas diferentes, que tiveram múltiplas experiências no seu caminho, na própria África e foram se reconfigurando de diversas maneiras nesse espaço desconhecido, eles também puderam mostrar sua importância na construção desse Novo Mundo (GILROY, 2001). Portanto, não podemos resumi-los apenas a sua condição de escravos, mas pensa-los como sujeitos plurais que ao longo de suas vidas tiveram diversas experiências e que uma delas foi a da escravidão. Apenas quis apresentar nesse pequeno parágrafo de quão vasta são as experiências e trajetórias desses sujeitos e que torna-los sujeitos simplistas e fazer generalizações sobre os mesmos seria um equivoco.

Pensar a negritude no Brasil é pensar também a branquitude, precisamos perceber como o branco percebe a si e ao não branco, sendo a identidade e a noção de raça uma forma

importante de entender os posicionamentos e as características que cada grupo utilizou para si nos diferentes contextos sociais. Não será a branquitude meu foco nesse trabalho, mas considero importante fazer uma breve reflexão sobre ela, discutindo-a como um mecanismo de articulação presente no país para perpetuação do racismo e da desigualdade social.[6] É em torno dos conceitos sobre teorias raciais e suas implicações sociais que traçarei esse capítulo. Pretendo em um primeiro momento trazer conceitos imprescindíveis para compreender as questões de relações sociais e raciais que se formaram e cristalizaram a nível global e nacional, posteriormente discutir o Movimento Negro Brasileiro e como o conceito de negritude se define dentro dele, nas suas diferentes discussões, posicionamentos, enfrentamentos, identificações e ações.

É a partir dos movimentos de afrodescendentes que será discutida a criação da Sociedade Cultural e Recreativa Cinco de Junho, em Siderópolis, refletindo sobre as condições dos afrodescendentes no contexto social de Siderópolis e suas motivações para se constituírem enquanto um grupo identitário

---

[6] O termo relação social, não condiz com a produção científica sobre o tema, porque trata do problema negro (Bento, 2002, p 44), esquecendo, silenciando, invisibilizando o branco. Em síntese, isso tudo significa que o modo de pensar da razão dual racial produz uma epistemologia sobre o negro. Portanto o ato de produzir teoria racial significa visibilizar o branco e pensar somente a respeito do negro de forma geral. (CARDOSO, 2004, p.70)

e não somente isso, mas como um grupo disposto a mudar sua condição social através de uma unidade e de uma representação, que primeiro precisava se articular, se repensar e depois agir como um movimento antirracista dentro daquela sociedade.

1.1 NEGRO SIM! A NEGRITUDE EM QUESTÃO

> O preconceito, a injustiça, a discriminação e a violência em relação ao "Outro", baseados nessa "diferença cultural" hipostasiada, passou a ocupar seu lugar, junto com racismos mais antigos, fundados na cor da pele ou na diferença fisiológica, originando como resposta uma "política de reconhecimento", ao lado das lutas contra o racismo e pela justiça social. Stuart Hall

Proponho nesse primeiro momento, apresentar três conceitos para entendermos como as teorias raciais foram tomando "sentido" e espaço no mundo e posteriormente para percebermos como o Brasil também é englobado por esses conceitos. Elaborei uma tabela para simplificar esses conceitos nos diferentes contextos sociais:

Tabela 1: Revisão sobre a elaboração das teorias raciais.

Século XVI	Há o encontro entre europeus, indígenas, africanos e asiáticos e desse encontro surge a "necessidade" de classificar e definir a humanidade.
Século XVI e XVIII	As definições raciais são elaboradas e embasadas pela teologia, que passa a definir o que é humanidade e quem faz parte dela.
Século XVIII	Nesse século surge a teoria monogenista: A espécie humana era apenas uma, portanto haveria apenas uma humanidade. Os humanos eram pensados pelo grau de maior ou menor perfeição e a espécie humana era apenas uma e se aproximava de maior ou menor aperfeiçoamento através de sua evolução. É nesse século que a cor de pele foi um dos critérios de classificação da humanidade de três cores estabelecidas: branca, amarela e negra.
Século XIX	Nesse século surge a teoria poligenista: que defendia a existência de diferentes origens e criações, remetendo a "diferenças raciais" no aspecto de cultura e fenótipo. É dessa vertente de pensamento que surge a ideia de raças biologicamente diferentes reforçadas pela construção da ideia de Darwinismo Social.
Resumindo	Foi no século XIX que as teorias raciais se cristalizaram e foram legitimadas, baseadas em uma visão errônea da biologia humana, dividindo a humanidade em diferentes raças.
Século XX	Com o avanço das ciências biológicas, a raça como realidade biológica passou a ser negada, não existente, pois marcadores de uma determinada raça poderiam ser encontrados em outras. Pretos, brancos e amarelos não tem marcadores genéticos que os diferenciam. [7]

[7] A tabela 01 foi criada de acordo com as informações do texto, SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.** Tese de Doutorado e Psicologia. Universidade de São Paulo- instituto de psicologia. (USP) São Paulo 2012.

O autor Kwame Appiah, faz um reflexão sobre as produções de dois autores, que ele considera pan-africanistas, sobre suas diferentes concepções sobre a África e sobre os sujeitos em condição de diáspora africana. Ele analisa as teorias e produções de Alexander Crummell e de W.E.B Du Bois e traça importantes reflexões para pensarmos como as concepções de raça foram sendo pensadas por eles. O primeiro conceito que abordo é o de Crummell, do século XIX, onde ele define que,

> Uma raça, isto é, uma população compacta e homogênea de uma única ascendência e linhagens sanguíneas (...) as raças tem sua individualidade. Essa individualidade está sujeita, em todas as épocas, às leis da vida racial. Essa vida racial, em todo o globo, mostra uma invariável propensão, na totalidade dos casos, a integração do sangue e a permanência da essência (...) há certas tendências, vistas por mais de duzentos anos, em nossa população, que indicam propensões estabelecidas e determinadas e mostram, se não estou enganado, o destino das raças. (...) o princípio da raça é uma das coisas mais persistentes na constituição do homem. (APPIAH, 1997, p.29)

É refletindo sobre essa ideia de Crummell que podemos ver que ele não deixa explícito dentro de suas ideias a diferenciação das raças, sob um aspecto biológico.

Appiah, traz conceitos que ele considera crucial, para refletir sobre o teor do racismo do século XIX, primeiro ele discute o racialismo,

> Existem características hereditárias, possuídas por membros de nossa espécie, que nos permitem dividi-los num pequeno conjunto de raças, de tal modo que todos os membros dessas raças compartilham entre si certos traços e tendências que eles não tem em comum com membros de nenhuma outra raça. Esses traços e tendências característicos de uma raça constituem, segundo a visão racialista, uma espécie de essência racial; e faz parte do teor do racialismo que as características hereditárias essenciais das "Raças do Homem" respondam por mais do que as características morfológicas visíveis- cor da pele, tipo de cabelo, feições do rosto- com base nas quais formulamos nossas classificações informais. (APPIAH, 1997, p. 33)

Essas são as ideias centrais para pensarmos em uma sociedade do século XIX que trazia no centro da discussão de raça a ideia de uma essência racial, que ultrapassava um referencial fenótipo, contudo, esse essencialismo implicava em predisposições morais e intelectuais, que mais diferenciavam do que respeitavam as diferenças, pensando no sentido racialista.

Já nas reflexões sobre os escritos de Du Bois, o autor percebe uma proposta da concepção de raça com um aspecto

sócio-histórico. No centro da noção de raça, Du Bois afirma que raça é, “uma vasta família de seres humanos, sempre de história [e] tradições comuns.” (APPIAH, 1997, p.57). Mas Du Bois não consegue fugir da noção de raça como biológica, pois para ele essa família pressupões traços comuns e ascendência comum, e acaba optando por admitir que a cor era sinal de uma essência racial, mas nega que as aptidões de alguém dessa raça (cor de pele escura e cabelo encaracolado), fossem inferiores aos de pele branca e de cabelos lisos, repudiando a ligação entre capacidade cultural e morfologia grosseira.

Ambos os autores discutidos por Appiah tiveram suas contribuições e são frutos de seu tempo e das informações e experiências que tiveram, mas sua contribuição foi sensibilizar os afrodescendentes além da África para uma solidariedade racial. Já não restam dúvidas de que todos nós seres humanos descendemos de uma população original, provavelmente africana, embora a ciência tenha contribuído com suas pesquisas de maneira a afirmar que não há evidências contundentes para diferenciar pretos, brancos e amarelos, esse imaginário sobre um mundo dividido em raças e tudo o que o rodeia sobre superioridade e inferioridade é culturalmente forte e mantido por muitas práticas sociais.

No Brasil a ideia de raça aparece no século XIX, influenciada pelo pensamento europeu, com a explícita ideia de

raça no sentido biológico, e com as características que definem e hierarquizam as raças humanas como inferiores (não brancos) e superiores (brancos). Uma das propostas mais conhecidas sobre o processo de mestiçagem no Brasil é a obra do sociólogo Gilberto Freyre, Casa Grande e Senzala. A essa obra é atribuída a matriz da ideia sobre a democracia racial no país,

> Essas ideologias possuem em comum o fato de elogiarem a colonização lusitana, ou seja, os portugueses possuiriam uma propensão especial para se relacionarem com os povos de culturas diferentes e disso resultaria que as sociedades por eles colonizadas não apresentariam práticas de racismo, como aconteceu nos Estados Unidos e na África do Sul, vividas sob o jugo da colonização britânica. Um exemplo de sucesso da colonização portuguesa seria o próprio Brasil. (CARDOSO, 2004, p. 44)

Nesse sentido, as ideias lançadas nessa obra subentendem que o racismo não seria uma prática recorrente no Brasil devido a essa facilidade de se relacionar dos portugueses e seus descendentes, mas isso não foi o que aconteceu no país. A história das relações raciais no Brasil é desigual, tensa e nada democrática, pois nossa sociedade é hierarquizada é essa hierarquia foi construída também sobre a ideia da superioridade da raça. A essa teoria da democracia racial de Freyre atribuiu-se uma análise e alguns pensadores passaram a entendê-la como algo nada democrático, atribuindo uma releitura das

atribuições sobre essa teoria classificando-a como o mito da democracia racial[8]. Kabengele Munanga exemplifica um pouco essa questão,

> O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades. A desigualdade racial entre negros e brancos que aparecem na televisão é muito grande, além de o negro ser incluído de forma excludente e, em geral, no exercício de papéis subalternos. (MUNANGA, 2004: 89)

Como reflete Munanga, essa teoria encobre a verdadeira situação dos afrodescendentes no país, que não é a da democracia, mas a da desigualdade. Contudo, Gilberto Freyre

---

[8] Florestan Fernandes é o mais expressivo sociólogo brasileiro de sua geração (Guimarães, 2005, p.100) e cunhou a expressão mito da democracia racial, em uma crítica direta à ideia de relação inter-racial harmoniosa no Brasil (Guimarães, 2005b: 119-140). Vale ressaltar que a Integração do Negro é fruto do trabalho anterior realizado por Florestan Fernandes e Roger Bastide - As palavras de Florestan Fernandes poderiam ser resumidas da seguinte forma: o preconceito de raça existe no Brasil, portanto, a idéia de harmonia racial não passa de um mito.” (CARDOSO, 2004, p. 48-49)

também contribuiu para enfraquecer a ideia de determinismo racial biológico, sendo que ele trazia o termo cultural ao invés de racial, mas sua análise estava atrelada de contradições e mesmo assim tratava uma cultura como atrasada e outra como adiantada, ou seja, ele hierarquizava a sociedade brasileira em termos culturais, que tinha seu embasamento em termos raciais.

A leitura feita sobre a ideia de mestiçagem e de democracia racial de Gilberto Freyre pensou a sociedade brasileira como uma sociedade mestiça (mas isso tinha como fim o embranquecimento social), contribuindo para que o retrato do Brasil não fosse representado com proximidade de sua realidade, e foi também a partir desse mito que se configurou a ideia de um Brasil mestiço e democrático. Posteriormente a mestiçagem foi rebatida pelos afrodescendentes que negaram essa nomenclatura e então passaram a defender uma identidade negra, essa postura identitária que se caracterizou como uma estratégia de luta antirracista através de vários movimentos sociais dos afrodescendentes no século XX. A sociedade brasileira é marcada pelo preconceito de cor e pela discriminação racial, que é a prática do preconceito, essa discriminação racial é o que também caracteriza privilegiar uma raça em detrimento de outra, o que conhecemos como racismo.

Mesmo com todas as teorias em oposição à ideia de raça e da confirmação científica de que todos nós, seres humanos, temos uma origem comum, entendemos que a ideia de raça é uma construção sócio-histórica muito forte e ainda deixa resquícios na cultura da sociedade brasileira. O pensamento racial está arraigado na estrutura social e cultural e no modo como os sujeitos se constroem socialmente, se pensarmos essas questões no século XX essa visão era inda mais forte. Pensar a raça, no século XIX é indispensável para compreender as relações sociais mais cotidianas, estudos apontam o racismo e a discriminação racial como a explicação mais sólida para as desigualdades raciais no Brasil. (SCHUCMAN, 2012, p. 14). Essa discriminação racial, como cita a autora Lia Vainer Schucman, é resultado da valorização do branco, de seus referenciais na sociedade, mas também de seus discursos que propagam a democracia racial e o embranquecimento. Nesse sentido, esses conceitos e pensamentos que são discursados ao longo dos séculos de diferentes formas, tiveram um grande papel na construção de uma sociedade hierarquizada, racializada e desigual.

Esses discursos racializados, possibilitam aos favorecidos, os brancos, uma forma de se manterem em lugares privilegiados dentro da sociedade brasileira, hora por que a raça branca é tida como superior e os conferi lugares de

privilégio social, hora por que a sociedade é democrática em termos raciais e logo não há o que denunciar, portanto continuam privilegiados os brancos. Surge então a partir dessa perpetuação secular de privilégios brancos pensar, o que é ser branco e porque sê-lo confere tais privilégios.

No Brasil o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos foi o primeiro a pensar a ideologia do branqueamento na sociedade brasileira, para o próprio branco. No ano de 1957, o autor publicou o livro, A patologia social do "branco brasileiro", essa patologia que se refere o título do livro em síntese é, a negação de qualquer ascendência miscigenada cultural e biológica mesmo as possuindo, em resumo é negado qualquer fator de miscigenação com outra raça, é a patologia da negação. Lourenço Cardoso reflete sobre essa negação,

> Por outras palavras, o brasileiro no geral considerava vergonhosa qualquer associação à sua descendência negra, seja no âmbito cultural ou biológico. Esse autor, irá sustentar que devido ao passado considerado "positivo" da história da identidade racial branca – a história de uma aristocracia econômica e intelectual – faz com que ocorra a tendência que o pardo fosse classificado como branco, e os pretos como pardos, resultando em um branqueamento e empardecimento da sociedade brasileira e, por consequência, no desaparecimento da classificação preto. (CARDOSO, 2008, p. 192)

Mas em um país diverso como o Brasil essa “pureza” racial e cultural é algo muito difícil de ser alcançado, portanto essa negação é infundada, mas pode ser pensada pelo fato de ser produzida uma cultura de depreciação e não positivação dos referenciais aos africanos e afrodescendentes, sua negação era a proximidade com os referenciais brancos. A intensão de trazer a visão sobre a branquitude para esse trabalho é também pensar como esses sujeitos adquiriram privilégios simbólicos e materiais, exercendo o papel do opressor em sociedades estruturalmente desiguais.

Para compreender o termo branquitude é preciso uma gama de conceitos, vou começar pelo conceito de etnia que considero importante para pensarmos a sua construção. Stuart Hall define que, “A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de lugar – que são partilhadas por um povo (…) já a raça,

> É uma categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas e corporais, etc.- como marcas simbólicas, afim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2005, 63)

Muitas vezes os conceitos de raça e etnia são utilizados para definição de grupos, mas constantemente quando se fala do branco se usa etnia, e quando se fala do afrodescendente se usa raça.

No Brasil, ser branco não exclui ter sangue negro, mas pele clara, feições europeias, cabelo liso, ser branco no Brasil é uma função social e implica desempenhar um papel que carrega em si certa autoridade ou respeito automático, permitindo trânsito, eliminando barreiras, ser branco não exclui ter sangue negro. (SOVIK, 2009). Portanto pensar nas diferentes construções sociais entre brancos e não brancos e o modo como são representados e significados é interessante para pensar as estruturas sociais no Brasil e a estrutura racista que se construiu no país, desde o colonialismo.

No Brasil se discute muito sobre o que é ser negro, qual sua identidade, sua representatividade, mas pouco se discute sobre o que é ser branco. Eu mesma comecei a pensar sobre a minha brancura, quando comecei a estudar a negritude, antes disso nunca havia me ocorrido pensar qual minha identidade e qual lugar eu ocupo na sociedade e muito menos o que isso representava, confesso que fiquei desapontada, pois não sabia responder o que significava ser branca. Hoje sei que ser branca é também fruto de uma construção sócio-cultural, que estabelece um lugar de trânsito como analisa Liv Sovik, mas

precisei entram em contato com o questionamento sobre outras identidades para questionar a minha. Lia Schucman, atribui essa falta de questionamento sobre identidade e visibilidade ao fato de que os brancos não pensarem sua brancura enquanto raça, mas como natural; normal. Essa invisibilidade racial que o branco tem sobre si mesmo pode ser perigosa na medida em que não se vendo como branco, o sujeito não consegue questionar a si mesmo e o lugar que ocupa socialmente, como um privilegiado [9]. (SCHUCMAN, 2012, p.24). Portanto, pensar a negritude sem pensar a branquitude é fazer uma análise parcial, pois uma sociedade se constrói de relações, pois brancos e não brancos só existem um em relação ao outro.

Acredito ser interessante contextualizar um pouco sobre as teorias racialistas de modo global e pensar em suas ramificações e reconstruções no Brasil. A raça que para alguns é significado de superioridade pra outros traz o estigma da inferioridade, ser afrodescendente no Brasil, por algum tempo significou a não aceitação de sua autoimagem, de sua cor, uma

---

[9] Esses privilégios são entendidos em dois sentidos, no material e no simbólico. No material, os privilégios em ser branco no Brasil, facilitariam o acesso à habitação, à hipoteca, à educação, à oportunidade de emprego, a transferência de riqueza herdada entre as gerações. No simbólico, os privilégios em ser branco no Brasil, são os significados positivos como, inteligência, beleza, educação, progresso, superioridade racial. Esses privilégios muitas vezes não são exercidos de forma consciente ou por estar de acordo, mas por estar inserido em uma sociedade de estrutura racista. (SCHUCMAN, 2012, p 26- 27).

vontade de se aproximar dos referenciais brancos, pois em uma sociedade que marginalizou e rejeitou o não branco, era uma tentativa de fuga de suas características estereotipadas afinal, todos os seus referenciais culturais e estéticos eram negativados.

Contudo a raça para as populações de afrodescendentes no Brasil tem sua ambivalência, se em um momento ela é usada para perpetuar o racismo e práticas de desigualdade, em outro ou concomitantemente ela é usada pra unificação e resistência. Para Du Bois, a única possibilidade para o negro norte americano estar no mundo era com sua negritude. A Negritude no Brasil perpassa pela cor de pele negra, traços físicos, status social e ao passado dos ancestrais africanos, o afrodescendente é remetido a si mesmo pelos outros e desta forma atua no mundo confirmando e produzindo sentidos singulares para negritude. A raça sempre foi o que colocou os afrodescendentes na mesma categoria, sendo assim é através dessa categoria que eles buscaram se ressiginificar, afinal é o próprio racismo que faz com que a raça seja necessária em sua utilização política. **A negritude nada mais é do que tornar a categoria negro como sua identidade para defender a coletividade dos grupos, assumindo um caráter de defesa de si perante o outro, é também uma categoria política.** [grifo meu] (SHUCMAN, 2012). As raças não existem

cientificamente, foram uma construção social, mas essa ideia se perpetua nas práticas sociais e no imaginário da população produzindo discursos em torno dela, semelhantes aos do século XIX e XX.

Após pensar como foram criadas as teorias raciais e como elas influenciaram o Brasil nas características sistemáticas de sua construção, refletirei também, sobre o grupo social que sofreu as piores consequências desse sistema e de como se configurou, em um mesmo contexto vivido, visando à mudança de suas condições sociais reivindicadas através de diferentes maneiras. Será uma reflexão breve, mas ajudará a pensar as diferentes práticas e mobilizações e também dará a possibilidade de compreender os diferentes contextos sociais brasileiros.

Amauri Mendes Pereira busca apresentar uma compreensão geral sobre o MN, embora ele seja diverso, ele define de modo geral que, "o Movimento Negro, se constitui numa legítima forma de expressão, embora não exclusiva, das intensificações frente as desigualdades materiais e simbólicas, geradas pelo preconceito e pela discriminação racial." (PEREIRA, 2013, p.18). Pode ser pensado também como um movimento social, ligado ao processo político-ideológico brasileiro. (PEREIRA, 2013, p.19). Portanto o termo, Movimento Negro no singular reconhece as peculiaridades de

cada entidade criada, mas reconhece um fator comum para enfrentar o racismo vigente,

> Ocupando os espaços políticos, institucionais, intervindo individual e coletivamente (conforme as necessidades e circunstancias) sem dificuldades maiores; e também por que a ideia de Consciência Negra- as narrativas de valorização dos referenciais históricos, simbólicos, estéticos, de matriz culturais africana- constituíram-se num denominador comum, também permanentemente recriado com variadas tonalidade, mas compondo um mesmo campo de significações. (PEREIRA, 2013, p.91)

Quando escrevo sobre Movimento Negro, não remeto apenas as organizações desse grupo nesse no século XX, pois a trajetória do movimento negro no Brasil pode ser pensada em três fases, a primeira (1889-1937), a segunda (1945-1964) e na terceira (1978) [10]. Concordo com Amilcar Araújo Pereira quando ele define que é difícil estabelecer uma cronologia fechada sobre o Movimento Negro Brasileiro, mas mesmo assim tentarei fazer um breve resumo sobre a trajetória dos afrodescendentes e de suas movimentações nos diferentes contextos do século XIX e XX, na tabela a baixo.

---

[10] DOMINGUES, Petrônio**. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos**. 2007.p.23.

Tabela 2: Apresentação de formas de organização dos afrodescendentes no Brasil, nos séculos XIX e XX.

1897- 1926- Surgimento de movimentos de mobilização racial, com a intensão de rever o quadro de marginalização dos afrodescendentes na sociedade. (Entre grêmios, clubes ou associações).	1897- Surgimento da agremiação mais antiga, Clube 28 de Setembro. (SP) 1891- Sociedade Progresso da Raça Africana. (SC)1902- Clube 13 de Maio dos Homens Pretos. (SP) 1903- Centro Literário dos Homens de Cor. (SP) 1906- Sociedade Propugnadora 13 de Maio. (SP) 1908- Centro Cultural Henrique Dias. (SP) 1908- Grupo dramático e recreativo Kosmos. (SP) 1915- Sociedade União Cívica dos Homens de Cor. (SP) 1917- Associação dos Brasileiros Pretos. (SP) 1915- Centro da Federação Homens de Cor. (RJ) 1918- Centro Cívico Cruz e Souza. (SC) 1026- Centro Cívico Palmares. (SP)	Entidades Criadas por escravos libertos e seus descendentes.
1892- Surgimento de uma imprensa representada por afrodescendentes, também conhecida como Imprensa Negra.	1899- O primeiro desses jornais, A Pátria. 1903- O Baluarte 1912- O Combate, 1915- Menelick- 1918- O Bandeirante, O Alfinete, A Liberdade- 1920- A Sentinela-	A comunidade de afrodescendentes tinha necessidade de uma imprensa negra, que trouxesse informações onde não se obtinha em outra parte. Enfocavam as mais diversas mazelas que

	1923- O Getulinho (SP), 1935 – Raça (MG), 1918 - União (PR), 1892- O Exemplo (RS)	afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação, e da saúde, para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira.
Frente Negra Brasileira (FNB) fundada em 1931. Extinta em 1937, com a ditadura do Estado Novo.	Foi a mais importante entidade negra do país, tendo filiais por diversos estados brasileiros (RJ, MG, ES, PE, RS e BA).	Converteu o Movimento Negro brasileiro em movimento de massa superando 20 mil associados. Em 1936, transformou-se em um partido político. Foi influenciada pela conjuntura internacional do Nazismo e defendia um programa político e ideológico autoritário. A FNB não se tornou uma unanimidade no seio das comunidades negras. Ao contrário, como herdeira da tradição militante, era de certo modo refratária aos grupos marginais, assim como as formas de expressão que destoavam de seus valores profundamente influenciados pelas tradições culturais da elite branca dirigente.
1937- 1954- Fase de recuo, mas houve a criações de organizações e nova	União dos Homens de Cor e em 1943- Conselho Nacional das Mulheres Negras 1950	Foi um período de repressão política que não possibilitava qual quer tipo de

retomada da Impressa Negra.	(RS), 1950- Grêmio Literário Cruz e Souza, 1951 Associação José do patrocínio (MG), 1945- Associação do Negro Brasileiro, 1945- Frente Negra Trabalhista e Associação Cultural do Negro (SP), 1944 Comitê Democrático Afro Brasileiro (RJ), Imprensa Negra: 1945- O Alvorada, 1946 O novo Horizonte, 1957- Notícias de Ébano, 1958 O Mutirão, 1960 Níger, 1946- Senzala (SP), 1947-O União (PR), 1950 O Redenção, 1952- A Voz da Negritude (RJ), 1944- Teatro Experimental do Negro, por Abdias do Nascimento no RJ.	manifestação contrária ao Governo, Estado Novo, mas que não deixou de ter a movimentação por parte dos afrodescendentes, com suas mobilizações frente às desigualdades sociais.
1964-1985- Período de Ditadura Militar no Brasil e da proibição de qualquer manifestação de contestação.	Durante esse período todas as manifestações em sentido racial não eram permitidas. Os afrodescendentes eram acusados pelos militares de terem criado um problema que não existia, o racismo no Brasil. Todas as mobilizações dos afrodescendentes desse período viveram na semi-clandestinidade.	Surgiram alguns movimentos, a imprensa ficou intimidada, mas as articulações dos afrodescendentes não foram o suficiente para o enfrentamento com o governo.
1875- 1980-	1978- Aconteceu um	Nesse período, o

Ressurgimento dos movimentos e uma nova base central, de ideias, identidade, ações e políticas.	ato organizado em São Paulo, devido à discriminação sobre quatro afrodescendentes em um Clube da cidade e a morte de um homem em um distrito policial. A partir desse ato, deu-se origem ao Movimento Negro Unificado.	movimento tinha uma formação de orientação Marxista Trotskista. A luta antirracista deveria ser pensada através da luta anticapitalista. Através dessa concepção pensavam o capitalismo como um sistema que alimentava se beneficiava do racismo.[11]

A tabela foi construída até a década de 1980 porque é justamente a década de encerramento de minha análise nesse trabalho, não que em alguns momentos eu não colocarei questões sobre o MN posteriores a 1985, mas penso que aprofundar elas nesse momento seja desnecessário. A cronologia, apresentada na tabela nos ajuda a entender como o MN se articulou nos diferentes contextos sociais tendo suas diferentes formas de se repensar e de se colocar na sociedade, através de suas ações. Apesar das diferentes fases do movimento cada uma delas contribuiu para o seu crescimento e

[11] Essa tabela foi construída com base referencial no artigo, **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos**, de Petrônio Domingos (2007), do livro, **A luta Contra a apatia: estudos sobre a instituição do movimento antirracista na cidade de São Paulo (1915-1931)-2012**, de Paulino de Jesus Francisco e também o livro, **Para além do racismo e do antirracismo. A produção de uma Consciência Negra na sociedade brasileira (2013),** de Amauri Mendes Pereira.

para a forma com que ele atua no século XXI, sobretudo, nas suas conquistas.

Vimos numa primeira fase do MN (1889-1937), ainda muito próxima ao fim da escravidão, que os afrodescendentes buscaram através de organizações como, agremiações e jornais, se afirmarem enquanto cidadãos, afastavam-se da simbologia ligada a cultura africana, acreditando que o acesso a educação ajudaria a acabar com o racismo no país. Temos nesse período a fundação da FNB, umas das organizações massivas de afrodescendentes, mas que apresentava uma postura ainda influenciada pelos valores brancos. Mas não podemos deixar de pensar que foi um período significativo para a organização massiva dos afrodescendentes pensando em sua condição social e em sua visibilidade. Na segunda fase, (1945-1964), o MN pensava ainda na educação como forma de combate ao racismo, mas como forma de se integrar na sociedade, a imprensa e eventos acadêmicos começavam a dar abertura para os símbolos da cultura africana num sentido valorativo, ainda com a ideia de combater o mito da democracia racial. Essa foi uma fase difícil devido ao bloqueio ditatorial, mas uma fase também de mediação e transformação, de algumas aberturas, para pensar a própria negritude posteriormente. Na última fase analisada, (1978- 1980) apresentava uma visão marxista de sociedade como forma de igualdade entre brancos e não

brancos, o termo negro e portanto, a negritude passam a fazer parte da identidade desse movimento, que até então trazia o termo, homem de cor, negro e preto, denunciavam o mito da democracia racial e a valorização dos símbolos da cultura africana foram absolutos, acreditavam que a escravidão e o capitalismo eram as principais causas da marginalização dos afrodescendentes na sociedade e que a política seria uma grande aliada para fortalecê-los, buscavam o poder também para os seus, essa fase do movimento foi bastante emancipatória. Na análise dessas fases é imprescindível perceber que o sujeito que vive é também fruto do seu tempo, e que o MN é constituído por sujeitos que estavam imersos em determinados contextos sociais, como reflete Amauri Mendes Pereira, “Nada está descolado dos contextos mais amplos nos quais estão imersas suas vidas”. (2013, p. 39)

Analisando as fases do MNB, conclui-se que ele caminhou de forma processual e que teve momentos de grande ambiguidade, pressões do perfil de embranquecimento social adotados pelas práticas do governo, recuo devido a ditadura, mas também sabemos que sem toda essa trajetória feita pelo MNB, algumas conquistas dificilmente seriam alcançadas posteriormente, como as políticas de ações afirmativas.

É no contexto do Movimento Negro Brasileiro (MNB), que surgem as principais problematizações sobre as relações

sociais para “além do problema negro”, trazendo as discussões sobre relações raciais na conjuntura social. (PEREIRA, 2013) Afinal, precisavam pensar nas raças, não na raça, nas desigualdades, mas também nos detentores de privilégios, precisavam repensar-se, nas suas formas de atuação, entre outras questões. Foram essas diferentes movimentações pelo país que foram reconhecidas como Movimento Negro, que impulsionaram a luta e visibilidade dos afrodescendentes na sociedade.

Nesse sentido, irei refletir sobre o MN, nas décadas de 1970 e 1980 com maior ênfase, para posteriormente entendermos em que contexto surgiu a Sociedade Cultural e Recreativa Cinco de Junho, em 1985 em Siderópolis e se há uma relação dessa sociedade recreativa com o que estava acontecendo no país, no sentido de movimento nego. O MN se intensificou no final da década (1970), ainda sob o Regime Militar, mas mesmo assim muitas organizações de afrodescendentes aconteciam, em São Paulo, o Centro de Cultura e Arte Negra se formou em 1972, a imprensa ainda agia de forma tímida em São Paulo, em Porto Alegre (RS) nasceu o Grupo Palmares em 1971, no Rio de Janeiro com a juventude de afrodescendentes explodiu o movimento Soul, houve também no Estado no Rio à fundação do Instituto de Culturas Negras em 1976. Mesmo com toda dificuldade de se

manifestar no período ditatorial, os afrodescendentes não deixaram de resistir e de se organizarem e é nessa década que surge dentro do MN uma ideologia uma nova força. Influenciados por movimentos externos de lutas por direitos civis, como as que estavam acontecendo nos EUA, e pelos movimentos de libertação nos países africanos, uma das grandes influências foram os Panteras Negras nos EUA, que tinham uma ideologia Marxista na sua organização, o que contribuiu também nesse período para o MN começar a se reorganizar em sentido marxista, se articulando entre os anos de 1977 e 1978, acreditando que o racismo só teria fim com a revolução e implantação de um regime socialista, pois o capitalismo só se beneficiava com o racimo que praticara.

Em 1977 houve uma reunião em São Paulo, entre diversos grupos de entidades de afrodescendentes definindo a primeira ação com um ato público em repúdio a discriminação racial sofrida por quatro jovens afrodescendentes no clube paulista, Regatas Tiête, e também em protesto a morte de um trabalhador afrodescendente que foi torturado até a morte no 44’ Distrito de Guaianases. O ato aconteceu no dia 7 de julho de 1978 nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo reunindo duas mil pessoas, tendo o apoio de alguns estados brasileiros. Foi na 1ª Assembleia Nacional de Organização e Estruturação da entidade, no dia 23 de julho de 1978 que foi

adicionada a palavra negro ao movimento, passando a ser chamado de Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, posteriormente apenas chamado de Movimento Negro Unificado (MNU). No ano de 1982 o MNU, reivindicava a desmistificação da democracia racial brasileira, a organização política da população negra, a transformação do MN em movimento de massas, a formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e contra a exploração do trabalhador, uma organização pra enfrentar a violência policial, organização nos sindicatos e partidos políticos, pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares e a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país. (PEREIRA, 2013).

A década de 1980 foi um período de fortalecimento para o movimento, além de tornar unificada a luta de várias outras entidades de afrodescendentes, buscava também fortalecer o seu poder político no país, juntando a sua luta a todas as outras de grupos oprimidos pela sociedade. Além dessas questões o MNU trouxe outros significados a sua cultura e história para a sociedade, como a adoção do termo negro como positiva, a negritude passa a ser orgulho e não mais um termo pejorativo para se referir aos afrodescendentes. O que passam a rememorar os afrodescendentes no país não são mais os referenciais brancos, como o fim da escravidão (o

13 de maio), mas as ações e resistência de afrodescendentes, como o 20 de novembro em memória a Zumbi de Palmares. A busca para a visibilidade na educação, com proposições na revisão dos conteúdos preconceituosos dos livros didáticos com a inclusão do ensino de História da África nas escolas fazem parte desse contexto. Como coloca Petrônio Domingues, "O movimento negro se "africanizou", o discurso tanto da negritude quanto do resgate das raízes ancestrais norteou o comportamento da militância", a valorização da estética da negritude, penteados, roupas, a valorização da cultura africana, da dança, da música, jogos e hábitos alimentares, até a religião de matriz africana passou a ser mais bem vista e aderida pelos afrodescendentes.

Farei uma pequena apresentação da trajetória do movimento da negritude em nível global, até conhecermos sua caminhada dentro do MNB. Em Paris, um grupo de estudantes africanos e afrodescendentes, oriundos de países colonizados iniciou um processo de mobilização cultural para o resgate da identidade desse grupo e depois em uma publicação em uma revista francesa discutindo o termo negritude. A palavra *négritude* em francês deriva de *nègre*, que no início do século XX tinha caráter pejorativo para os afrodescendentes, mas posteriormente foi ganhando outra conotação. A intenção do movimento da negritude foi justamente o contrário da prática

que usavam contra ele, atribuindo ao afrodescendente à negritude, uma positivação de seus valores culturais e estéticos, ser negro sim, com orgulho, gerando uma noção de identidade e de solidariedade com quem se identificava assim.

No Brasil o movimento da negritude influenciou Abdias do Nascimento, através do Teatro Experimental do Negro, passando a fazer parte das ideias dos ativistas do teatro e tido como uma filosofia de vida, contudo era um discurso elitizado que circulava entre artistas, poetas, escritores, acadêmicos e profissionais liberais. O termo negritude veio adquirindo vários "usos e sentidos" e como identifica Petrônio Domingues, em caráter político, ideológico e cultural. Segundo o autor,

> No terreno político a negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico negritude pode ser entendida como campo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera racial negritude é a valorização de toda manifestação cultural de matriz africana. (DOMINNGUES, 2005, p. 02)

As influências sobre a negritude dentro do MNB foi um dos marcos divisores, a partir da década de 1970, tomou um processo de consciência racial do negro, como já explicitados acima, no reconhecimento positivado de estética e de sua cultura, na forma de assumir uma religião de matriz africana

(Candomblé) e na esfera política com os negros no poder, e as ações de luta antirracista organizada través das várias entidades no MNB. (DOMINGUES, 2005). Afinal, a negritude não é somente uma identidade reconfigurada para os espaços de luta e pra combater o racismo, ela é um reconhecimento diário do ser, é a experiência vivida inseparável dos caminhos traçados, é fazer o combate antirracista todos os dias nos diferentes espaços sociais, é também um enfrentamento aos referenciais brancos que são diariamente tomados como perfil social, é liberta-se na pele negra das máscaras brancas, como nos desperta a pensar Frantz Fanon.

A raça, tão discutida como um conceito essencializante, o que dá suporte as práticas racistas na sociedade, passa a ser um conceito usado pelo MN, à negritude passa a ser uma das bases fundamentais de identidade dentro do movimento, parece confuso num primeiro momento pensar em como algo construído pelo opressor se torna um mecanismo de defesa e luta contra ele, mas é exatamente isso o que pensou o movimento. É o uso do essencialismo estratégico, enquanto a sociedade se pautar pela raça, a mesma será usada para combater as desigualdades que provém dela. A ideia de raça foi uma construção do opressor, mas é uma ideia importante na luta contra o racismo, é uma utilização de maneira emancipatória.

Acho interessante a forma como Lourenço Cardoso define a perspectiva da utilização da negritude no Brasil, “[a negritude] passou a reagir de forma incisiva contra o estereótipo pejorativo atribuído a sua pertença étnica e racial, procurando a libertação do complexo de inferioridade que era atribuído a negritude.” (CARDOSO, 2004, p. 125). É partindo dessas ideias sobre negritude que discuto sua utilização e fortalecimento dentro dos movimentos sociais dos afrodescendentes, ou do termo mais abrangente, do Movimento Negro Brasileiro (MNB), que é um protagonista da luta antirracista, que de modo generalizado tem como foco o combate à discriminação racial, denunciando o mito da democracia racial e uma busca por afirmação de identidade racial positivada. O MNB tanto para sua identificação, quanto para sua mobilização e reinvindicação, utiliza-se do conceito construído sobre a raça como uma das motivações para as ações desse movimento, admitir a raça, ter uma “percepção racializada de si mesmo”, é imprescindível. Para o Movimento Negro a raça é um fator determinante de organização em torno de um projeto comum de ação, a identidade negra é uma necessidade para aquele grupo e movimento, portanto foi também uma construção política dentro do contexto em que emergiu.

1.2 SOCIEDADE CULTURAL E RECREATIVA CINCO DE JUNHO

> (...) Todas as manhãs junto ao nascente dia
> ouço a minha voz-banzo,
> âncora dos navios de nossa memória.
> E acredito, acredito sim
> que os nossos sonhos protegidos
> pelos lençóis da noite
> ao se abrirem um a um
> no varal de um novo tempo
> escorrem as nossas lágrimas
> fertilizando toda a terra
> onde negras sementes resistem
> reamanhecendo esperanças em nós.
>
> Poema, Todas as manhãs, de Conceição Evaristo.

Para começar a refletir sobre as experiências dos afrodescendentes enquanto cidadãos e militantes sideropolitanos, preciso primeiramente fazer algumas revisões. Primeiro localizar o leitor em que contexto social esses sujeitos estavam inseridos, as noções sobre o contexto nacional já foram explanadas, mas sobre a cidade ainda não. Afinal, que cidade é essa? Considero importante conhecer a sociedade onde a Sociedade Cultural e Recreativa Cinco de Junho (SCRCJ) nasce e das necessidades de sua criação.

Siderópolis é uma cidade localizada ao sul do Estado de Santa Catarina, com uma população estimada de treze mil

habitantes, e sua história mais conhecida e difundida é a partir da história de sua colonização italiana, no ano de 1891. No final do século XIX, houve um processo de crise econômica italiana, onde a partir de 1870 o fluxo de migração da região italiana conhecida como, o Trentino, para o Brasil foi intenso, resultando no estabelecimento dos imigrantes na região Sul de Santa Catarina. Eles estavam, "fugindo das condições precárias de vida e acreditando que aqui no Brasil encontrariam paz, liberdade, trabalho e terra, com ajuda das companhias colonizadoras."[12] Esse incentivo para a imigração e recepção dos italianos no Brasil também foi uma prática da política do branqueamento articulada pelo no Estado Catarinense. Muitos desses imigrantes se estabeleceram em uma grande Colônia, Urussanga, mas posteriormente foram se desmembrando para outros lugares para formar novas colônias, uma delas foi a Colônia de Nova Belluno, atualmente Siderópolis. Gostaria de trazer uma referência de um historiador sideropolitano, sobre sua concepção sobre a trajetória dos imigrantes em Santa Catarina,

> O imigrante europeu chegou ao Sul de Santa Catarina desamparado e perdido em relação ao que lhe foi prometido pelos agentes das

[12] POSSOLI, Thaize. **A importância da educação patrimonial:** A CSN como patrimônio histórico em Siderópolis. 2008. p, 21.

> companhias colonizadoras lá na Europa. Os italianos que chegaram à Colônia de Nova Veneza adquiriram seus lotes já previamente demarcados, cabendo a eles "domesticar o mundo selvagem" que se apresentava a implementar nesse território a "marcha do progresso". Fruto desse grande projeto de colonização nasceu o Núcleo de Belluno em 1981 posteriormente, elevado à condição de distrito com o nome de Nova Belluno em 1913, que era parte integrante do território do município de Urussanga, em SC. (DASSI, 2010. p 27)

Trouxe essa citação para refletir sobre como alguns autores retratam o imigrante e sua trajetória no Estado Catarinense, para pensarmos posteriormente nesse trabalho, como se construiu uma historiografia, não apenas de Siderópolis, mas de muitas cidades do estado sobre o mito do pioneirismo e a partir disso foi se criando uma simbologia sobre cultura, tradição e identidade italiana nessas cidades. Um dos pontos interessante para reflexão é a ideia de progresso que o autor coloca como um dos papéis que teriam os imigrantes na região, apesar de ele colocar os termos sobre aspas, ele não faz nenhuma desconstrução dessas denominações em seu livro. Esse tipo de produção historiográfica só reforça a supervalorização da trajetória do imigrante italiano em Santa Catarina, "Ou seja o elemento determinante para o crescimento da cidade havia sido seus "bravos" colonizadores." (CARDOSO, 2011, p.37).

A cidade que se constrói de forma pacata, com uma economia agrícola e um pequeno comércio, começa a mudar sua projeção com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, em 1941, que também começa a se estabelecer na cidade. É nesse momento que a oferta de mão de obra começa a atrair novos trabalhadores de várias cidades, a chegada dos afrodescendentes começa a fazer parte do cenário da cidade.

Considerei importante fazer uma pesquisa, para uma análise de dados mais específica que pudesse revelar ao menos a presença dessas pessoas na cidade de maneira mais pontual. Através dos registros de nascimento no cartório municipal (Cartório Registro Civil Tabelionato Freccia), pude perceber que muitas famílias vieram para a cidade para trabalhar, se estabeleceram nela e acabaram registrando o nascimento dos seus filhos, nascidos ou não na cidade entre pretos, morenos e pardos, dentre estes filhos de mineiros e operários e também pais que apresentavam outras profissões. Como indicam os registros, derivando de diversas famílias, dentre elas, Felisberto, Silva, Amaro, Melo, Lima, Souza, Marcelino, Mariano, Domingos, Alexandre, Joaquim, Moreira, Machado, vindo de diferentes cidades como São Bom Jesus (RS), Criciúma, Orleans, Forquilhinha, Três Forquilhas (RS), Capivari, São Joaquim, Palhoça entre outras cidades, quis

apenas refletir sobre quem são os afrodescendentes presentes na cidade.

É nesse contexto social que a cidade vai ganhando um aspecto menos ruralizado e acontecem muitas mudanças no cotidiano, no ritmo do trabalho, nos espaços de sociabilidade, na forma de organização e de habitação na cidade, nas relações sociais de modo geral, é nesse processo de transformação trazido pela CSN, essas mudanças não ocorreram apenas em sentido econômico, mas num sentido cultural e de identificações para os sujeitos que ali viviam. Outro aspecto importante conjuntural é a ideia lançada sobre o trabalhador, nesse caso o trabalhador mineiro e de uma identidade unificadora, que buscava homogeneizar os trabalhadores, como iguais, mas isso era uma prática governamental discursiva que negava a diversidade daqueles trabalhadores e buscava um perfil identitário único e nacionalista para o país. Deve-se levar em conta as relações de poder que vão sendo estabelecidas na sociedade, refletindo sobre qual grupo dominante consegue “tomar posse" de lugares sociais e definir o que era soberano naquele contexto, como pontua José Paulo Teixeira,

> O processo de desapossamento e centralização do poder é conhecido: resulta da delegação ou usurpação de poder a determinada (as), pessoa (as), grupo (os) ou partido (os), que ao se apossarem e dos meios e dos espaços de poder,

> elevam-se sobre os demais e agem como se estivesse situados acima da sociedade ou da cidadania.” (TEIXEIRA,1995, p.28)

Contudo, fica perceptível que mesmo diante dessas práticas de tentativas de dominação, ou homogeneização social, é impossível definir que elas tenham conseguido atingir seu objetivo, pois a homogeneidade absoluta não consegue se estabelecer, o que existe é uma condição de dominação que busca estabelecer seus conceitos como um padrão a ser seguido, que reconhece as diferenças e a hierarquiza.

Há de fato um grupo que detém maior poder dentro de uma sociedade e há a criação de toda uma estrutura ao redor desse poder, mas isso não significa que o grupo que não detém o poder não reconfigure e recrie seus espaços de atuação. A própria experiência é uma noção importante para pensar que os sujeitos experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, agindo sobre a situação determinada. (THOMPSON, 1978). Nesse sentido José Paulo Teixeira nos ajuda a pensar um pouco mais sobre essas relações entre poder e experiência,

> O importante é que no percurso entre o sujeito e as estruturas, dos micro aos macro processos, do poder local ao poder central, ou seja, no interregno entre um e outro sejam levadas as

> experiências de (vidas, de lutas) dos atores históricos, tanto no sentido de conservar quanto no sentido de reformar ou transformar a realidade social e política. (TEIXEIRA, 1995 p.29)

É nesse sentido que gostaria de pensar o poder na sociedade, através das relações que foram se estabelecendo, não só em um cenário nacional, mas também local. Analisando essas décadas em que se situa esse trabalho, de 1940 até 1980, podemos acompanhar as diferentes relações que foram sendo construídas, mas com ênfase na perspectiva racial, que se constituiu se tornando uma prática que contribuiu com a desigualdade social no país. Portanto, se pensarmos essa relação do poder, devemos pensá-la como uma relação de forças de dominação e dependência entre indivíduos, afinal o resultado dessa desigualdade social no país é também resultado de um mecanismo de perpetuação no poder através de uma visão racializada da sociedade e deve ser pensado em diferentes dimensões, como a histórica, a simbólica e a social. (TEIXEIRA, 1995, p.30).

A sociedade sideropolitana traz em sua história também as marcas e mazelas de uma sociedade construída de forma racializada, hierarquizada, desigual e excludente. Um dos grandes pontos para pensar essa diferenciação, que desconstrói o mito da democracia racial, são os espaços de sociabilidade,

conhecidos como os clubes recreativos. Foi também nessa reflexão que pude compreender como os afrodescendentes resistiram, criando seu território, com estratégias de fortalecimento, solidariedade, identidade e visibilidade. Os clubes são apenas espaços mais explícitos de diferenciação, mas essas práticas de exclusão e diferenciação racistas se estabeleceram em todos os lugares daquela sociedade, em suas relações, do privado ao público.

A historiografia produzida me ajudou muito a compreender como a cidade é vista por quem a escreve e porque ela é escrita desse modo. Nova Belluno passa a ser Siderópolis em 1943 antes mesmo de a cidade ser emancipada, "(...) por meio da lei estadual imposta, praticamente, como uma homenagem a poderosa estatal e ao governo federal, pelo inventor de Santa Catarina, Nereu ramos, e um tipo de aviso aos moradores de origem italiana de onde provinha o poder da estatal." (DAVID, 2015, p. 31), fazendo uma referência direta à siderurgia a proposta de um outro nome para a cidade naquele contexto criou certa identificação, fortalecendo a cultura da siderurgia na cidade o que era pretendido por todo plano de governo nacional e federal daquela época. Com a decadência da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e de outras mineradoras na cidade, há novamente uma abertura para se pensar a cidade nos modelos de sua colonização e de seus

sujeitos pioneiros. Partindo dessas referências, no ano de 2009, alguns entusiastas da cultura italiana na cidade propõem a mudança do nome de Siderópolis para Nova Belluno,

> A origem e o significado do nome atual da nossa cidade não expressa verdadeiramente o que foi construído pelos primeiros moradores. Pode ser agora o momento oportuno e decisivo para voltar ao nome Nova Belluno, reverter o que foi imposto em 1943 por um interventor estadual que ascendeu ao poder nomeado por um ditador, durante a Segunda Guerra Mundial. Foi o único núcleo da Colônia de Nova Veneza que perdeu sua identidade. Entende-se que retornar ao nome de batismo, em memória àqueles que tiveram coragem de construir, nos momentos mais adversos, esta terra, é sim uma iniciativa justíssima e histórica. (DASSI, 2010, p.28)

Acredito ser interessante pensar essa questão tão atual, para compreendermos como a cultura da italianidade vem sendo repensada para a cidade e como esse fato reflete o incômodo sobre a trajetória da mineração na mesma e dos diferentes sujeitos que ela possa desenterrar e dar visibilidade. Essa é uma disputa simbólica, identitária, que como coloca Dassi “Não expressa verdadeiramente o que foi construído pelos primeiros moradores”, como se só essa trajetória pudesse ser reconhecida e fosse a mais importante para a cidade ou “Em memória àqueles que tiveram coragem de construir, nos

momentos mais adversos, esta terra, é sim uma iniciativa justíssima e histórica", será que os outros sujeitos históricos não tiveram experiências corajosas e não mereçam também uma iniciativa "justíssima e histórica"? Afinal, a CSN contava com grande número de trabalhadores descendentes de italianos, sua mão de obra também fez parte daquele processo, portanto parece que a preocupação com a mudança do nome da cidade não seja apenas uma causa de justiça, se assim pode ser tratado, mas de uma maneira de se estabelecer em um lugar de destaque dentro daquela sociedade, pensando isso também como uma relação de dominação e poder, como coloca Bourdieu,

> Em resumo o mercado dos bens simbólicos tem as suas leis, que não são as da comunicação universal entre sujeitos universais: a tendência para a partilha indefinida das nações que impressionou todos os observadores compreende-se se se vir que, na lógica propriamente simbólica da distinção- em que existir não é somente ser diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que, por outras palavras, a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença- qualquer unificação, que *assimile* quilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre outra, da negação de uma identidade por outra. (BOURDIEU, 2007. p.129)

Acredito que essas considerações são importantes para pensarmos nas relações que se imprimiram durante a construção dessa cidade. Temos a trajetória dos indígenas nessa terra que sequer foi referenciada, a trajetória dos descendentes de italiano, a história mais difundida, e temos a trajetória dos afrodescendentes, invisibilizada na historiografia. A força de dominação e poder tenta construir um ideal de identidade nacional para uma sociedade, mas ela nunca alcança todas as diferenças identitárias. Uma sociedade não pode ser pensada como o resultado de apenas uma cultura que possa defini-la, de uma cultura homogênea, pois uma cultura nunca é pura, mas uma mescla de identificações.

Pensando também em um aspecto na construção das identidades e cultura da cidade, podemos perceber que a cultura e identidade do imigrante é sempre pensada em primeiro plano, com a principal referência para definir a cidade, e nesse processo onde ficam os afrodescendentes na história da cidade? Foram invisibilizados, por uma cultura de branqueamento e de identidade nacional unificadora que teve seu reflexo nas construções simbólicas sobre a cidade de Siderópolis.

Em 1985 ocorreram às primeiras reuniões de um grupo que se intitulava Grupo Libertação, que posteriormente se tornaria o grupo formador da Sociedade Cultural e Recreativa

Cinco de Junho, através da criação de um estatuto em cinco de junho de 1985 em Siderópolis, oficializou-se a sociedade recreativa, sendo registrada em cartório somente no ano de 1987. As primeiras reuniões aconteciam na Quadra 5, Lote 14, na Vila Cohab, na cidade, na casa da mãe de um dos participantes da sociedade. Analisando o estatuto, constata-se que era uma entidade sem fins lucrativos, bem organizada, tendo um objetivo especificado, uma diretoria organizada e responsável pelas ações da entidade, inclusive seu regulamento interno, sendo a assembleia geral soberana, (das definições de seu associados), tendo reuniões mensais, com eleições para a diretoria também anual, apresentando uma categoria de sócios (sócios fundadores proprietários, sócios honorários, sócios proprietários e sócios contribuintes), para associar-se havia uma taxa de mensalidade, havendo eliminação de sócios que não cumprissem os requisitos necessários para participação. Gostaria de destacar algumas partes do estatuto, a primeira sobre o objetivo da SCRCJ, dispostas no Capítulo I, Atrigo 2º,

> "A sociedade tem por objetivo proporcionar aos seus associados reuniões sociais de natureza recreativa e cultural, organizando locais e ambientes sociais de repouso, diversão e lazer, em local apropriado, poderá patrocinar e organizar, reuniões artísticas e culturais, cursos teóricos ou práticos, conferências, palestras, congresso, e etc."

Esse trecho ajuda a compreender que essa sociedade buscava além de práticas cotidianas para lazer e cultura, uma preparação para os seus participantes, como colocado no objetivo, cursos, conferências, palestras e congressos para formar e preparar seus participantes.

Outra parte que considero interessante é o Capítulo VIII, Artigo 38º, "Só poderão ser sócios da sociedade pessoas dignas e sem notas infames, maiores de 18 anos, de qualquer sexo, nacionalidade e posição social, cujas propostas de aceitação ficarão a critério da Diretoria." Esse trecho e não somete ele, mas a forma como foi construído o estatuto da SCRCJ, é uma boa reflexão para pensar a positivação dos afrodescendentes, dentro da sociedade sideropolitana, pela sua estruturação e organização, pela escolha de seus participantes, pela autonomia na construção de uma nova identidade para aquele grupo social. Mas não somente uma identidade do grupo, mas uma identidade positivada sobre o mesmo, com a preocupação da moral e dos bons costumes, como pontua Juliana Krauss,

> A preocupação com a "moral e os bons costumes" marcaram as associações dos (a)s afrodescendentes por todo país, e em Criciúma não foi diferente. Alguns (as) autores (as) argumentam que essa preocupação em adequar

> as populações de origem africana dos padrões sociais brancos foi uma forma de inserção dos(as) na cidade e uma forma de não reproduzir estereótipos negativos que eram atribuídos a essas populações, sobretudo as mulheres. (KRAUSS, 2012, p.54)

Juliana analisa a cidade de Criciúma nesse aspecto, mas essa mesma condição sobre romper com os estereótipos negativos sobre a raça, era sem dúvidas uma ideia indispensável para a população de afrodescendentes em Siderópolis. Perceber as experiências dos afrodescendentes naquela sociedade é indispensável para conseguirmos nos aproximar do cotidiano daquelas pessoas e compreender qual a motivação da SCRCJ na cidade, sobretudo por uma perspectiva diferente sobre as práticas cotidianas, como pontua Maria Odila Dias,

> A interpretação do cotidiano tornou-se um exercício de perspectiva renovador da história ao se propor a perseguir as vicissitudes de conceitos ou temas da vida de todo dia, de um prisma relativista e indiferente a parâmetros prefixados. Constituiu principalmente em elaborar o relativismo, o que levou a historicidade aos conceitos. (DIAS, 1998, p. 232).

A SCRCJ foi muito importante no sentido de que seus participantes podiam trocar suas experiências, e se identificar

em diferentes momentos do seu cotidiano, assim percebendo a si mesmos e aos problemas comuns que enfrentavam, gerando assim uma solidariedade e uma ideia de comunidade. Para conhecer de forma mais aprofundada essas experiências vividas, duas entrevistas que realizei são fundamentais, nelas estão expressas as lembranças mais remotas e os desejos mais motivadores desses sujeitos como uma rearticulação social um espaço de luta e visibilidade.

Apresento a primeira entrevistada:

Imagem 1

Fonte: Imagen concedida pela entrevistada.

Eliana dos Santos nasceu em 15 de dezembro de 1964 na Vila Brasília em Siderópolis, onde foi criada. É graduada em Estudos Sociais e professora efetivada na rede de educação estadual. Casada, mãe de três filhos. É uma das fundadoras da Sociedade Cultural e recreativa Cinco de Junho. Atualmente é apoiadora do Movimento de Conscientização Negra Cruz e Souza de Siderópolis e também representa a comissão da Marcha das Mulheres Negras da cidade, desde 2015. Seus pais tiveram experiências na trajetória da CSN na cidade, seu Dário e Dona Margarida (umas das entrevistadas). Atualmente reside em Siderópolis.

Gostaria de trazer as lembranças que foram rememoradas, através da entrevista realizada com Eliana, suas falas remetem desde momentos de sua infância, adolescência e fase adulta, trazendo também suas experiências como uma das fundadoras da SCRCJ. Começo pelas lembranças de sua infância,

> "Nasci em uma vila operária, onde era composta por 36 casas, quando só existíamos nós de família negra. Eu nasci e me criei junto com as pessoas não negras, esse fato de viver com muita proximidade com essas pessoas, me fez pensar até então, até na minha infância que eu também era branca. Eu via minhas colegas com cabelos lisos com suas bonecas que

> identificavam elas e não eu (...) Eu dizia para as minhas colegas que eu não gostava de bonecas e era uma maneira de eu me defender porque as bonecas não tinham as minhas características."[13]

Essas lembranças rememoradas por ela nos faz refletir sobre os referenciais brancos, que eram fortemente imprimidos naquela sociedade, fazendo com que ela se privasse do gosto pelas bonecas, como uma defesa, pois não se sentia representada por aquele perfil. Quando ela fala que "Me fez pensar até então, até na minha infância que eu também era branca", a percepção que Eliana tem desse fato partindo do presente não é a mesma percepção que ela teve ainda enquanto criança, mas ela começava a sentir cedo as marcas de uma sociedade racializada, e dos deslocamentos da pertença. Ela começa a ter uma percepção diferente sobre as diferenças culturalmente estabelecidas entre brancos e não brancos, quando a relação com suas amigas da vila começa a mudar,

> "Uma das partes da minha adolescência, é muito importante isso, onde me machuca muito. Nós meninas nos criamos brincando de amarelinha, boneca de pano, nós compartilhávamos nosso piquenique, o batizado de bonecas. Só que começamos a perceber lá na vila operária, onde eu morava, que quando nós fomos ficando mocinhas, adolescentes, que

[13] Entrevista realizada com Eliana Dos Santos em março de 2016.

> teria que sair para ir a um clube social, a mães começaram a podar nossa amizade. E eu lembro que teve uma mãe que disse assim (para a filha, amiga de Eliana que acabou revelando essa fala) -"agora tu não pode mais ser amiguinha dela, por que agora a Nani é uma mocinha , mas ela é negra e tu és branca, e se tu for vista junto com ela nos ambientes, não vai ter uma boa sorte um bom casamento"- Até isso a gente já ouviu. Mas hoje eu considero isso como ignorância da mãe. A gente tinha um elo tão grande de amizade de quase irmãs, das família, que as meninas também brigavam por isso, mas mesmo assim elas foram se separando, começaram a frequentar outros ambientes, e nós outro ambientes, o ambiente de negros e ambientes de brancos. Foi aonde eu comecei a chegar mais perto da minha pele, da minha cor, pra ter uma identificação maior, porque com as minhas amigas as mães foram podando a amizade." [14]

Essa exclusão social que os afrodescendentes sofriam no meio branco, ia além das possibilidades de Eliana naquele momento, eram construções sociais com uma proporção muito maior, as condições de uma sociedade racializada e que constantemente negava os referenciais africanos o que fazia com que as relações mais próximas e afetivas mudassem constantemente. A patologia social do branco pode ser pensada nesse tipo de relação estabelecida pelas mães das suas colegas através do afastamento da raça, dos referencias e significados que foram criados e estabelecidos sobre ela, o simples fato de

[14] Entrevista realizada com Eliana Dos Santos em março de 2016.

ser comparada a uma afrodescendente já era problemático para o branco. Como ela foi nascida e criada em uma vila operária, de maioria branca, os referencias que estavam disponíveis para ela naquele espaço eram em sua maioria brancos, mas que encontrava um enfrentamento dentro de sua casa, com sua família. Ela relata que,

> "Crescendo naquele ambiente, a princípio negando a minha negritude, por que eu nem me identificava como negra. Eu lembro que na escola quando a professora falava em negros eu me encolhia na carteira, tinha vergonha, parecia que ela estava falando comigo, eu era diferente das outras por que a maioria das meninas que estudavam comigo eram brancas."[15]

Em uma sociedade onde a os referenciais e identificações com a ancestralidade africana eram negados, gerando a exclusão e a inferioridade, era difícil para uma criança se impor diante da diferença, portanto é na adolescência e no contato com pessoas de outros bairros que Eliana começa a se questionar sobre sua identidade e seu sentimento de pertença, com quinze anos,

> "Quando eu saia, naquelas festinhas domiciliares, nas festinhas comecei a me identificar. Como eu falei, onde eu morava era

[15] Entrevista realizada com Eliana Dos Santos em março de 2016.

> vila onde existiam mais pessoas brancas e quando faziam essas festinhas vinham pessoas do Trilho, da Vila Esperança, do Centro, que eram as localidades que formavam o nosso município. Então, eu comecei a me relacionar com pessoas da nossa cor, aonde nós dançávamos samba, começamos a curtir Martinho da Vila, Benito Di Paula, Clara Nunes, Alcione já na época, e assim por diante outros cantores e cantoras negras. Aí é que eu comecei a me identificar, eu já tinha cortado as minhas tranças, usava cabelo Black Power, por que as minhas colegas que vinham para as festinhas elas já se vestiam e já tinham essa característica. E a partir do momento que a gente começou a ter mais contato com pessoas da nossa cor é que nos começamos a nos identificar enquanto negros e a começar a sentir que nós não éramos aceitos por outras minhas colegas brancas." [16]

Eliana teve essa consciência de sua representação na adolescência. Ela começa a perceber alguns referencias onde ela se sentia representada e se identificava. As influências culturais negras começavam a ganhar espaço, um dos primeiros passos para sua aceitação corporal e estética foi com o emblemático cabelo ao estilo Black Power, que ela começara a usar. É um processo de descolonização de si mesmo como coloca Fanon, "Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão,

---

[16] Entrevista realizada com Eliana Dos Santos em março de 2016.

minhas características étnicas.” (FANON, 2008 p.104). Essa identidade que Eliana vai tomando como sua é o resultado desses referenciais que ela identifica nesse grupo de amigos, nesses momentos e nessas práticas, sobretudo nessas experiências vividas por ela, a identidade não é construída isoladamente, mas nasce de um diálogo em si e os referenciais oferecido que toma para si.

Eliana vinha de uma família de trabalhadores com uma vida simples na vila operária e também tinha uma criação muito curiosa, ela identifica as diferenças entre o pai e a mãe,

> “Meu pai dizia assim: - “cada macaco no seu galho, ou seja cada cor no seu local, ou peão e peão e patrão é patrão” - E o meu pai no decorrer de tudo que nós fizemos de se auto afirmar, dos debates em casa, interessante que meu pai antes de morrer ele já pensava igualzinho a mim, que poderia vir uma mudança e que o racismo poderia ser amenizado. Porque quando nós éramos crianças ele dizia –”não adianta, vai ser sempre a mesma coisas, nós já nascemos assim”. A minha mãe já era diferente, estava no meio, cantava no coral da Igreja, onde existiam três mulheres negras, mas ali ela estava, fazia parte do Clube da Lady, clube de mulheres brancas, mas ali ela estava, ela foi cursar o ginásio o Ensino Médio, sempre procurou estar aonde as mulheres não brancas também estavam. Ela nunca se posicionou como quem não poderia estar ali por

> que ali a mulher branca está e ela não teria sua vez.” [17]

Nesse processo de escutar o outro e no que o narrador pode nos apresentar está um dos papéis mais importantes, o de interpretar o que nos é revelado, quais os sentidos tem todas essas falas para relacionarmos com o contexto que analisamos. É preciso entrar no mundo do narrador como pontua Cléria Botelho da Costa,

> Interpretar é fazer uma viagem pelo imaginário do outro, na busca de decifrar o indizível, o sentido oculto do que é dito; é possibilitar que a pluralidade de sentidos se manifeste na construção do conhecimento histórico; é também permitir que na construção desse conhecimento aflore a polifonia de vozes que se esconde no *corpus* pesquisado; é, antes de tudo, dar visibilidade ao outro, deixar que a voz do outro aflore no texto interpretativo. (...) Nessa perspectiva, o pesquisador é um caçador do invisível, é aquele que sai em busca daquilo que não foi dito, daquilo que não está escrito, com o propósito de ampliar o seu campo de interpretação e de se aproximar cada vez mais da voz do narrador. Sua tarefa, no momento da interpretação, é também destrinçar o oculto que se esconde no visível, é ir além dos limites da visão. O oral, o escrito e o imagético carregam em si o não dizer; cabe ao pesquisador abrir as portas para a obscuridade do que não pode ser dito com palavras, mas pode ser decifrado por detrás dos gestos, do olhar, dos sons das

---

[17] Entrevista realizada com Eliana Dos Santos em março de 2016.

> palavras, dos silêncios, pela via da imaginação e da subjetividade. (COSTA, 2014, p.51)

Interpretar essas vozes que nunca foram reconhecidas, ou ao menos ouvidas é uma maneira de contribuir com a visibilidade historiográfica sobre esses sujeitos históricos, que foram negadas constantemente na história e memória sobre a cidade de Siderópolis.

Em 1985 alguns afrodescendentes da cidade, Eliana e alguns amigos, começaram a sentir a necessidade de criar um grupo para sua representação, a necessidade do grupo a princípio veio com os questionamentos sobre os espaços de sociabilidade fazerem diferenciação dos seus frequentadores (clubes sociais da cidade) e também sobre a pequena presença dos afrodescendentes em vários lugares da sociedade, principalmente nos espaços de trabalho. Sentindo a necessidade de ocupar mais ativamente os espaços sociais, a preocupação do grupo era mudar o futuro dos afrodescendentes na cidade e de seus futuros filhos, lutando por uma sociedade mais igualitária. Eliana explica,

> "Lá para os meus vinte pouco anos a gente formou, sentiu a necessidade de formar o primeiro movimento negro aqui dentro de Siderópolis. Nós já éramos bem politizados, chamamos dois vereadores porque nós conhecíamos muito pouco sobre leis, e

> começamos a nos movimentar. Começamos a perceber que no nosso grupo, tinham os que estudavam e os trabalhavam eram domésticas, eram funcionários de fábricas, não tinha um emprego que se destacasse, eu lembro que na época nós tínhamos aqui uma ou duas professoras negras, era uma coisa que não se via. Começamos a pensar, nós éramos em quatro, não tínhamos espaço no lazer e nem nos termos de emprego na cidade, foi por aí que começamos a pensar que não queríamos isso para os nosso filhos, e para que exista uma mudança nós temos que começar agora, para mais tarde nos colher aquilo que plantamos."[18]

A preocupação daquele grupo era sua emancipação naquela sociedade, a garantia de igualdade e de oportunidades, como Eliana mesma coloca, os afrodescendentes ocupavam os lugares de trabalhos mais simples da sociedade, sendo isso um reflexo de muitos mecanismos de poder em uma sociedade racializada, hierarquizada e que propaga diferentes formas de racismo na manutenção dos privilegio da raça branca no campo simbólico e material da sociedade.

Esse movimento foi de luta, de resistência, da busca por mudanças na desigualdade social, no fortalecimento de sua identidade negra, num espaço de visibilidade, mas percebi que havia também um grande senso de solidariedade entre os

---

[18] Entrevista realizada com Eliana Dos Santos em março de 2016.

membros, sobretudo para ajudar uns aos outros no seu crescimento pessoal e profissional, como menciona Eliana,

> "O movimento começou como Grupo Libertação, bem forte na época, depois passou a se chamar Cinco de junho. O grupo libertação, surgiu com a palavra de liberdade, de voar, de longe, de conquistar de chegar nos nossos objetivos, mas depois houve uma polêmica, se tornou um nome muito forte, para alguns, para mim não eu achava que era um nome ideal, uns diziam que era sinônimo de racismo. A escolha do nome foi pelo dia do registro mesmo da grupo. Nós fazíamos filantropia, pedágio, bingo, almoços para reunir a comunidade negra, café da tarde, festa na frente da igreja. Não era pra arrecadar fundos, pra fazer dinheiro, claro que queríamos fazer a nossa sede, mas nós ajudávamos quem precisasse, negro branco nos estávamos ali para acudir, o movimento trabalhou muito nessa linha. O movimento também me ajudou na minha formação, porque na minha graduação chegou um momento que eu não tinha mais condições, aí o movimento negro ganhou uma barraca em uma festa em Siderópolis, eles trabalharam três dias, numa roleta e tudo que eles arrecadaram naqueles três dias, veio para pagar as três mensalidades que estavam atrasadas mais a matrícula para o próximo semestre. O objetivo do movimento era de muita ajuda e também de criar uma sociedade recreativa, uma sociedade onde os negros pudessem ficar mais a vontade, para fazer festa de batizado de filho, festa de 15 anos de casamento, um local recreativo, esse também era um objetivo". [19]

---

[19] Entrevista realizada com Eliana Dos Santos em março de 2016.

É importante também compreender como esse movimento foi visto naquela sociedade qual sua representação naquela cidade, naquele contexto,

> "Na época o movimento para nós era resistir ao racismo, para eles nós queríamos segregar, uma coisa que eles já vinham fazendo há muitos anos que era separar o branco do negro. Mas quando nós nos unimos nos reunimos para levar esse movimento pra frente, para ter nossa visibilidade perante a sociedade, a sociedade via como um movimento de segregação." [20]

Concluo a entrevista perguntando a Eliana qual a importância que o Movimento Negro tem em sua vida e ela me responde,

> "Esse movimento me ensinou muito, praticamente em termos de minha negritude os conhecimentos que eu consegui adquirir foi através do movimento por que a gente fazia muito seminário, muita reunião, muito debate e a partir do momento que tu veste uma camisa tu vai buscar e essa busca é que me trouxe hoje a ser essa mulher que luta pelos meus direitos que me vejo mais corajosa, sem medo de estar no meio, isso eu vim aprendendo no decorrer do tempo." [21]

---

[20] Entrevista realizada com Eliana Dos Santos em março de 2016.

[21] Entrevista realizada com Eliana Dos Santos em março de 2016.

Através da fala de Eliana e da maneira como ela enfatiza a negritude pude perceber que é algo que ela já havia percebido em sua vida ainda enquanto adolescente, mas que se fortaleceu através dos encontros do grupo de afrodescendentes na cidade e das discussões que eram realizadas, sobretudo na troca das experiências nesses momentos. A negritude, a valorização do ser negro, é algo que ela busca passar para aos seus filhos na maneira de como eles devem estar no mundo. A identidade de Eliana foi se transformando ao longo de sua vida, de acordo com suas novas percepções e experiências e esse movimento a ajudou nesse processo, na formação de sua identidade, como reflete Stuart Hall, "A Identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento." (HALL, 2001, p. 53).

A negritude foi um emponderamento necessário para aqueles sujeitos sociais naquele contexto social preconceituoso. A última parte escolhida dessa entrevista revela que o emponderamento de si mesmo é muito importante, sobretudo diante de uma sociedade que ainda estabelece suas relações e práticas baseadas na cor e na raça,

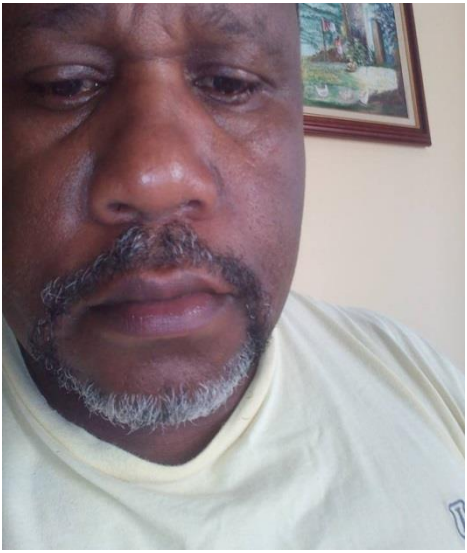
> "E hoje o racismo ainda está bem forte, ele está mascarado, as pessoas tem medo de se pronunciar, enquanto racista ou dar a opinião

> delas, mas ele está aí visível, até quando ele vai nós não sabemos, de repente os meus netos vão resolver essa questão. Eu sempre coloquei para os meus filhos que eles são negros e eles tem que defender a negritude deles, só que aquilo que a minha mãe me ensinou lá atrás que eu sou mulher, sou negra e sou pobre eu sempre tenho que provar duas vezes que eu sou melhor, porque eu sou negra. Daqui a pouco eu me pego dizendo isso para os meus filhos, tem certas atitudes que por ser negro tem que, fazer um diferencial, se destacar , tem que mostrar que porque tu és negro que tu consegue te destacar.” [22]

Prossigo a discussão sobre a trajetória da Sociedade Cultural e Recreativa Cinco de Junho, apresentando meu segundo entrevistado:

[22] Entrevista realizada com Eliana Dos Santos em março de 2016.

Imagem 2



Fonte: Imagen concedida pelo entrevistado

João Batista da Silva nasceu em 23 de junho de 1966, em Siderópolis. Concluiu o Ensino Fundamental, e aposentou-se como mineiro. Filho de pai também mineiro e de mãe dona de casa. Casado, pai de quatro filhos. Atualmente é membro do Movimento de Conscientização Negra Cruz e Souza de Siderópolis, sendo um dos fundadores da Sociedade Cultural e Recreativa Cinco de Junho. Atualmente reside em Siderópolis.

Ambos os entrevistados desse capítulo são descendentes dos trabalhadores pioneiros da trajetória da mineração da cidade. Eliana é neta de um dos trabalhadores que preparou o terreno para a instalação e construção das primeiras casas da

Vila Operária no Bairro Rio Fiorita (será apresentado no segundo capítulo) e filha de trabalhadores da CSN e João Batista é neto de um dos trabalhadores que foi mão de obra para a construção do túnel na cidade. O registro de nascimento do pai de João, seu Sebastião da Silva, foi encontrado nas pesquisas realizadas no cartório com as devidas considerações, registrado em Siderópolis em 18-03-1944, nascido em Palhoça, filho de Lauriano Francisco da Silva, que tem a profissão do pai definida como a carpintaria, já sua avó veio da Serra e se instalou na comunidade do Rio Jordão, como relatou João. João relata que após seu avô trabalhar na construção do túnel permaneceu na cidade e foi trabalhar nas minas de céu aberto.

Seu pai também foi mineiro, das minas do dia, e se estabeleceu na cidade com sua família, aposentando-se pela prefeitura de Siderópolis, sua mãe era dona de casa (do lar). João Batista trabalhou desde os sete anos de idade (carpindo quintais, vendendo amendoim torradinho, picolé e engraxando sapato) e aos 16 anos ele começou a trabalhar no mercado da cidade, após a morte de seu pai ele como um dos filhos mais velhos acabou tendo a responsabilidade de ajudar em casa. João recorda da sua infância e traz na sua memória as lembranças que ele tem sobre as práticas do racismo, ele comenta que,

> "Era negros e brancos, tudo misturado. Quando eles brigavam com a gente e não podiam ir com a gente na força física eles apelavam para a ignorância, chamavam de macaco, de isso de aquilo. Uma data que eu nunca gostei foi o 13 de maio, quando ia chegando perto do dia 13 de maio eu ia ficando incomodado, vinha aquela comemoração no colégio, isso aí é uma coisa que na escola eu nunca gostei." [23]

Desde criança ele já percebia alguns comentários preconceituosos e racistas sobre ele e com certeza são marcas que ele traz consigo, sem contar que a data comemorada na escola, o 13 de maio o entristecia, por um motivo óbvio, retratava o escravo, e não as experiências dos afrodescendentes, sua história de luta, retratava toda a negatividade sobre os referenciais africanos e sobre os afrodescendentes que viveram a experiência da escravidão. Ele coloca como lida com o racismo sofrido em sua vida "Eu Tita, eu não sofro tanto com o racismo porque eu brigo, mas dói na carne, mas acho que todos se sentem assim, quando passa uma coisa na televisão a gente sente, as vezes corre a lágrima e não é nenhum nem outro, eu acho que é a maioria." , por mais q[ue] ele faça o enfrentamento sobre as práticas racista e que diga que não sofre com o racismo, sua comoção atravessa suas próprias experiências justamente por ele saber como o outro se

[23] Entrevista realizada com João batista em abril de 2016.

sente, pois as experiências são semelhantes. [24] Perguntei a ele como ele sentia o racismo nas suas experiências enquanto adolescente, ele conta como era sua convivência com os colegas da escola, o que ele define como uma condição racista velada, que não ficou apenas em seu passado, mas que ainda se perpetua como ele comenta,

> "A convivência na realidade era como ainda é hoje. O racismo no Brasil, para mim é o pior racismo que tem. Eles (os racistas) batem nas tuas costas e dizem que não são disso, mas é não adianta, é. Eles te discriminam por palavras, por gestos, fechando as portas, a discriminação existe, não adianta. (...) Com o tempo eu estou sendo mais maleável, porque eu digo assim, a gente tem que jogar o jogo deles, fazendo de conta, entra em um ouvido e sai pelo outro, ir trabalhando a nossa raça, pra se expandir conhecimento, fortalecer no estudo. Assim como a mulher está ocupando o espaço nas empresas eu acho que os negros também pode ocupar o espaço dele tendo bom conhecimento." [25]

Percebo na fala de João uma espécie de tática de sobrevivência e de emancipação, na entrevista realizada percebi na fala e nas ideias colocadas por João, essa tática como uma emancipação para os afrodescendentes, relacionadas com as oportunidades e qualificação desses sujeitos, sobretudo

---

[24] Entrevista realizada com João batista em abril de 2016
[25] Entrevista realizada com João batista em abril de 2016.

no mercado de trabalho, mas esse crescimento também está associado a estar no mundo, pensar sua negritude. João nasceu em Siderópolis, tendo uma infância e uma adolescência marcada pelo trabalho, pelo esporte, pelo estudo e pelas responsabilidades de ajudar sua família com apenas 16 anos, sua vida social na adolescência foi marcada pelo esporte, jogando bola aos domingos e pela diversão nos clubes aos sábados, indo ao Clube União Mineira, ao clube União Operária, ao Clube Brasília e ao Brotolândia em Criciúma e em Siderópolis no Recreio do Trabalhador, no Siderópolis Clube, no Clube União. João conta um pouco dessas experiências e sobre o fato de alguns lugares serem reconhecidos como espaços de brancos e não brancos,

> "Podia entrar também, (nos clubes), mas tinha uma restrição tinha, a gente sentia que tinha, mas deixavam entrar. Inclusive tinha muita gente que dizia assim: Aqui não é o clube de vocês, o de vocês é o outro lá, é o união, o de madeira. No Siderópolis Clube eu fui poucas vezes, não adiantava ali, se no Recreio já era que ia bastante gente da comunidade do Fiorita que a gente conhecia, no Siderópolis Clube não dava para entrar. Eu não me sentia nem bem ali, não tinha como se sentir bem ali. Até porque a nossa raça ela é alegre, ela dança diferente, então tu tem que estar bem para dançar, de espírito aberto para poder dançar, era a época do Michel Jackson." [26]

[26] Entrevista realizada com João batista em abril de 2016.

Através da fala de João, podemos perceber que não havia uma segregação estabelecida pelo Siderópolis Clube [27], mas essa estranheza e separação existia de maneira cultural, no imaginário daquela sociedade. João comenta que o Clube União Mineira atravessou a década de 1970 e que ainda na década de 1980 havia promoções realizadas pelo SCRCJ, esse era o clube reconhecido pela presença majoritária de afrodescendentes, ou popularmente tido como o Clube dos negros. Sobre suas idas ao Clube União ele comenta,

> "No União Mineira fui muito, me sentia em casa, negro bem vestido. A gente se sentia bem, brincava, ria, parecia que a hora não passava. Dava bastante gente, a maioria era de negros, para entrar um branco ele tinha que ser muito amigo dos negrão para entrar. Tenho bastante lembrança do União, tinha uma diretoria, foi fundada pela CSN a pedido do pessoal da raça né." [28]

Essa fala é importante para pensar a questão da identificação, da pertença e representação daquele território para os afrodescendentes e, sobretudo o significado que aquele espaço e as práticas realizadas neles tinham para aqueles

---

[27] O Siderópolis Clube que ficava bem no centro da cidade e foi criado bem depois do Recreio do Trabalhador e do Clube União.
[28] Entrevista realizada com João batista em abril de 2016.

sujeitos, que sem sombra de dúvidas se sentiam mais fortes, unificados e autônomos, era um espaço que dava visibilidade aquele grupo da cidade. A falade João “bem vestidos” retrata também uma das formas de promoção de respeito dentro daquela sociedade, como explica Maria das Graças Maria, “As normas e os códigos de moralidade poderiam ser traduzidas como formas de sobrevivências dos “territórios”, ou de adaptação à dominação inexorável dos poderes públicos. “(MARIA, 1997 p.152).

Assim com Eliana, João também foi um dos fundadores da SCRCJ, ele conta um pouco sobre como esse grupo, a princípio foi se estabelecendo e ganhando maturação até que posteriormente tenha se tornado uma sociedade mais organizada,

> “Nessas nossas amizades, eu o Cielo, a Nani, o Calo, a Vone, a Dona Jandira, o Neri, tinha um branca no meio a Melânia, a gente saia junto conversava. Fim de semana a gente se sentava para conversar na casa e fulano na casa de beltrano e a gente tinha as ideias e na época também tinha o grupo de jovens, eu participei o Neri participou, a gente queria fazer uma coisa diferente, e tinha também um grupo de música chamado Contact Band, que ensaiava na casa da nani, o Cielo tocava, o Calo tocava, essa Melânia que era a branca era uma das vocalistas, e eu acredito que foi por intermédio disso aí que se formou o grupo, com essas amizades a gente fundou o gruo, porque a gente se reunia no porão da casa da Dona Jandira e na

> casa da Nani e ali que foi amadurecendo o grupo. Era um grupo de jovens que depois tronou-se no movimento negro.”[29]

Ele tinha apenas 18 anos quando começou a pensar na possibilidade de mudanças para a população de afrodescendentes da cidade, teve suas próprias experiências pessoais como impulsionadoras para pensar as experiências dos afrodescendentes naquela sociedade e para vislumbrar mudanças nas condições de vida dos mesmos, de sua geração e das gerações futuras, dos próprios filhos, ele conta um pouco sobre como pensava essa associação (SCRCJ),

> “Eu vou falar por mim e que muitas vezes divergia da ideia de todos. Eu Tita, Eu quando estudava eu queria ser um advogado, meu sonho era ser um advogado, mas na época a dificuldade era muito grande. Nós temos que nos organizar como movimento para poder dar suporte para pessoas que querem crescer na vida, do nosso pessoal, não pessoas brancas, pessoas negras, inclusive para fazia um caixa, por exemplo assim: o Cielo vai casar, o próprio Cielo vai querer estudar, fazer uma faculdade, ele vai seguir como um cara normal, vai para a faculdade dele, mas vai que uma hora ele não consegue ele tem que ter um suporte para poder continuar. Seria dessa maneira, para pessoas negras crescerem, essa era a minha ideia. As pessoas negras eram pobres, nós éramos pobres, só a Fatima mesmo era professora, nós não tínhamos nenhuma outra pessoa do nosso meio

[29] Entrevista realizada com João batista em abril de 2016.

> que tinha estudo, em 1985 não é muito longe. Nos tínhamos e temos que criar uma legião de negos com estudo. Por exemplo assim: tem uma certa discriminação em uma empresa, a gente tem que estar organizado para combater aquele tipo de discriminação. Essa era a ideia e que acho que continua sendo até hoje, que nós precisamos disso até hoje, então já começou lá atrás.”[30]

Vejo esse movimento, através dessas falas, como um caminho de mudança, através de muita solidariedade e com a perspectiva de mudar os espaços conquistados pelos afrodescendentes através de novas oportunidades, sobretudo pela educação e capacitação dos jovens afrodescendentes. Eles se ajudavam, construindo laços de solidariedade, realizavam eventos para arrecadar fundos, se reuniam para discutir temas que proporcionassem o seu crescimento. Para ele o movimento da comunidade de afrodescendentes na cidade representa a luta para possíveis mudanças: “Necessidade de lutar pelo nosso pessoal e se nós não tivermos organizados nós não vamos conseguir nada, já é difícil e ainda disperso.”[31]

Uma das ações interessantes realizada através da SCRCJ, foi o Concurso da Mais Bela Negra de Siderópolis realizado na cidade na década de 1990, representando uma das formas de empoderamento e da positivação dos estereótipos de

---

[30] Entrevista realizada com João batista em abril de 2016.
[31] Entrevista realizada com João batista em abril de 2016.

beleza das afrodescendentes se tornando uma grande forma de estabelecer e afirmar sua negritude para si mesmo e para os outros como algo positivo. Diante de um padrão de beleza normativo o padrão dos brancos, lançar essa campanha de uma diversidade sobre outros parâmetros de beleza era fundamental para aquelas mulheres não brancas naquela sociedade. A cultura que se criou sobre os afrodescendentes, a cultura da diferença, e também de referenciais próprios estabelecidas pelo próprio grupo, se tornou também uma forma de se emancipar, tornando-se um campo de luta.

Dentro das análises sobre cultura o termo hegemonia é certamente um dos mais frequentes, mas a hegemonia é sempre uma questão de dominação, me refiro a cultura considerada superior erudita, as identidade e tradições de um grupo da sociedade, essa ideia de hegemonia é o resultado de negociações e momento de dominação de certos grupos, e de mudanças nos poderes de relações, que hora dá maior abertura para as grupos sociais populares ora as torna mais marginais, mas Stuart Hall atenta para um questão sobre a visibilidade das culturas populares, onde é colocada a cultura negra, “Eu sei que o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada, mas simplesmente menosprezá-la, chamando-a de “o mesmo”, não adianta”. (HALL, 2003 p.172)

Na interpretação dessas duas entrevistas meu objetivo foi compreender como as experiências pessoais desses sujeitos influenciaram na construção de suas identidades e de espaços de luta dentro daquela cidade, através do que eles denominam como movimento negro, que seria a criação da SCRCJ em 1985 com sua trajetória até a atualidade (2016). Pude identificar através das experiências e lembranças relatadas que esses sujeitos estavam inseridos em uma sociedade marcada pelas práticas do racismo o que os colocou em um lugar desigual dentro do contexto social da cidade em que viviam. Mas essa condição não era somente nessa cidade, mas no país todo, apresentando suas peculiaridades. Foi possível compreender como alguns conceitos sobre a identidade negra foram se estabelecendo na relações do grupo como um forma de autoafirmação dentro de Siderópolis e de como as práticas dentro dessa movimentação enquanto grupo serviram para sua representação naquela sociedade e também para emancipação dos seus participantes, sobretudo afrodescendentes que conquistaram espaços, através da solidariedade do movimento, contribuindo para seu crescimento pessoal e profissional.

Voltar meu olhar para esse passado e investiga-lo me fez refletir muito sobre o presente e sobre o próprio passado, sobre as lacunas deixadas, os silêncios que falam, e sobre o que eles refletem no hoje, de qualquer maneira seria impossível

alcançar todas as falhas sobre a construção e representação desse passado, bem como alcançar todas as experiências vividas no passado de forma absoluta, talvez esse olhar construa uma narrativa mais aberta para novas buscas e novos olhares, algumas indagações, sobretudo a partir do presente. Gosto muito dessa citação que escolhi para pensar essa questão, sobre presente, passado e o fazer da história, da escrita, da narrativa, como coloca Emerson,

> Saber olhar para o passado é uma arte. Uma arte que não pede licença para ser produzida. Esta arrogância é positiva somente quando tentamos sob formas diferentes, resistir à tentação de preencher faltas e sufocar silêncios. Falo de uma narrativa que pretensamente busque um passado reconhecendo imediatamente nele sua incompletude e imperfeição, que solidamente confirmam a imprevisibilidade do presente. (CAMPOS, 2003, p. 126)

2. EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS: O MUNDO DO TRABALHO

> A história não é um jogo de espelhos, é um jogo de lacunas.
>
> François Dosse

A trajetória dos afrodescendentes será pensada nesse trabalho a partir da implantação da Companhia Siderúrgica Nacional em Siderópolis que inicia sua preparação no ano de 1942 e estrutura-se em 1944, é nesse contexto que a implantação de uma grande indústria carbonífera atrai a mão de obra de trabalhadores de diversas cidades e é também nesse período que constata-se que o contingente de moradores e trabalhadores afrodescendentes na cidade apresenta um crescimento de acordo com os registros de nascimento encontrados nos dados cartoriais. Até a implantação da CSN a cidade Nova Belluno era uma cidade pequena e pacata com poucos moradores, em sua maioria descendentes de italianos, mas a cidade e sua população começam a sentir as mudanças estruturais dessa nova implantação, começando pela preparação do território para construção das casas para a chamada Vila Operária, que foi construída em um bairro

próximo a área da mineração da cidade, o Bairro Rio Fiorita [32]. No bairro a paisagem ambiental e a configuração de território mudaram radicalmente, nessa região havia poucas casas, eram de imigrantes que se estabeleceram assim que chegaram na cidade, pois a concentração de pessoas estava no centro da cidade. Nesse sentido, de transformações dos espaços da cidade, o historiador Dorval do Nascimento aponta que,

> Com o crescimento da atividade carbonífera, foi se estabelecendo uma radical transformação na paisagem regional, que foi cada vez mais tendo as marcas da extração do carvão. Em primeiro lugar, essa mudança atingia as localidades que possuíam mina de carvão, já que as empresas carboníferas, especialmente as maiores, implantavam todo um complexo industrial que funcionava em função do carvão. (NASCIMENTO, 2001, p. 57).

Apresento abaixo uma imagem do ano de 1944 que retrata o local onde a Vila Operária foi construída no Bairro Rio Fiorita, essa imagem nos ajudara a perceber como eram os espaços naquela cidade,

---

[32] O nome desse bairro tem sua origem em homenagem ao antigo proprietário da Colônia, o italiano Ângelo Fiorita. Referência encontrada no site www.Sideropolis.wordpress.com com um texto da autoria de Ronaldo David.

Imagem 3

Fonte: Arquivo Público e Histórico Amadio Vettoretti.

A imagem nos revela um espaço ambiental basicamente rural e pouco habitado, o espaço ocupado por algumas casas de famílias dos imigrantes, posteriormente começa a ceder espaço a vila comum dos operários. A desapropriação das famílias foi uma prática comum, "(...) mas quem não queria vender, era pressionado, eram praticamente despejados de suas casas. Houve casos em que os encarregados das negociações iam chegando para expulsar as pessoas, começavam a retirar as telhas das casas e jogar longe e não havia escolha."

(RODRIGUES, 2001.p, 13). Assim se configurava a cidade para a preparação do terreno que seria utilizado para implementar a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) na cidade, como pontua a historiadora Mariane Silva,

> Descoberto o minério, a cidade foi deixando de ser aquela pequena vila de imigrantes italianos. Aos poucos se transformou num dos maiores municípios exploradores de carvão do Sul de Santa Catarina. Chega a Siderópolis a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), uma grande empresa, que modifica o cotidiano do lugar, provocando uma grande transformação na cidade e no ritmo de vida das pessoas. Eis que uma nova opção de trabalho domina em Siderópolis. O estilo de vida rural dá lugar ao ritmo industrial. (SILVA, 2006.p, 12)

Para compreensão das mudanças no cenário econômico é pertinente pontuar algumas questões sobre a situação econômica no país e algumas das medidas do presidente da época Getúlio Vargas,

> A partir de 1930, Getúlio Vargas aprova dezenas de leis protecionistas em prol do carvão nacional. Em 1931, por decreto federal, pelo menos de 10% do carvão consumido pelas empresas deveria ser nacional. (...) Na década de 1940, a indústria carbonífera catarinense, passou, mais uma vez, a fazer parte do cenário das políticas econômicas do país em virtude do papel desempenhado no contexto da Segunda Guerra Mundial. (CAROLA, 2002, p. 17).

No cenário catarinense houve a implantação de um complexo industrial, pela CSN, que incorporou Siderópolis, Criciúma, Capivari, Tubarão e ainda a construção de vilas operárias, estradas e instalações no porto de Imbituba, era um grande empreendedorismo econômico para a época. A CSN foi fundada em 09 de abril de 1941, através da aprovação do presidente Getúlio Vargas, começa suas instalações no mesmo ano no Bairro Rio Fiorita, primeiro com os estudos de campo para preparação das atividades e com a ocupação em 1942, mas somente a partir de 1944, deram-se as maiores estruturações, como destacou Ronaldo David,

> Estruturações de ruas, parque das máquinas, centro administrativo, escritório central, olaria, fazenda de criação e abate de gado, posto de saúde, ambulatório, oficinas, garagem para caminhões pesados e manutenção, armazém, açougue, padaria, escola, casas de alvenaria para os administradores e engenheiros, em vilas especialmente para este fim. (DAVID, 2015.p, 28)

A partir daí o cenário começa a mudar, a cidade começa a intensificar a contratação da mão de obra e a chegada de trabalhadores é massiva na cidade,

> Com o aumento da produção do carvão no estado de Santa Catarina, a mão-de-obra para o trabalho na expropriação do minério ficava

> cada dia mais escassa. Para resolver a situação, os empresários do setor começaram a chamar trabalhadores de outros estados através de jornais. Não só mineiros, mas também contratados para a construção da estrada de ferro. Avalia-se que entre 1939-1945, centenas de famílias inteiras tenham deixado suas cidades de origem para atender a demanda de mão-de-obra na região carbonífera, em torno de mil homens aproximadamente. (RODRIGUES, 2001 p, 18).

De acordo com referências [33] onze mil casas foram construídas no tempo em que a CSN permaneceu na cidade até a década de 1980, estimando-se três pessoas para cada casa, logo uma média de trinta e três mil pessoas ao longo desses anos, um número quase triplicado sobre a população da cidade, que de acordo com último senso realizado em 2010 era de 12.998 habitantes. Centenas de mineiros contratados começaram a trabalhar em várias galerias de plano inclinado já em junho de 1944, entre 1944 e 1947 a leva de trabalhadores que chegava à cidade era considerável, sendo que em 1947 inicia-se o processo de extração do minério. Estima-se que em 1942 havia 190 habitantes, em 1944 havia 600 habitantes, em 1950 havia 1800 habitantes, quase dez vezes mais o número de habitantes com exceção da comunidade italiana. (DAVID,

---

[33] RODRIGUES, Olinda Custódio. **A instalação da CSN em Nova Belluno e os "respingos" da política do Estado Novo**- Décadas de 40 a 60. 2001, p. 53.

2015). A mão de obra de muitos imigrantes e colonos também se incorporou a CSN, muitos deles perderam seu espaço e atividades e viram na companhia uma oportunidade para crescerem financeiramente, “A mineração fez com que Siderópolis crescesse, o centro ganhou o prestígio que antes era do campo e a população crescia trabalhando na siderúrgica, poucos moradores resistiram a mineradora.” [34] Essa foi uma situação partilhada por muitos municípios que sofreram o processo da instalação da CSN, como cita Goulart,

> Nos anos 1920, assistiu-se na região de Criciúma ao início da transformação da figura do colono em mineiro. O colono mineiro é o pequeno agricultor que abandona ou vende sua propriedade para as companhias carboníferas e começa a trabalhar nas minas. Nos anos de 1930 e 1940, esta metamorfose se acelerou com a expansão das atividades carboníferas. (FILHO & LIVRAMENTO, 2004, p. 40)

E em meio a essa mudança e crescimento populacional chegaram na cidade os diferentes grupos de pessoas, mudando a relação dos indivíduos, o que antes era um lugar onde praticamente todos se conheciam, posteriormente passa a ser um lugar onde poucas pessoas se conheciam e onde o fluxo migratório era intensificado. Dentre tantas novidades para a

---

[34] POSSOLI, Thaize. **A importância da educação patrimonial: A CSN como patrimônio histórico em Siderópolis**. 2008.p, 43

cidade a construção do túnel e o aumento e manutenção da estrada de ferro foi uma delas, essa construção proporcionou a vinda de muitos trabalhadores, ainda no ano de 1942, ou seja, antes das efetivas instalações da CSN, o fluxo de trabalhadores vindos de outros locais já era recorrente. Mariane Silva relata um pouco esse processo,

> A Companhia Socimbra encarregou-se da construção do túnel e da vinda dos operários para Nova Belluno. Estes vieram de todas as regiões vizinhas, como, Imbituba, Gravatal, Orleans e até mesmo outros estados, como o do Rio Grande do Sul, Minas gerais e São Paulo. Na visão dos imigrantes que já viviam há muito tempo na cidade, estas pessoas vindas de fora, eram sem raízes, não tinham amor em lugar nenhum, que lutavam para continuar vivendo e na maioria das vezes nem documentos tinham. Pessoas acostumadas a viver ao gosto das brisas e se surgisse uma briga, era com eles. (SILVA, 2006, p.15)

Escolhi essa citação do trabalho da historiadora Mariane Silva, para trazer reflexões. É possível perceber que a autora dá importância a visão que os imigrantes italianos tinham sobre as pessoas que chegavam na cidade, refletindo pouco sobre esses novos imigrantes sem problematizar a questão da imigração na região ou refletir sobre a mentalidade que o imigrante italiano e toda sua construção e imaginário cultural lançam sobre os grupos diferentes do seu. Esse

encontro de grupos diferentes na cidade sofre seu primeiro impacto com a vinda desses trabalhadores, pois eles não eram funcionários da CSN, portanto, o respeito construído sobre trabalhador mineiro não estava lançado sobre eles. Até a implantação da CSN na cidade, Nova Belluno era vista como uma pequena colônia de imigrantes italianos que tinham uma vida simples, de comunidade, baseada na agricultura e pecuária de subsistência, mantendo uma tradição e costumes culturais que rememoravam sua vida na Itália [35], mas essa "vida italiana" foi reinventa [36] no contexto brasileiro. Nenhuma cultura resiste imóvel em outro contexto, essa pureza

---

[35] Os imigrantes que vieram de Vêneto eram italianos pequenos proprietários de terra, descendentes dos povos nórdicos, muito trabalhadores e acima de tudo, católicos. Livro: **Siderópolis. Uma cidade boa para de viver.** (org. MOROSO, Rosilda Mara Rodrigues), 2012, p. 4001.

[36] Eric Hobsbawm, nos ajuda a pensar essa ideia sobre as tradições, em seu livro a Invenção das tradições ele explica, " Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.(...) Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições "inventadas" caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a "invenção da tradição" um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea." (1984, p. 09-10)

imaginada de que acreditam terem transportado para o Brasil intacta é fruto de uma cultura reinventada, como pontua Stuart Hall,

> Estritamente falando, em termos etnográficos, não existem formas puras. Todas essas formas são sempre o produto de sincronizações parciais, de engajamentos que atravessam fronteiras culturais, de confluência de mais de uma tradição cultural, de negociações entre posições dominantes subalternas [...]. Essas formas são sempre impuras (HALL, 2003, p. 325).

A história da mineração na cidade faz parte também da história da transformação da cidade, a nova economia, o novo ritmo de trabalho, os novos costumes, os novos significados para aquela sociedade rompem com o que havia sido vivenciado até então pelos seus moradores, mas mais que isso os novos sujeitos que participaram daquela transformação também eram novos sujeitos naquela sociedade majoritariamente branca e representada pelos descendentes de italianos. Os atores dessa transformação vão se estabelecendo como objetos importantes para serem pensados, são insubstituíveis nesse contexto, como refere Mariane Silva,

> Toda essa transformação, porém não seria possível sem os atores “principais” desta história. Homens, mulheres e crianças, que,

> trabalhando na companhia ou não, ajudaram a escrever uma parte da história atual de Siderópolis. E hoje, ajudam a construir um novo olhar sobre a antiga Nova Belluno e seus moradores. (SILVA, 2006, p. 28)

Assim como Carola afirma que é impossível pensar a história da mineração criciumense sem a presença da mulher nesse processo, afirmo também que é impossível pensar a história da mineração em Siderópolis, sem pensar as mulheres e sem pensar os trabalhadores afrodescendentes que a construíram.

Através da história da mineração na cidade, novos sujeitos são revelados, se até certo momento a historiografia e as práticas daquela sociedade contribuíram para invisibilizar os sujeitos que não fossem os imigrantes italianos, as novas perspectiva sobre as mesmas ou diferentes fontes já analisadas são imprescindível para repensar esse passado e essa história. Nesse sentido o testemunho oral tem sido importante e indispensável na construção desse trabalho, tendo o testemunho oral como um afloramento de lembranças e reminiscências registradas pelos sujeitos, e não como a pura e autêntica voz do passado. (THOMSON, 1997). O silêncio e as lacunas nas produções sobre a história da cidade dizem muito, revelam a maneira de construir uma historiografia sobre um determinado lugar, as intenções e influências dessa escrita.

Todas essas mudanças na cidade geram uma nova condição para ela, uma nova condição cultural, mudando também o perfil da cidade, que de pequena colônia passa a ser vista como uma importante cidade na história da indústria carbonífera catarinense transferindo a importância do trabalhador agricultor ao trabalhador mineiro. As bravuras, constantemente enaltecendo os imigrantes "pioneiros", transferiram-se ao mineiro que tinha uma rotina e condições de trabalho que exigiam também bravura. Assim como foi enaltecida sempre de maneira enfática a importância do trabalhador imigrante na construção da história da cidade, não pode deixar de ser pensado para a história também o trabalhador mineiro, que era o principal sujeito da história da indústria carbonífera na cidade, contudo seria repetir os erros reconstruir a história da cidade apenas sob esse olhar, da mineração e do trabalhador mineiro, essa é apenas uma das várias faces da história da cidade, que não pode ser colocada em posição de destaque como qualquer outra história, o objetivo é acrescentar à historiografia sobre a cidade e não fragmentá-la, mas partindo de perspectivas diferentes.

Nesse processo de mudanças econômicas no país, estão envolvidas também as ideias sobre um perfil nacional. A construção de um perfil sobre a nação vem sendo pensado, desde o século XIX, não teve seu início com Getúlio Vargas. A

história da construção de uma historiografia brasileira, através do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, criado em 1823, moldado pelos padrões europeus de escrita histórica também influenciaram o Brasil tendo uma construção elitista e homogeneizadora, como reflete Manoel Luis Salgado Guimarães, “A fisionomia esboçada para a Nação brasileira e que a historiografia do IHGB cuidará de reforçar visa a produzir uma homogeneização da visão de Brasil no interior das elites brasileiras.” (GUIMARÃES, 1988, p.06). É pensada também pelo IHGB uma história de civilização para o país que exclui mais do que inclui, como conclui Guimarães,

> O conceito de Nação operado é eminentemente restrito aos brancos, sem ter, portanto, aquela abrangência a que o conceito se propunha no espaço europeu. Construída no campo limitado da academia de letrados, a Nação brasileira traz consigo forte marca excludente, carregada de imagens depreciativas do ·outro·, cujo poder de reprodução e ação extrapola o momento histórico preciso de sua construção. (GUIMARÃES, 1988, p.07)

A disciplina de história era dentro do IHGB o meio para forjar a nacionalidade, isso pensado no século XIX, mas deixando seus resquícios ao longo do século XX. Essa ideia de perfil do país foi sendo pensado praticamente como homogêneo e seus reflexos geram esse mesmo formato para as

ideias de uma nação, refletindo também na construção das identidades locais. A ideia de um país com um perfil de homens trabalhadores e do progresso da nação encontra no mineiro um bom objeto para construir essa identidade sobre o cidadão brasileiro e a ideia sobre a nação. A identidade do mineiro passa a ser pensada nas cidades de mineração, como coloca José Paulo Teixeira,

> Devido à força histórica e social dos mineiros e todo imaginário social e simbólico que representa esse grupo de trabalhadores, mesmo que suas lideranças não tenham se tomado nomes de ruas ou praças - como acontece com os representantes das famílias de colonizadores, de comerciantes, dos mineradores e outras personalidades ilustres -, não foi (e não é) possível ocultar esse grupo de dominados na história da cidade. A constituição da ideologia da mineração, como já disse, iniciou-se com a exploração do minério, nos anos 20. (TEIXEIRA, 1985 p. 46)

O texto de José Teixeira refere-se a cidade de Criciúma, mas essa questão pode ser repensada também para Siderópolis e para muitas cidades que tem em sua trajetória a presença da mineração, mesmo com as especificidades locais a questão da identidade mineira não foi algo característico somente de Criciúma como complementam outras referências. Utilizaram pesos e medidas iguais para concluir essa identidade mineira

imaginada como homogênea e fraterna, contudo o cotidiano desses trabalhadores trazia espaços diversos e ambíguos, que ao mesmo tempo em que discursava uma identidade que pudesse abarcar todos ela também era excludente, pois a pureza nos símbolos e referenciais culturais não existe e está em constante contradição com as experiências e referenciais cotidianos, como afirma a Historiadora Roseli Bernardo,

> A cultura do carvão, ao construir vários símbolos na região mineira, buscou passar uma ideia, de um passado homogêneo e de uma história sem conflitos e contradições. (...) Portanto, se a concepção predominante era a de forjar uma identidade única para a sociedade da região carbonífera, ou seja, a cultura do carvão, excluindo as diferenças e a pluralidade cultural da população, não logrou êxito em sua caminhada, porque a classe trabalhadora construiu seus referenciais pautados no seu cotidiano, em suas vivências e conveniências, no que os identificava. (BERNARDO, 2004, p. 373)

A história da mineração em Siderópolis nos indica diferentes possibilidades de pensar a cidade e sua população através da cultura, da economia, das identidades, da diversidade, da invisibilidade e de tantas outras maneiras, mas esse trabalho visa trazer para a História dessa cidade parte dos sujeitos que foram excluídos dela. Os novos sujeitos que serão apresentados nesse capítulo, eles representam também parte de

uma perspectiva diferente de olhar para a história dessa cidade, uma visão necessária para essa historiografia, que seja menos elitizada e tradicional, que rompa com as ideias de uma produção racista, eurocêntrica e homogeneizadora. Os afrodescendentes que vieram trabalhar na CSN em Siderópolis, representavam parte da população durante a permanência da companhia na cidade muitos deles tiveram passagem breve pela cidade, mas muitos criaram família e vínculos, se estabeleceram nela, foram forte presença na mão de obra das mineradoras, tiveram suas experiências vividas naquela sociedade nos diferentes espaços, criando também seus territórios e trajetórias, contribuindo para a construção histórica da cidade.

A falta de narrativas e de uma historiografia que dê visibilidade para esses sujeitos- que eu classifico nesse capítulo como os novos sujeitos, porque serão apresentados dentro da história da cidade- não exploraram esses sujeitos de uma maneira mais densa, investigando quem foram esses trabalhadores afrodescendentes que viveram na cidade por muito tempo e ainda vivem, buscando saber de onde eles vieram e como foram suas trajetórias, quais trabalhos desempenhavam, que lugares frequentavam, como era o seu cotidiano, essa construção narrativa é praticamente inexistente. Não há uma referência produzida exclusivamente sobre a

presença dos afrodescendentes na cidade, algumas menções aparecem quando se discute superficialmente questões de relações tratadas como étnicas dentro de determinado contexto social, o sujeito em si, reconhecido como alguém que fez sua história e também a da cidade não foi referenciado, até mesmo os espaços de exclusão devido a práticas racistas são citados em algumas produções, mas são pouco refletidos.

Algumas dessas escritas ainda negligenciam alguns sujeitos sócio históricos, "Ainda há uma imensidão de objetos e sujeitos que estão soterrados."[37] Esse tipo de escrita faz parte do próprio processo histórico da escrita da história, da escrita herdeira da cultura elitista, branca e homogeneizadora, que "impediu veladamente" ampla pesquisa, em um primeiro momento, sobre a escravidão em Santa Catarina. A partir da década de 1980 e principalmente da década de 1990 começou uma reflexão e produção a partir da ideia de experiência ou seja, as vivências para além da escravidão, os afrodescendentes deixam de ser vistos como objetos e passam a ser vistos como sujeitos. É a partir dessas pesquisas, e outras também, que esse trabalho se pauta, compreendendo os afrodescendentes como sujeitos históricos na sociedade catarinense, apresentando seus espaços de visibilidade, compreendendo suas experiências nos

---

[37] SILVA, Mariane Aléssio. **A presença feminina na Vila Operária: memória e saberes** (Siderópolis- 1936-1960) . 2006 .p 09)

seus próprios termos, e não através dos termos do outro. Perceber esses sujeitos nas narrativas da cidade de Siderópolis é uma tarefa que exige esforço, pois estão nas entrelinhas, nos silêncios, é interpretar essas experiências além das estruturas sociais e enxergar esses sujeitos como sujeitos que experimentaram as suas ações, como pontua EP Thompson,

> (...) não como sujeitos autônomos, 'indivíduos livres', mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida 'tratam' essa experiência em sua consciência e sua cultura (...) e em seguida (...) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 1981, p. 182).

As memórias e lembranças reveladas por esses sujeitos, esses homens e mulheres que construíram suas trajetórias e também a história da cidade, foram indispensáveis para desenvolver esse trabalho, pois elas revelam o cotidiano e as relações mais recorrentes nele, através de suas experiências nos diferentes lugares daquela sociedade, como pontua Alessandro Portelli, esses testemunhos são importantes para ir além dos fatos ocorridos em determinada sociedade e contexto de análise, "A importância do testemunho oral pode se situar não em aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir, por

isso não há “falsas” fontes orais. Como lembra Walter Benjamin, “O narrador conta o que ele extrai da experiência-sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história.”

2.1 A COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL: ARTES E OFÍCIOS

> A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.
> Pierre Nora

Para desenvolver esse trabalho e especificamente esse capítulo, eu precisava descobrir mais sobre a presença dos afrodescendentes em Siderópolis, desse modo resolvi investigar os registros de nascimento no cartório da cidade e lá encontrei dados interessantes, pois nesses registros muitas informações são fornecidas como, a cor da pele, a profissão dos pais e a cidade de nascimento. Foi assim que pude tecer essa linha relacional, percebendo de onde vinham essas famílias e compreender porque estavam vindo para essa cidade, muitos dos pais se declaravam como mineiros e operários, entre outras

profissões, fator que ajudou na análise. A análise foi feita entre os anos de 1939 a 1955, em princípio a ideia seria analisar uma década de registros a partir da instalação da CSN, mas eu optei por analisar os registros de três anos antes do início da organização da companhia na cidade, em 1942, com a intenção compreender quando o crescimento da presença desses afrodescendentes começa a aparecer. Outro dado importante e facilitador de certa maneira, para analisar esses registros foram às categorizações de cor, que apareceram com a classificação de pessoa de cor morena, cor preta e cor parda, não só para pensar nessa estatística percentual, mas para pensar outras questões sociais e de que maneira os conceitos sobre raça e identidade influenciaram essas denominações ou auto declarações.

Na tabela abaixo apresento os dados obtidos no cartório para podermos refletir e compreender um pouco mais sobre esses sujeitos afrodescendentes que migraram para a cidade de Siderópolis.

Tabela 3: Apresentação da análise de dados realizada sobre afrodescendentes no cartório entre 1939-1955.

Ano de registro de nas-cimento	Cor apresentada nos registros	Cidades de nascimento encontradas nos registros	Profissão dos pais encontrada no registro	Total de registros
1939	Nenhum registro	_	_	_
1940	Nenhum registro	_	_	_
1941	01parda-01morena	Siderópolis	Não relatada	02
1942	01morena	Siderópolis	Não relatada	01
1943	01 parda 01morena	Siderópolis	01 operário	02
1944	16 parda 30 preta 59 morena	Cidades do RS e do PR e também: Siderópolis, Orleans, Araranguá, Criciúma, Lauro Muller, Tubarão, Braço do Norte, Palhoça, Imaruí, São Joaquim, Morro da Fumaça e Urussanga.	24 operários 06 mineiros	106
1945	07 parda 05 preta 11 morena	Cidades do RS e do PR e também: Siderópolis, Palhoça, São Joaquim, Criciúma, Jaguaruna e Tubarão.	06 operários 01 mineiro	23
1946	27 parda 29 preta 28 morena	Siderópolis, Jaguaruna, Orleans, São Joaquim, Laguna, Tubarão, Criciúma, Nova Veneza, Indaial, Urussanga, Lauro Muller, Imaruí e Biguaçu.	27 operários 22 mineiros	84
1947	21 parda 30 preta 23 morena	Cidade de MG e também de: Siderópolis, Criciúma, Tubarão, Braço do Norte, Pescaria Brava,	11 operários 42 mineiros	74

		Capivari, Araçatuba, Araranguá, Orleans, Guatá e Jaguaruna.		
1948	49 parda 18 preta 13 morena	Cidades do RS e também de : Siderópolis, Criciúma, Morrinhos, Tubarão, Orleans, Braço do Norte, Biguaçu, Imbituba, Florianópolis, São Pedro, Cabeçudas, Nova Veneza e Palhoça.	11 operários 37 mineiros	81
1949	34 parda 28 preta 34 morena	Cidades de RS e também de: Siderópolis, Criciúma, São Marcos, Imaruí, Gravatal, Orleans, Morro Grande , Lauro Muller, Timbé, Jaguaruna, Palhoça e Araranguá.	12 operários 34 mineiros	90
1950	20 parda 04 preto 25 morena	Siderópolis, Lauro Muller, Orleans, Araranguá, Criciúma, Jaguaruna, Sombrio, Cabeçudas e Imaruí.	15 operários 07 mineiros	49
1951	34 parda 30 preta 26 morena	Cidades de MG e também de: Siderópolis, São Ludgero, São Joaquim, Orleans, Imaruí, Braço do Norte, Pedras Grandes, Araranguá, Tubarão, Criciúma, Lauro Muller, Nova Veneza, Palhoça e São José.	32 operários 15 mineiros	90
1952	32 parda 17 preta Nenhuma morena	Siderópolis, Enseada do Brito, São Ludgero, Garopaba.	32 operários 02 mineiros	49
1953	50 parda 27 preta 02 morena	Siderópolis, Criciúma, São Marcos, laguna, Lages, Garopaba, Paulo	45 operários 05	81

		Lopes, Florianópolis.	mineiros	
1954	30 parda 47 preto 05 moreno	Siderópolis, Palhoça, Criciúma, Paulo Lopes, Lages, Tubarão, Laguna, São Joaquim, Araranguá, Gravatal, Imaruí, Pescaria Brava.	25 operários 08 mineiros	82
1955	29 parda 33 preta 01 morena	Cidades do RS e também de: Siderópolis, Içara, Lages, São Joaquim, Curitibanos e Tubarão, Capivari e Criciúma.	14 operários 12 mineiros	63
	Total 351= parda Total 298= preta Total 228= morena	Cidades mais frequentes= Siderópolis, Criciúma, Tubarão,	Total = 255 operários Total= 191 mineiros Total = 446	Total de registros= 877 [38]

É interessante ressaltar que nos anos de 1940 e 1950 a identidade para os afrodescendentes era uma questão que vinha

[38] Essa pesquisa foi realizada no Cartório Registro Civil Tabelionato Freccia, em Siderópolis. Foram analisados livros de número, 06, 07, 08, 09,10, 11, 12, 13, 14, 15,16, que totalizam oito mil registros, sendo que desses, 877 estão relacionados aos afrodescendentes segundo a declaração de cor apontada nos registros. Cabe ressaltar que os registros analisados no cartório eram feitos de forma manuscrita, dificultando muitas vezes a leitura, por esse motivo a quantidade de registros pode ser maior, devido a falta de compreensão e entendimento da letra de quem o escreveu nessas décadas. Considero importante refletir, também que podem ser os mesmos pais batizando mais de um filho ao longo dos anos. Então esses dados não podem ser tomados como dados absolutos. Como não pesquisei os registros de afrodescendentes anteriores ao ano de 1939, também não posso afirmar como era essa presença no período anterior a esse. O objetivo é analisar como se deu a presença de afrodescendentes na década de implantação e funcionamento da CSN em Siderópolis.

sendo reelaborada, o movimento da negritude estava surgindo no cenário global, mas ganha força no Brasil a partir da década de 1970, o termo negro ainda não estava estabelecido fragmentando-se entre homem de cor, negro, moreno, pardo e preto.

Analisando a quantidade de registros de afrodescendentes ao longo desses 16 anos o maior número é de 106 registros no ano de 1944, ano de inauguração do túnel, com o fluxo e a vinda de muitos trabalhadores em 1943 através da Socimbra, para a construção do túnel, essa permanência na cidade pode ter gerado encontros, formação de famílias e filhos e a grande mão de obra gerada pela CSN pode ter incentivado muitos desses trabalhadores a permanecerem na cidade. Não há referências escritas que possam ajudar nesse sentido, é relatado brevemente por um dos entrevistados que esses trabalhadores ficavam em pensões ou em barracões que a Socimbra construía para acomodar os funcionários, não se sabe se era comum esses trabalhadores virem com suas famílias. O entrevistado que me relatou esse fato foi João Batista, neto de um dos construtores do túnel, que relatou que seu pai veio com seu avó pequeno para cidade,[39] não se sabe precisamente se seu avô veio com a família, pois seu pai e familiares eram quem contavam essa

[39] Sebastião Lauriano da Silva 18-03-1944, pai de João. Lauriano Francisco da Silva, avô de João.

história, contudo sabe-se que seu avô permaneceu na cidade após a construção do túnel, sendo um dos operários que trabalhou nas minas de céu aberto da cidade.

Desses 877 registros, 446 apontam pais operários e mineiros, ambas as classificações aparecem com um ano de diferença, como apontado na tabela, mais da metade se identificavam como mineiro e operário, sendo profissões relacionadas diretamente com a mineração, mas os registros apontam outras profissões também, que poderiam não estar identificadas como mineiro e operário, mas que poderiam ser trabalhadores da CSN, como é o caso de Seu Lauriano Francisco da Silva que se identifica como carpinteiro, mas trabalhou na mineração de céu aberto na CSN.

A partir desses dados, os novos sujeitos se tornam mais visíveis para pensarmos a história da cidade também através de suas trajetórias e de suas experiências cotidianas. Nesse capítulo dois espaços importantes das trajetórias desses sujeitos serão apresentados, o espaço de trabalho e o espaço de moradia, através das referências, dos dados e das entrevistas essas trajetórias serão reconstruídas a partir de um novo olhar. São esses trabalhadores que gostaríamos de tratar a partir de agora nesse trabalho, os sujeitos afrodescendentes de Siderópolis, que sofreram a invisibilidade, mas que serão

rememorados e inseridos na história da cidade como sujeitos importantes.

A CSN foi vista como uma grande oportunidade de trabalho no início dos anos 40, sua implantação atraía pessoas de diversos lugares, primeiro para preparar o local para construir toda a estrutura e depois para o começo da exploração, mas é preciso primeiro pontuar algumas questões sobre a construção do túnel na cidade. Para um bom funcionamento do transporte do carvão, que seria extraído das minas, a CSN precisava antes de tudo dar conta de expandir a estrada de ferro tendo que construir um túnel para atravessar um morro que havia na região. A empresa responsável pela construção foi a Socimbra (Sociedade Construtora e Importadora Brasília Ltda) que acabou trazendo para a cidade muitos trabalhadores para essa construção, que iniciou em 1943 e ficou concluída em 1944. Nesse processo de construção do túnel muitos dos trabalhadores que vieram para a cidade eram afrodescendentes, em sua maioria eram paulistas, mineiros e tubaronenses, e eram tidos pela população de imigrantes como, aventureiros e malfeitores, como pontua Olinda Rodrigues,

> A maioria deles era de raça negra, alguns com sotaque nordestino ou do interior paulista e isto era uma certa novidade para os colonos

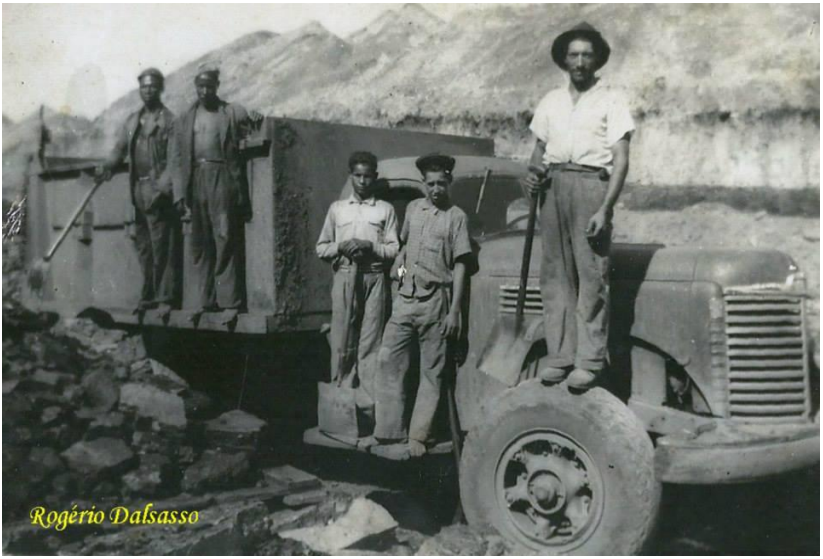
> instalados em Nova Belluno, talvez essa fosse uma das razões da desconfiança das pessoas quando não conhecemos optamos por se reservar o direito de ficar no seu canto, meio desconfiado, até sentir que pode haver aproximação, até sentir que não é perigoso essa aproximação. E foram essas pessoas que praticamente invadiram Belluno. (RODRIGUES, 2001, p. 24).

Trouxe essa citação para o trabalho com a intenção de refletir sobre ela. A historiadora reforça em sua escrita, modelos de uma narrativa eurocentrada, não refletindo de maneira mais adensada sobre a presença de novas pessoas na cidade. Quais os critérios tidos como invasão para a autora? Apenas não ser italiano? Para ela o território de Siderópolis já tinha estabelecido seus donos e qualquer pessoa ou grupo diferente estaria sujeito a julgamentos de ser um invasor. A citação acima, se baseia em entrevistas realizadas para compor o trabalho da autora, ou seja, na memória dos entrevistados descendentes de italianos, como citado por ela, o Senhor Brunel, que declara que os trabalhadores eram mal encarados, que percorriam o país em busca de trabalho, a autora ainda reforça que com o passar do tempo os moradores acabaram por ter os julgamentos certos sobre esses trabalhadores, pois eles se metiam em muita confusão. Essa análise dela sobre as memórias dos imigrantes em nenhum momento é contestada ou refletida, mas é interpretada e narrada de forma imparcial,

essas entrevistas usadas podem reforçar uma visão negativa construída sobre os afrodescendentes, já que a mesma identifica a maioria desses trabalhadores como sendo da “raça negra”.

Portanto, foram dois grupos de trabalhadores afrodescendentes que chegaram na cidade, os trabalhadores construtores do túnel, que não há como saber se seguiram seu caminho indo trabalhar pelo país, ou se estabeleceram-se na cidade como foi o caso já citado sobre seu Lauriano Francisco da Silva, avô de João Batista da Silva que veio para a cidade através da Socimbra para construção do túnel e acabou por permanecer nela e estrutura-se com família e trabalho. E há também o outro grupo de trabalhadores afrodescendentes que veio para a cidade atraído pela oferta de mão de obra para trabalhar na Companhia Siderúrgica Nacional, permanecendo nela por apenas alguns anos ou se estabelecendo nela de forma mais definitiva. Trago uma imagem que considero interessante para conhecermos esses trabalhadores afrodescendentes que pela cidade transitaram,

Imagem 4



Fonte: Arquivo de fotos digitalizadas por Rogério Dalsasso, disponível em https://www.facebook.com/lelodalsasso/photos_albums

Essa fonte traz a seguinte legenda, “Serviço braçal dos operários nos primórdios da exploração do carvão, quando das minas de “céu aberto”, nos tempos da CSN, em Siderópolis, nos anos 40.” [40] A imagem é composta por cinco trabalhadores, revelando não só a paisagem da mineração e um registro sobre

[40] A mineração de céu aberto foi a primeira forma de mineração da CSN na cidade, ela se define pelo método de extração de rochas ou minerais da terra por sua remoção em um poço aberto ou de uma escavação em empréstimo, outra forma de extração do minério foi através da mineração de subsolo, com a perfuração de túneis na terra. A CSN teve os dois tipos de extração na cidade, chegando uma *Marion*, uma máquina de escavação profunda de origem importada e bastante rara para época.

ela, mas a ideia de hierarquia através do posicionamento dos trabalhadores. Um senhor a frente do caminhão, apresentando uma vestimenta melhor, calçando sapatos, enquanto os do meio, aparentando uma pele um pouco mais escura, descalços, mas bem mais vestidos que os dois mais atrás, de pele bem escura, que indicam estarem usando uma espécie de uniforme, ou coincidentemente estão usando roupas muito parecidas.

Os trabalhadores afrodescendentes tiveram uma circularidade intensa na cidade, muitos deles tiveram a oportunidade de se estabelecerem nela, criando suas famílias, seus vínculos, construindo suas trajetórias e territórios, através de suas diversas experiências cotidianas, felizmente tive a oportunidade de conhecer e entrevistar alguns desses sujeitos. Essas memórias reveladas através das entrevistas realizadas são igualmente importantes como fontes, assim como a análise das fontes escritas que utilizo nesse trabalho, podendo ser repensadas,

> Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. (POLLAK, 1989, p.08)

Apresento nesse capítulo duas entrevistas importantes para a construção desse trabalho, a primeira entrevista foi realizada com Dona Margarida e a segunda foi realizada com Dona Nazaré.

Apresentando a terceira entrevistada:

Imagem 5

Fonte: imagem concedida pela entrevistada

Margarida Maria Teixeira dos Santos, nascida em São Vicente, São Paulo, em 1932. Chega em Tubarão, cidade dos familiares de seu pai, em 1945 e cinco meses depois vem para Siderópolis, com apenas 13 anos, era filha de mãe lavadeira e de pai portador da Estrada de Ferro Sorocabana. Dona Margarida casou-se com seu Dário dos Santos, já falecido, que trabalhou na CSN, é a mãe da também entrevistada Eliana dos Santos e de mais sete filhos. Dona Margarida foi empregada doméstica, escolhedeira de carvão, dona de casa, e aposentou-se como funcionária pública após prestar concurso e efetivar-se. Atualmente reside em Siderópolis.

A trajetória de Dona Margarida e de sua família na cidade contribuem muito para refletir sobre a presença dos afrodescendentes na cidade e suas trajetórias, através de suas diversas experiências sobre o contexto histórico analisado. Com 84 anos Dona Margarida relembra momentos de sua infância, em meio a sorrisos e pausas ela abre sua memória para mim. Morando na cidade desde 1945, filha de um empreiteiro da CSN, escolhedeira de carvão na adolescência, empregada doméstica, e também funcionária pública, esposa e irmã de um dos trabalhadores da CSN, suas lembranças relacionadas à mineração fazem parte das memórias de sua vida. Todas suas memórias são muito interessantes, mas tive que escolher e selecionar as partes que considerei mais

importante para construir essa narrativa. Como coloca Cléria da Costa,

> O pesquisador reinterpreta o mundo do narrador pautado na sua própria visão de mundo, nos seus valores culturais – é a interpretação do outros, uma interpretação da interpretação. E por fim, nessa cadeia sucessiva de interpretações, o pesquisador ainda leva em conta os seus possíveis leitores, em geral acadêmicos, com culturas diversificadas. É no quadro dessas diferenças culturais que ele confere sentidos aos fatos, às informações coletadas durante a pesquisa. (COSTA, 2007.p.63)

Dona Margarida, começa a revelar suas lembranças ainda de sua infância quando chega em Tubarão em 1945, e no mesmo ano vem para Siderópolis, com os pais. Seu pai vem de São Paulo para Tubarão, de onde era natural, em busca de outro emprego, pois já era aposentado, e sabendo da CSN vem para Siderópolis para trabalhar com empreiteiro, como fala Dona Margarida:

> "Ele era empreiteiro, ele pegava empreitada de estocar terreno, não tem assim quando vão construir as casas ali, tem aquelas árvores? Então, eles tem que tirar aquelas árvores, tirar os tocos, como aconteceu aqui, essa operária foi tudo feita assim, Siderópolis, na mão dele." [41]

---

[41] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

O pai de Dona Margarida foi um dos trabalhadores da CSN, nos primeiros anos de sua instalação, ele também foi um dos sujeitos que fizeram parte da história da cidade. A própria Dona Margarida foi um desses sujeitos, trabalhando por quase dois anos como escolhedeira de carvão, começando aos 14 anos, após os 16 anos tornou-se empregada doméstica na casa de um dos engenheiros da CSN, Seu Sebastião Toledo dos Santos. Relatando sobre suas experiências como escolhedeira,[42] ela comentou que era um trabalho duro e que elas ganhava pouco pelo serviço que faziam. Percebi em sua fala uma nostalgia ao lembrar aquele trabalho que ela comenta que gostava, escolhi essa fala onde ela relata um pouco de como era o seu trabalho,

> "O trabalho era assim, a gente se sentia bem à vontade, bem em casa (...) só tinha mulher, e a

---

[42] Eram as mulheres que classificavam o carvão vindo do subsolo. O processo de escolha do carvão era em geral realizado em um espaço coberto, onde havia uma mesa comprida utilizada para fazer a seleção. (...) Antes de colocar o carvão bruto sobre a mesa, ele passava por uma peneira que tinha a função de separar o carvão fino (a moinha) do carvão graúdo. O serviço de peneiramento do carvão, antes da escolha era considerado trabalho para homens, mas as mulheres também o realizavam (...) Cada escolhedeira tinha uma "picaretinha" de mão utilizada para separar ou arrancar as pedras que vinham associadas ao carvão e um caixote ou uma padiola para pôr o carvão escolhido. Os caixotes, depois de cheios, eram despejados em montes de carvão escolhido ou na caixa de embarque (silio para o carvão). (CAROLA, 2002, p. 27)

> chefe da gente, ali que fiscalizava o carvão que a gente escolhia também era mulher (...) entrava as cinco da manhã e saia a tarde, as quatro da tarde, ou cinco da tarde. Aí a outra semana, eu já não fazia mais aquele turno (...) eu gostava do serviço sabe (...) Nós trabalhávamos tão animadas, cantando...”[43]

Esse era um trabalho que acabou se tornando exclusivo de mulheres em determinado momento, pois os homens o realizaram apenas por um tempo. Carola, relata a invisibilidade dessas trabalhadoras na história da mineração catarinense,

> Apesar do silêncio oficial, os homens não foram os únicos a serem absorvidos pelas minas no processo de expansão e desenvolvimento da indústria do carvão. Principalmente nas décadas de 1940 e 1950, as mulheres constituíram uma força de trabalho significativa nas minas de carvão da região carbonífera de Santa Catarina. Sua presença no espaço das minas deu-se por pelo menos trinta anos, mas aos olhos da história oficial, elas ficaram imperceptíveis. (CAROLA, 2002, p.24)

A cada análise observada percebemos mais sobre as várias faces da história que precisam ser contadas e representadas, se a presença das mulheres foi invizibilizada pela escrita da história nesse espaço durante muito tempo, a presença das mulheres afrodescendentes nesse mesmo espaço,

---

[43] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

como escolhedeiras também ficou invisível, mas através de outras fontes, fontes orais, sabemos que essa presença também existia nesse meio de trabalho, como conta Dona Margarida, “Tinha bastante negra, vinham uma porção de negras lá de Criciúma.”[44]

Na década de implantação da CSN o fluxo migratório na cidade era intenso, a família de Dona Magarida e outras famílias permaneceram na cidade onde ela inda reside, mas muitas pessoas e famílias voltaram para suas cidades, “Estima-se que mais de mil famílias vieram do rio Grande do Sul para a região carbonífera atraídos pelos empregos nas minas e pelo salário, porque os trabalhadores das minas eram os mais bem pagos”[45]. Como Dona Margarida lembra: “Veio bastante negro naquele tempo que ele veio (refere-se ao seu marido), de Florianópolis, ali do Estreito, ai como tinha, como tinha negro”[46], a presença dos afrodescendentes na cidade é relatada por ela, mas sua invisibilidade na historiografia é recorrente.

Após trabalhar de escolhedeira de carvão, ela começa a trabalhar como empregada doméstica na casa de um dos ex-engenheiros da CSN, Sebastião Toledo dos Santos, que

---

[44] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.
[45] RODRIGUES, Olinda Custódio. **A instalação da CSN em Nova Belluno e os “respingos” da política do Estado Novo**- Décadas de 40 a 60. 2001, p. 53.
[46] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

posteriormente passa a ser um dos proprietários da Companhia Treviso, uma outra mineradora da região. Dona Margarida foi empregada doméstica dos dezesseis aos dezenove anos, trabalhou em algumas casas de funcionários da mina e foi indicada para trabalhar na casa de Sebastião. Nas falas de Dona Margarida ela descreve um pouco das experiências que teve nesse espaço de trabalho e das relações que foi estabelecendo, como ela conta, "Eles foram umas pessoas que sempre me valorizaram muito, eram conselhos bons, eram presentes bons, fui uma empregada que nunca esperei eles almoçarem primeiro, mesmo com visita." [47]

Dona Margarida em nenhum momento relata qualquer tipo de relação diferenciada entre patrão e empregada ou qualquer experiência negativa naquela casa, sobretudo de práticas racistas, "Era assim, nunca percebi nada deles, de alguma coisa assim, até a Dona Nelita era muito simples, ela ignorava essas pessoas assim, ela era muito humilde, não era exaltada como certas pessoas lá na vila, porque ter tinha." [48] Ela refere-se a essa família com muito carinho e relata que seu Sebastião ajudou seu marido a conseguir um emprego na Companhia Treviso, mesmo após ela não trabalhar mais na casa dessa família ela conta que, "Eles se preocupavam muito

---

[47] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.
[48] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

comigo, de eu passar fome, quando o Dário queria sair da CSN, ir para terra dos pais, eles não deixaram, ela me disse : vamos arrumar um emprego para ele ficar aqui.” [49] O fato de ela manter contato com essa família mesmo após não trabalhar mais lá, e de Dona Nelita dizer que queria batizar um dos seus filhos deve ter sido muito significativo para Dona Margarida.

A dificuldade em encontrar fontes e dado sobre os afrodescendentes nas referências sobre a cidade é constante, mas o que se torna um ponto de reflexão nessas produções é sua invisibilidade. Mas essa não é uma dificuldade apenas com os trabalhadores afrodescendentes, mas sim com os trabalhadores em geral, como coloca Carola, “(...) nas fontes documentais e oficiais, a presença dos trabalhadores é praticamente insignificante. Parece que a indústria do carvão surgiu, cresceu e desapareceu sem a participação dos trabalhadores” (CAROLA, 2002, p. 24). Se há dificuldades em encontrar referências sobre os trabalhadores das minas, que são os principais agentes do funcionamento de toda aquela economia, mais difícil ainda seria encontrar sobre os trabalhadores afrodescendentes naquele contexto, que tampouco foram vistos como sujeitos, menos ainda como sujeitos transformadores.

---

[49] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

Os trabalhadores mineiros tinham uma vida difícil, o espaço de trabalho ou até mesmo a rotina de trabalho eram desgastantes e exigia muito de seus trabalhadores, a historiadora Terezinha Volpato, explica um pouco desse cotidiano,

> É no local de trabalho, no caso, nas minas, que o trabalhador passa cerca de um terço de sua vida ativa. É um espaço que deixa marcas e lembranças no corpo e na mente dos mineiros. A mina recebe trabalhadores, mas devolve indivíduos estigmatizados socialmente, "os mineiros". A especificidade desse espaço tem muito a ver com a relação que se estabelece entre os trabalhadores e os diversos postos, com seus riscos e ameaças gerando práticas defensivas e arriscadas. (VOLPATO, 2001, p.35)

O local de trabalho era um dos mais marcantes e paradoxais nas trajetórias desses trabalhadores, uma mistura de medo e coragem. Dona Margarida também nos relata a trajetória de seu esposo na CSN, Seu Dário dos Santos, natural de São Pedro de Alcântara (Florianópolis), que chega em Siderópolis em 1948, vindo por intermédio de uma amigo que já trabalhava na CSN. Começa a trabalhar nas minas de céu aberto trabalhando com dreno e posteriormente como encanador, permanecendo na companhia por oito anos, saindo da CSN para trabalhar em outra mina, na Companhia Treviso.

Seu Dário era um desses trabalhadores de apoio, não era mineiro de subsolo, mas realizada suas atividades no espaço dela. Volpato, relata um pouco sobre os trabalhos de manutenção e apoio nas minas,

> As máquinas, veículos e equipamentos utilizados no processo extrativo necessitam de manutenção e reparos frequentes, considerando que o processo extrativo se faz sob condições hostis ao homem, mas também às máquinas e aos equipamentos. Na execução destas tarefas trabalham eletricistas, bombeiros, encanadores, mecânicos, torneiros, serventes a ajudantes gerais. (VOLPATO, 2001, p.53)

Seu Dário e Dona Margarida casaram, tiveram filhos, moraram nas vilas operárias da cidade, viveram suas vidas em torno da rotina da mineração, tiveram muitas experiências naqueles espaços. Por vezes as falas de Dona Margarida revelam a memória do outro, não só as memórias do esposo, mas uma memória das experiências coletivas também. [50] Essas memórias tão remotas, são difíceis de alcançar, muitas pessoas que viveram aquele período na cidade não estão mais vivas para fornecer relatos sobre aquela sociedade, Dona Margarida é

---

[50] *A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído. (POLLAK, 1989, p.02)

uma das poucas pessoas com essa idade e com uma memória e lucidez invejável.

A presença dos afrodescendentes no espaço de trabalho em Siderópolis se constrói também na (CSN) era raro ocuparem outros espaços de trabalho. Dona Margarida ao ser questionada sobre a presença dos afrodescendentes fora do espaço de mineração e das vilas operárias comenta que: “Não, não. (...) era pior que agora, bem pior. Naquele tempo era na mina , em loja não tinha mesmo.” [51] ela não tem lembrança de ter visto afrodescendentes fora do em torno da mina, principalmente nos espaços de trabalho. O Bairro Rio Fiorita, era o bairro das minas, da vila e também dos clubes e do campo de futebol, tudo que se referia a mineração se concentrava naquele espaço, o centro ainda era um lugar predominantemente branco e de imigrantes italianos.

Interpretar a memória das pessoas como uma fonte para construir um trabalho é uma tarefa difícil, às vezes as falas são reveladas sem hesitação, as vezes ficam na entrelinha, exigindo um esforço maior pra compreender o que o entrevistado quer e não quer revelar, o silêncio deve ser também interpretado. É preciso identificar os cruzamentos de memórias, individuais ou coletivas, uma está ligada a outra, a

---

[51] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

memória individual se confunde e se utiliza da memória coletiva passa a incorporá-la, Maurice Halbwachs, nos ajuda a pensar essas memórias,

> A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais co ntínuo e mais denso. (HALBACHS, 2006, p.21)

Seu Dário e Dona Margarida, como tantos outros afrodescendentes, contribuíram com o seu trabalho para a transformação da cidade, ocupando cargos em funções tidas como comuns, mas não menos importantes que as outras, pois cada função tinha sua importância, foram sujeitos indispensáveis para as mudanças que vinham se configurando naquele contexto social da cidade.

Apresento a quarta entrevistada:

Imagem 6

Fonte: Imagem, concedida pela entrevistada.

Maria Nazaré Vargas dos Santos nascida em Lauro Müller em 1942. Filha de mãe professora e pai eletricista. É professora normalista aposentada. Veio para Siderópolis em 1963, com 21 anos para lecionar na Escola Básica José do Patrocínio. Nazaré casou-se com Seu Renê Nascimento dos Santos, já falecido, que foi funcionário da CSN, eles tiveram quatro filhos. Atualmente ela reside em Siderópolis.

Dona Maria Nazaré Vargas dos Santos tem 74 anos, veio para Siderópolis aos 21 anos, no ano de 1963, para lecionar na Escola Básica José do Patrocínio, acabou se estabelecendo na cidade e fazendo sua carreira, posteriormente conhece seu futuro esposo, Seu Renê Nascimento dos Santos, com que constrói uma família. Dona Maria estudou quatro anos no ginásio no Colégio Estella Maris, em Laguna, sendo a única aluna afrodescendente da classe, e estudou três anos no Colégio São José em Tubarão, que era uma das escolas mais famosas do Sul de Santa Catarina, onde concluiu sua formação de normalista. Seus pais pagaram seus estudos, pois não havia escolas normais próximas, apenas o ginásio.

A profissão de professora nesse contexto tinha suas exigências como, intelectualidade, moral, capacidade e acima de tudo ter a profissão de professora como uma missão. (KRAUSS, 2012). Com o avanço do capitalismo e a instituição dos sistemas de educação houve uma ampliação das mulheres como professoras primárias, essa sendo destacada como uma profissão de virtude, ao longo do século XX se estabelecendo como uma profissão para mulheres, possibilitando a aprovação da mulher na sociedade, a professora normalista deveria ser uma disciplinadora de si mesma e da classe. Apesar das iniciativas sobre a educação mesmo no pós-abolição, no que se referia à população de afrodescendentes ela ainda era falha. O

MNB se preocupou muito coma a educação para afrodescendentes, a FNB teve várias iniciativas em ações favoráveis a essa população, inclusive a criação de escola, e isso foi se expandindo para outros meios como o de jornais e revistas de afrodescendentes, ainda na década de 1930 e de 1940 a preocupação com educação, representação e mobilidade social sempre esteve presente no MNB.

Ser mulher na década de 1940, 1950, 1960, era uma condição muito mais difícil do que a atual, embora ainda se tenha muito pelo que lutar, ser professora naquele contexto era sinônimo de respaldo social. Dona Maria tinha sua rotina de trabalho em um espaço majoritariamente branco, ela era a única professora afrodescendente da época, nesse sentido perguntei a ela como era seu cotidiano na escola e ela relata que seu cotidiano na escola era bom, porque era um ambiente solidário, mas também traz falas que revelam algumas questões raciais com abertura, ressaltando que,

> "A gente percebe como é visceral no Brasil, o racismo sempre existiu, não livrou também a escola. As próprias colegas minhas, que eram minhas amigas, diziam que gostavam de mim, mas a gente percebia o racismo, velado mesmo. Às vezes de repente uma dizia alguma coisa e a outra pisava no pé da outra, porque eu estava ali presente, mas eu via. Em toda sociedade, tanto na classe miserável, como na classe média

> baixa, como na classe média como na rica, sempre existiu e não vai acabar.” [52]

Após essa fala, nós conversamos um pouco sobre o racismo no Brasil e Dona Maria me diz assim, “Ó, vou te contar uma coisa”, e então ela me revela um fato que aconteceu com a família dela, que me deixou muito comovida. Em decorrência da Festa de Nossa Senhora Aparecida na cidade, havia um concurso das rainhas e princesas, Maria conta um fato que revela uma das práticas operantes de racismo na sociedade, que aconteceu com sua filha. Um senhor da cidade pensou em colocar a filha de Dona Maria e Seu Renê, com cinco anos, como candidata pra concorrer a rainha e a princesa da festa, o senhor comentou com seu Renê para pensar sobre isso e de acordo com Dona Maria eles aceitaram que a filha participasse do concurso. Com o passar dos dias o senhor veio falar que não seria possível que a filha deles se candidatasse, pois na comissão da festa duas pessoas não haviam concordado porque a menina era afrodescendente. Analisando o fato de que Seu Renê ocupava um cargo menos comum para afrodescendentes na CSN, e que poderia ser aceito com mais facilidade em alguns espaços pelo seu cargo, isso não aconteceu, a barreira da cor e de seus significados transcendia a

---

[52] Entrevista realizada com Maria Nazaré em março de 2016.

questão de ocupar um cargo que exigia estudo (prático de farmácia), portanto mais considerado. Dona Maria não economiza nas falas e revela a presença do racismo naquela sociedade e de suas lembranças e experiências vividas. Nas falas senti o rompimento de um silêncio, de uma memória que precisava ser revelada e que veio de modo espontâneo na conversa, a falta de escuta sobre essas lembranças são comuns, talvez nunca perguntadas. Dona Maria aproveitou a oportunidade da escuta e resolveu desabafar, sobre essa questão Michael Pollak nos traz uma concepção interessante,

> (...) A sobrevivência durante dezenas de anos, de lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas. A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, 1989 p,02)

Continuo a entrevista fazendo perguntas sobre seu marido, sua profissão e sobre o cotidiano do casal. Seu Renê

Nascimento dos Santos nasceu em 1933, natural de Tubarão, era prático de farmácia veio para cidade em 1958, para exercer sua função, mas acabou trabalhando quatro meses na padaria até a farmácia ficar pronta e nos anos de decadência da CSN, foi trabalhar de auxiliar de escritório da companhia, já na década de 1980. Para compreender os espaços de trabalho da CSN, perguntei a Dona Maria como era a presença de afrodescendentes no setor onde o marido trabalhava, e ela responde que, "Tinha, ali na farmácia, tinha o pai do Flavinho, seu Celso (...) seu Celso era zelador." [53] Ela revela também, com suas lembras, a presença de alguns trabalhadores afrodescendentes na CSN e cita alguns nomes como, "Francisco de Paula Menezes encarregado da oficina mecânica, João Laudelino"[54], entre outros que ela não lembrou com precisão os nomes, segundo ela trabalhavam na oficina mecânica e na lavação de caminhões da CSN. Como já mencionado, ela relata como era a presença dos afrodescendentes na cidade, "Muitos vieram e foram, teve aquela rotatividade, de gente que veio trabalhou determinado tempo, não sei as razões, e voltaram."[55]

---

[53] Entrevista realizada por Maria Nazaré em março de 2016.
[54] Entrevista realizada por Maria Nazaré em março de 2016.
[55] Entrevista realizada por Maria Nazaré em março de 2016.

É possível perceber algumas diferenças nas trajetórias desses casais. Enquanto Dona Maria e Seu Renê vieram para a cidade com profissões estabelecidas para fazer sua carreira na cidade, ocupando lugares pouco ocupados por afrodescendentes, Dona Margarida e Seu Dário vieram no início da instalação da CSN na cidade, num território em expansão, sendo que Dário não tinha uma profissão que se adequava aos setores de cargos de destaque da companhia e Margarida teve que batalhar muito até ter a oportunidade de completar seus estudos e se tonar funcionária pública muito anos após sua vinda para a cidade.

Esses sujeitos que são representados nesse trabalho e tantos outros que nem nos aproximamos, foram também sujeitos daquela sociedade, seja nas suas experiências no espaço de trabalho ou nos outros espaços da cidade, eles eram parte da cultura da cidade e dos cruzamentos da diferença, das diversas simbologias que estavam em circulação. As duas entrevistas colaboraram na apresentação e visibilidade nas trajetórias pessoais desses sujeitos, mas também como homens e mulheres comuns que fazem a história, com suas peculiaridades de experiências, revelando questões sociais daquele contexto. São fontes importantes para percebermos quem foram aqueles sujeitos, que lugares eles ocuparam na

sociedade e como através deles tantas questões podem ser repensadas.

2.2 A VILA OPERÁRIA: O MORAR DOS (AS) TRABALHADORES (AS)

O espaço desenvolvido para instalação da CSN era um complexo que envolvia próximo a mina toda uma estrutura de assistência ao operário, à construção das vilas foi fundamental para poder abrigar os funcionários da companhia e dar suporte as suas vidas e de suas famílias. Espaços baldios ou pouco habitados eram adaptados para construção das vilas, famílias colonas foram expropriadas, a paisagem natural começa a se modificar. O espaço de moradia desses trabalhadores também era construído e fornecido pela CSN, era uma prática da companhia, pra facilitar a rotina de trabalho e também como uma tentativa de obter certo "controle" de seus funcionários, como coloca Carola,

> Nas principais vilas operárias praticamente tudo pertencia aos donos das minas: os terrenos, as casas, os clubes de festas e dança, os clubes de futebol, o armazém e a escola. O poder dos "coronéis" do carvão se fazia sentir em todos os espaços institucionais da cidade. (CAROLA, 2002, p. 96).

Em Siderópolis a centralização dos espaços de mineração da CSN se dava no Bairro Rio Fiorita, há 2Km do que era considerado o centro da cidade. O centro concentrava as famílias dos imigrantes italianos e o Bairro Rio Fiorita concentrava os trabalhadores mineiros vindos de vários lugares. Havia pouca presença de afrodescendentes no centro da cidade, eles se estabeleceram em um primeiro momento nas vilas operárias em virtude de seu trabalho. As vilas operárias foram um espaço elaborado especialmente para o funcionamento desse empreendimento econômico,

> Esse bairro nasceu praticamente em função da Companhia Siderúrgica Nacional, uma vez que, para a instalação dessa empresa mineradora, o local foi transformado em uma vila operária equipado com infraestrutura básica, para receber os operários que iriam trabalhar na mineração a céu aberto e posteriormente nas minas de subsolo. (RODRIGUES, 2001, p. 32)

Apresento abaixo duas imagens referentes a organização da Vila Operária e de suas primeiras construções das casas de tipo 1, essas imagens tem uma diferença de cinco meses se comparada a outra imagem do terreno escolhido pela CSN (já apresentada no primeiro capítulo), para construção das vilas:

Imagem 7

Fonte: Arquivo Público e Histórico Amadio Vettoretti.

Imagem 8

Fonte: Arquivo Público e Histórico Amadio Vettoretti.

Em poucos meses esse espaço começa a ter mudanças significativas, transformando-se para receber as novas famílias de trabalhadores, Ronaldo David descreve como foi organizada a vila,

> As ruas foram numeradas desde a de número 1 que caracterizava o Setor Comercial, de vendas, ligados ao empreendedorismo e com concessão a colonos italianos que haviam sido desapropriados, com permissão da CSN e com suas residências aos fundos- havia armazéns, sapatarias, lanchonetes, pensões, alfaiatarias, tamancarias, restaurantes, representações comerciais, lojas de tecido e armarinhos, clubes de dança, sedes de entidades religiosas-, seguindo até a rua de número 39. (DAVID, 2015, p. 38)

Essa ideia de buscar o controle sobre os trabalhadores é uma ideia típica do sistema capitalista como descreve Margareth Rago,

> Os industriais procuram fixar sua mão-de-obra nas fábricas, recorrendo as inúmeras tecnologias de disciplinarização, incessantes e ramificadas. Do interior do espaço de produção ao percurso de volta a casa, penetram em sua habitação, invadindo e procurando controlar até mesmo os momentos mais inesperados de sua vida cotidiana. (RAGO, 1985, p.17)

O trabalhador encontrava “tudo o que precisava”, na vila, não tendo a necessidade de se deslocar dela para quase nada, a não ser para o seu ambiente de trabalho, na vila ele tinha o trabalho, a moradia, a alimentação, a saúde e o lazer. A CSN parecia dar conta de todas as necessidades desses trabalhadores e acabou por estabelecer a ideia de uma empresa boa, diferenciada, criando uma relação de paternalismo com os seus funcionários, os “coronéis do carvão” buscavam de todas as maneiras controlar seus funcionários, mas seu êxito absoluto não foi alcançado, primeiro porque a hegemonia e o poder são sempre uma condição em disputa e segundo porque são nas experiências que os sujeitos vão vivendo suas vidas de diferentes maneiras, não fazendo parte de muitas formas de padronização social, em muitas situações como expõe Thompson,

> As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos (...) Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (THOMPSON, 1981, p. 189).

Onze mil casas foram construídas, dentre elas as de tipo um, que eram as casas 5X5, tinha também as geminadas, que abrigavam até duas famílias e as de tipo dois, que eram consideradas as melhores casas, onde moravam os engenheiros e médicos e pessoas com cargo superior, mas as casas de tipo dois não ficavam no Bairro Rio Fiorita, mas no Bairro Rio Albina, mais no interior da cidade. Era naquela vila do Rio Fiorita, que se desenvolveu parte do cotidiano daqueles trabalhadores da CSN, seus hábitos diários, suas relações com o trabalho e a comunidade. Para compreendermos um pouco mais sobre o cotidiano das famílias de afrodescendentes na Vila Operária do Bairro Rio Fiorita, utilizaremos novamente as memórias de Dona Margarida e Dona Maria que residiram na vila por um bom tempo de suas vidas. O objetivo é conhecer um pouco do cotidiano dessas famílias de afrodescendentes, saber como se dava a presença delas naquele espaço.

Após a morte de seu pai, Dona Margarida continuou a morar na Vila Operária com sua família, sua mãe, duas irmãs e um irmão, sua morada foi garantida por conta do irmão Ademar Teixeira, que trabalhava na CSN operando a máquina escavadora a 200B, ele foi contemplado com uma moradia, após a espera na lista. Em um primeiro momento ela morou com sua família na vila e continuou morando em virtude de seu casamento, posteriormente ela e sua família se mudam para a

Vila Brasília, por conta do novo emprego do marido em outra companhia carbonífera. Pelas falas da entrevistada, a impressão que ela passa sobre a Vila Operária no Rio Fiorita é a de acolhimento, ela conta que quando morava nas casas de tipo um, que eram casas pequenas, eles chegaram a morar em oito pessoas na casa porque acolheram três primos, como ela fala "Se amontoavam né, lá em casa era tudo amontoado, na casa dos outros também (...) e a gente tinha mais alegria né, era mais contente com a vida."[56] Apesar da dificuldade que passavam na época, ela traz na expressão saudades daquele tempo, daquela vida, do ritmo da cidade, que era bem movimentado pelos diferentes turnos de trabalho, ela comenta que "Aqui era assim, era gente andando o dia todo na rua (...) não tinha banditismo."[57]

As falas relatam um cotidiano agitado pelo ritmo de trabalho, mas um ambiente acolhedor, com o espírito do bem comum. Havia a presença de muita gente que vinha de outros lugares em virtude das contratações que a CSN oferecia e muitas dessas pessoas, na memória de Dona Margarida eram afrodescendentes, como ela relembra "Agora no final assim, tinha menos negros, mas tinha muitos negros, aqueles que a gente não viu mais, alguns foram embora para terra deles,

---

[56] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.
[57] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

tinham baianos.”[58] Dona Margarida morou em dois espaços da Vila Operária, tinhas as aglomerações menores e mais retiradas e as mais centrais no Bairro Rio Fiorita, ela menciona todas como Vila Operária, mas onde ela passou mais tempo foi na vila central do Bairro Rio Fiorita, recordando-se da presença de bastante pessoas nesse espaço, “Tinha muita gente, muita casa”[59] , esse fluxo de pessoas era comum nesse contexto, mas muitos tinham passagem rápida pela cidade, essa evasão já acontecia nos anos de 1950, como conta Dona Margarida,

> “Eles vieram com muita promessa, chegava aqui eles davam uma casa pequena do tipo um. Olha, eu sei que teve muitas famílias que logo voltaram. Aqueles que não tinham mais como voltar ficaram mais um tempo, mas depois foram tudo em bora, eles ofereciam aqui o que eles não iam dar. Em pouco tempo esvaziou.”[60]

A memória de Dona Margarida sobre as vilas é bastante remota pois ela chegou na cidade, nos primórdios da preparação para instalação da CSN em 1945.

Já casada com seu Dário e com sua família formada, o casal morou na rua 18, do Bairro Rio Fiorita na Vila Operária, Dona Margarida relata que gostava do lugar , “Morei na rua 18

---

[58] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.
[59] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.
[60] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

é aquela do jardim (...) ali eu gostava porque nós nos divertíamos bastante, tinha baile quase todo sábado” [61], ela relata a presença de famílias também de afrodescendentes na vila dizendo que, “Tinha, tinha, famílias foram embora, outros morreram (...) tinha bastante negro” [62]. Ela comenta que se dava bem com todos e que havia um espírito de comunidade, “Tinha porque quando nós ganhávamos filho, tanto eu como as colegas ali, eu fazia para elas, elas faziam para mim, era uma amizade bem pura”[63] e reforça , “Eu toda vida me dei com todos eles (os brancos)”[64]. Dona Margarida ressalta a solidariedade na vila, mas essa relação apresenta ambiguidades como destaca Maria Das Graças Maria,

> As relações cotidianas entre pessoas brancas e negras que viviam naquele espaço específico pareciam marcadas pela ambiguidade, isto é, havia certa solidariedade e troca entre elas enquanto vizinhança o que por vezes mascarava o conflito racial que ganhava visibilidade no espaço do clube, onde a relações pessoais podiam ser aprofundadas (MARIA, 1997, p.181)

---

[61] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.
[62] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.
[63] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.
[64] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

Ao mesmo tempo em que havia essa solidariedade e amizade havia também os momentos que davam abertura para a diferenciação, como Dona Margarida conta,

> Na vila da CSN eu achava que os brancos eram mais reservados. Tinham umas bem cheinhas, principalmente aquelas que moravam na geminada, algumas né. Era uma casinha melhor. Nós nunca ganhamos a geminada lá. Para ti ter uma ideia, elas diziam assim, eu notava muita coisa ali, a mulher de motorista que morava na geminada, dizia "eu sou mulher de motorista", e a outra dizia "e eu sou mulher de mineiro". [65]

Havia uma hierarquia de cargos que impunha certa diferenciação, até as casas eram dadas de acordo com as profissões dos trabalhadores, as casas melhores para os cargos mais altos e as casas mais simplórias, para os cargos menos altos. Dona Margarida que morou em duas vilas diferentes, por conta dos empregos diferentes de Seu Dário, conta um pouco como era as relações na vila da outra companhia, a Vila Brasília,

> "A gente fazia festa, resolvia uma data, quatro cinco casas a gente combinava, sempre tinha aquela turminha mais chegada. Um dizia, eu levo uma galinha, o outro eu levo um pedaço de carne, levo isso levo aquilo, a gente fazia uma

[65] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

> janta inventava um janta assim de repente, ali na Brasília. Mas isso era entre a gente, não era todo mundo que entrava na brincadeira, todos os brancos, alguns né. Aqui na Brasília nós tínhamos uma turminha que era mais unida, aqui era." [66]

Na rua dela, na Vila Operária, a presença de afrodescendentes era pequena, mas se dava em outros espaços da vila, ela conta que, "Eu morava na rua 18, ali era tudo branco que morava (...) o negro que morou ali era a Dona Júlia e eu." [67]. Essas são as revelações da memória dessa senhora que presenciou os primeiros anos de instalação da CSN na cidade, do sucesso e da decadência da mesma e ela termina sua fala com saudade dizendo, "Eu gostava tanto, engraçado né, as vezes até tenho saudade daquele tempo (...) Preferia a vida dos primeiros anos da CSN, eu preferia quando existia essa gentarada, que andava gente a noite toda na rua, pra lá e pra cá. Bem no começo."[68]

Outras lembranças para pensarmos as relações na Vila Operária é através da entrevista realizada com Dona Maria, que passou a morar na vila após o casamento com seu Renê. Dona Maria assim como Dona Margarida compartilhavam da mesma vila. Dona Maria comenta sobre as diferenças na moradia para

---

[66] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.
[67] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.
[68] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

os funcionários “Tinha vila de escalão mais alto”[69], mas ela morava na vila comum aos trabalhadores, “No Fiorita era tudo misturado”[70]. Dona Maria comenta sobre a casa que morou, “As casas eram boas, (...) por exemplo a casa que eu morava tinha 3 quartos sala, banheiro, cozinha, uma areazinha na frente outra areazinha atrás e um pátio muito grande.” [71] Ela tem uma experiência menor que a de Dona Margarida na cidade, pois chegou quase vinte anos depois da instalação da CSN, contudo suas memórias e experiências também são importantes para revelar outros contextos, que serão comentados posteriormente.

Ela relembra sobre os afrodescendentes que moravam na cidade e também dos cargos que eles ocupavam na CSN, embora ela se lembre parcialmente dos nomes dessas pessoas e quais os cargos elas ocupavam ela contribui para pensarmos na presença desses sujeitos nesses espaços. Ela conta que, “Muitos vieram e foram, teve aquela rotatividade, de gente que veio trabalhou determinado tempo, não sei as razões e voltaram”.[72] Sua relação com as famílias na vila, ela coloca como normal e sem atritos, os filhos brincavam todos juntos. Ela conta que na sua rua moravam três famílias de afrodescendentes, que ela recorda os nomes, “Na minha rua eu me lembro (...),

---

[69] Entrevista realizada com Maria em março de 2016.
[70] Entrevista realizada com Maria em março de 2016.
[71] Entrevista realizada com Maria em março de 2016
[72] Entrevista realizada com Maria em março de 2016.

morávamos nós, a Dona Santa e o Seu Baja, Seu Cidinho e Dona Lia, na minha rua moravam três famílias." [73] E ainda rebusca em sua memória outras famílias que moravam na vila,

> "Depois na outra rua morava, o falecido Guinga e a Lúcia, lá em cima morava a família da Dona Leta e do Seu Luiz, tinha a família dos pais do Neodi, a família do Seu Santos Bernardo, a da Dona Catarina e do Seu Carica e também a do seu Alcides e de Dona Alzira, defronte a igreja tinha três casas de negros, com famílias grande, de cinco seis pessoas." [74]

Essas são as lembranças, parte das memórias desses sujeitos, que tive a oportunidade de conhecer. Compreender parte desse processo de mudança na cidade e da presença dos afrodescendentes nela, de suas experiências compartilhadas no meio de trabalho, nos espaços da vila e conhecer um pouco das suas trajetórias de vida, ajuda a refletir sobre como eles viveram seu cotidiano. As fontes que os tornaram invisíveis são defrontadas através dessas falas, dessas memórias, sobretudo para pensarmos muito das relações raciais na cidade, sempre apresentadas de maneira superficial nas referências. Apesar de a vila ser um espaço comum, havia grupos que tinham mais intimidade e eram mais próximos como relatou Dona

---

[73] Entrevista realizada com Maria em março de 2016.
[74] Entrevista realizada com Maria em março de 2016.

Margarida. Contudo, cabe refletir que as relações raciais, nesse contexto não eram brandas e que os silêncios nesse sentido, muitas vezes recorrentes nas entrevistas são também interpretados, são também parte do desdobramento dessa prática recorrente em nosso país, do racismo. Discutir o racismo e a diferença é um tema sempre carregado de dramas pessoais e significados para esses sujeitos, e como entrevistador não podemos ultrapassar alguns dos desejos de nossa pesquisa, como pontua Cléria Costa, "Penso que se nossas representações eruditas não forem apresentadas de forma humana e sensível ao narrador, isso pode provocar uma profunda chaga no seu quadro emocional."[75]

Essas duas entrevistas e memórias não podem ser generalizadas as outras experiências de afrodescendentes no contexto social daquela sociedade, mas foram parte das experiências dos afrodescendentes vividas na cidade. As relações de grupos familiares são importantes para conhecermos os espaços e territórios em uma cidade, mas não podem ser reduzidos a um nivelamento uniforme. (VOLPATO, 2001). A vila é um lugar comum aos trabalhadores e suas famílias, um lugar de partilha, de amizade, de encontros, de aproximação, mas também é um lugar que tem hierarquias

---

[75] COSTA, Cléria Botelho da. **A escuta do outro: os dilemas da interpretação**. 2007, p. 50.

estabelecidas, e relações diferenciadas, traz suas especificidades. Nesse sentido um único sujeito pode gerar diversas identificações individuais e coletivas, cheias de significados para as pessoas, para as relações, para determinado espaço e para a sociedade.

3. EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS: OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

A Companhia Siderúrgica Nacional quando instalada em Siderópolis trouxe uma nova rotina para a cidade e uma nova forma de se viver o cotidiano, além do novo espaço e ritmo de trabalho, trouxe um novo estilo de habitação e vida em comunidade, trouxe também espaços de lazer para os funcionários poderem aproveitar seu tempo livre. Trabalho, moradia e lazer estavam interligados, a vila e seus arredores davam conta de abarcar os espaços mais importantes do cotidiano dos trabalhadores e de suas famílias. As sociedades recreativas criadas durante esse contexto de mineração na cidade envolviam os clubes de recreação e os clubes de futebol. Dois espaços fundamentais serão trazidos para reflexão nesse capítulo, O Itaúna Atlético Clube e a Sociedade Esportiva Recreativa União Mineira, nesses espaços será discutida a presença dos afrodescendentes, sua visibilidade e suas maneiras de se estabelecerem neles.

A história da exclusão dos afrodescendentes em espaços sociais era uma situação frequente naquele contexto social, sobretudo nos clubes, encontra-se em algumas referências citações dessa diferenciação nesses espaços que é reconhecida e caracterizada como o clube dos negros e o clube dos brancos.

Em Siderópolis a CSN criou um clube recreativo para seus trabalhadores que se chamava Recreio do Trabalhador, com o intuito de atender a todos os trabalhadores da companhia e associados. Mas algumas referências revelam que havia presente nesse espaço a cultura da diferenciação e do preconceito racial, as lembranças de alguns entrevistados trazem na memória com eram estabelecidas as relações sociais naquele espaço.

É importante ressaltar que a criação da Sociedade Esportiva Recreativa União Mineira, teve iniciativa através de um pedido feito pelos trabalhadores afrodescendentes da CSN a diretoria da companhia, sendo justificado seu pedido como um espaço importante para seus membros. A criação de clubes de afrodescendentes era uma característica no início do século XX, como coloca Paulino Cardoso, “Característico das primeiras décadas do século XX foi o aparecimento no interior das populações negras, pelo menos nas regiões sul e sudeste do país, de uma grande quantidade de sociedade recreativas.” (CARDOSO, 2012, p. 54). Esses clubes recreativos, são compreendidos e reconhecidos como territórios de visibilidade das populações de afrodescendentes, regidos por sua representação, identidade e uma gama de significados.

Assim como o espaço de uma sociedade recreativa formada e representada por afrodescendentes pode ser

compreendida como um território desse grupo e também como espaço de visibilidade para seus sujeitos, a presença de afrodescendentes nos clubes de futebol, também pode ser compreendida como um espaço de representatividade e visibilidade dos sujeitos afrodescendentes. É naquele espaço que os afrodescendentes apareciam frequentemente, fortalecendo-se como sujeitos atuantes daquela história e representando seu grupo diante de uma sociedade que de diversas formas de poder e da perpetuação de práticas racistas buscava excluir e depreciar descendentes de africanos.

Esse dois espaços de sociabilidade, o clube recreativo e os time de futebol, trazem a representação e a visibilidade dos afrodescendentes nas suas diferentes formas, podendo ser entendidos como espaços de identidade, representatividade e resistência, são espaços de trocas repletos de significados para essas populações de afrodescendentes e para a sociedade, como acrescenta Maria das Graças Maria sobre o termo sociabilidade, “Lugares de múltiplos conflitos, encontros, trocas, relações, olhares, representações e discursos. Lugares onde uma pluralidade de ações possibilitou a construção de

histórias dos homens e mulheres de descendência africana na cidade. [76]“ (MARIA, 1997 p. 30)

3.1 A SOCIEDADE ESPORTIVA E RECREATIVA UNIÃO MINEIRA

Foi na Vila Operária do Bairro Rio Fiorita e nos seus arredores que os espaços de lazer foram criados, os clubes recreativos e o campo de futebol, o trabalhador não precisava se deslocar a longas distâncias para o seu lazer que era muito próximo. A vila era um espaço compartilhado por trabalhadores de uma mesma empresa, as memórias revelaram uma convivência em comunidade e relações de solidariedade, mas o não-dito deixa nas entrelinhas situações de um racismo velado. Na Vila Operária, localizava-se a Sociedade Esportiva e Recreativa União Mineira, também conhecida como Clube União Mineira, espaço frequentado majoritariamente pelos afrodescendentes da cidade, criado na década de 1940, não há fontes precisas sobre o ano de criação e de extinção na década de 1980. As referências sobre esse clube ocupam poucas linhas das produções historiográficas sobre a cidade, as fontes escritas

---

[76] O termo sociabilidade pode ser encontrado na referência de: CORADINI, Lisabetê. **Praça XV: Espaços e sociabilidade.** Florianópolis: letras Contemporâneas, 1995, p.17.

são escassas, não tive acesso a nenhum documento que pudesse auxiliar sobre o ano exato de criação ou um estatuto informando como se dava sua organização, quem o frequentava, entre outras informações, as fontes iconográficas são minoria nos acervos analisados e as fontes orais foram importantes para compreender um pouco mais sobre esse espaço na cidade. Novamente tive que interpretar as lacunas, o silêncio e a invisibilidade e a partir dai reescrever uma narrativa sobre a presença dos afrodescendentes nesse espaço.

De acordo com o autor Ronaldo David, foram os próprios trabalhadores afrodescendentes que fizeram o pedido de criação de um clube para seu grupo, para um dos chefes da CSN,

> Uma explicação para esta divisão pode ser remontada a um ofício de nº 1, datado de 5 de dezembro de 1952, em que Fernando Fonseca de Araújo, então chefe do DSS-Sc-1 de Rio Fiorita, comunicava que a necessidade de se ter construído sedes diferenciadas nos anos 40 se devia a pedido dos trabalhadores negros, que desejavam sedes especialmente para eles, para exercerem suas festividades e bailes, já em que se sentiam deslocados entre os demais trabalhadores. O diretor afirmava ainda que sua argumentação para não construir esse tipo de sede "fora vencida por estes argumentos dos trabalhadores". Assim, seria melhor, progressivamente, que com atitudes de confraternização, se pudesse eliminar em Rio

> Fiorita esta separação étnica. (DAVID, 2015, p. 106)

Esse pedido antecipado foi uma defesa em virtude das experiências vividas para evitar situações mais constrangedoras e traumáticas, podendo através de um espaço próprio estabelecer sua identidade e sentir-se mais assegurado.

Anos depois a CSN cria o Clube Recreio do Trabalhador, que foi inaugurado em 1955, dedicado aos funcionários e seus familiares, oferecendo várias atividades diárias, o recreio entra em decadência após o fim da CSN, no começo dos anos 90. O Recreio do Trabalhador era palco de grandes festividades para os funcionários, havia bailes de páscoa, de revéillon, bailes de debutantes, festas juninas, havia cinema, biblioteca, festas infantis e festa de carnaval, mesmo não havendo uma programação oficial ele abria, era também a sede oficial da agremiação esportiva Itaúna Atlético Clube. O Recreio era um local para sócios, automaticamente todos os funcionários da CSN se tornavam sócios, mas esse fato não garantia uma presença assídua dos funcionários afrodescendentes, muito menos sua aceitação no ambiente, pois naquele espaço a presença majoritária era dos trabalhadores brancos, devido há vários fatores, sobretudo as práticas discriminatórias e também a dificuldade de pertencimento e identificação dos afrodescendentes com os referenciais

estabelecidos naquele ambiente, como as informações sobre esse aspecto nos são reveladas em algumas entrevistas realizadas nesse trabalho.

Apresento uma imagem abaixo que demonstra a presença de uma mulher afrodescendente que era membro de uma das famílias de trabalhadores, recebendo presentes em uma ação de brindes de Natal da CSN em 1959, no Recreio do Trabalhador em Siderópolis.

Imagem 9

Fonte: Arquivo Público e Histórico Amadio Vettoretti.

A presença de afrodescendentes se dava em maior número em eventos tradicionais para os trabalhadores, nas festas anuais da CSN, momento em que seus funcionários se sentiam mais atuantes e representados como funcionários.

As entrevistas realizadas com Dona Margarida e com Dona Maria, contribuíram para perceber como foram suas experiências nesses espaços de sociabilidade, tanto no Clube União Operária, quanto no Recreio do Trabalhador. Inicio com as lembranças de Dona Margarida. Ela e seu marido frequentaram os dois clubes naquela época, sendo mais frequente sua presença no Clube União Operária, ela rememora suas experiências e sentimentos, "Eu ia no União Mineira né, porque lá no recreio a gente tinha aquela desconfiança né." [77] Percebi, através de sua fala o quão difícil era estar presente naquele espaço, era desconfortável ir ao Recreio porque nele Dona Margarida não se sentia representada, não conseguia se identificar, além das situações de comportamentos discriminatórios que aconteciam naquele espaço.

As lembranças dela sobre suas experiências no Clube União Mineira, trazem um tom diferente, "Ia bastante negro e pouquinho branco. Lá eu me sentia em casa. A pessoa não se sentindo bem num lugar não adianta né, a pessoa já entra

---

[77] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

desconfiada.” [78] o fato de sentir-se em casa nos ajuda a compreender que tipo de sentimento era despertado naquele espaço, lá não havia receio nem rejeição, no sentido de grupo racial. Mas assim como a maioria dos espaços sociais daquele contexto alguns valores eram considerados importantes como o moral e bons costumes dos seus frequentadores, a respeitabilidade do clube era um valor importante de sobrevivência daquele território, como define Juliana Krauss,

> Essa preocupação em adequar as populações de origem africana aos padrões sociais “brancos” foi uma forma de inserção dos-as afrodescendentes na sociedade e uma forma de não reproduzir estereótipos negativos que eram atribuídos a essa população, sobretudo às mulheres.” (KRAUSS, p.54)

A autora analisa a Sociedade Recreativa União Operária na cidade de Criciúma, mas como ela mesma destaca, “A preocupação com a “moral e os bons costumes” marcaram as associações dos(as) afrodescendentes em todo o país.” (p.54). É nesse sentido que entendo O Clube União Mineira também como um território[79] de afrodescendentes, um espaço onde eles

---

[78] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

[79] Há também um conceito interessante sobre território “ Território para dar conta dos espaços construídos pela comunidade negra, onde tornaram-se possíveis suas manifestações culturais, como a partir de uma cartografia da cidade e de suas relações sociais, para identificar conjuntos de marcas

estabeleciam uma conexão de pertencimento, onde puderam existir de acordo com seus referenciais e sua identidade, um espaço socialmente reconhecido como de afrodescendentes, um espaço de visibilidade social. Júlio César pontua algumas questões sobre esses espaços,

> As formações de espaços de sociabilidades construídos por afrodescendentes são identificados como "territórios", lugares de interlocução de "revivência", invenção e "reelaboração de tradições culturais." Esse espaço passa a ser de fundamental importância para uma categoria que foi "marginalizada", ter um referencial de pertencimento a um determinado grupo social. A territorialidade ultrapassa o sentido de um lugar comum e passa a se constituir em um importante instrumento de visibilidade e autonomia. (ROSA, 2011, p.36)

Pelo relato de Dona Margarida, só entravam sócios no Recreio do Trabalhador, brancos e não brancos ou quem se associasse, a maioria era da CSN, mas poucos afrodescendentes frequentavam o Recreio porque não se sentiam bem, portanto a presença de afrodescendentes naquele espaço era mínima, "era pequena, era a mínima, credo"[80], apenas nas festas mais comuns se faziam presentes, mas

---

simbólicas produzidas por comunidade que transformou uma dada localidade e espaço reconhecido como negro." (CARDOSO, 2012)

[80] Entrevista realizada com Margarida em março de 2016.

mesmo assim sua presença era pequena. A foto abaixo retrata o Baile Junino, de São João, no Recreio do Trabalhador de Siderópolis, no ano de 1960.

Imagem 10

Fonte: Arquivo de fotos digitalizadas por Rogério Dalsasso, disponível em, https://www.facebook.com/lelodalsasso/photos_albums

Na imagem acima podemos perceber que a presença de afrodescendentes é quase inexistente, mesmo sendo uma festa da CSN para todos os funcionários a imagem não consegue nos oferecer uma representatividade de afrodescendentes naquele evento.

A presença dos afrodescendentes no Recreio do Trabalhador era maior apenas no carnaval, como ressalta David, “No Recreio do Trabalhador de Rio Fiorita, durante o Carnaval, a partir de 1957 e com apresentações até 1963, trabalhadores negros e suas famílias participavam a partir da Escola de Samba Princesa Isabel, sempre ao sábado, durante o intervalo.” (p.70), é com essa apresentação que tinham uma visibilidade maior naquele espaço. Maria Das Graças Maria reflete a importância que tiveram as escolas de samba para visibilidade dos afrodescendentes, “(...) As escolas de Samba foram durante muito tempo um lugar característico de negros. Elas é que davam, durante as festividades do carnaval, ampla visibilidade aos grupo de afro-brasileiros na cidade.”(MARIA,1997, p.159). A autora fala da apropriação das ruas, pelos afrodescendentes, para os desfiles das escolas de samba em Florianópolis entre as décadas de 1930-1940, contudo podemos entender que a apresentação dos afrodescendentes em Siderópolis, através da Escola de Samba Princesa Isabel, no Clube Recreio do Trabalhador, mesmo sendo apenas no Carnaval, era também um momento importante para sua visibilidade naquela sociedade.

A imagem abaixo retrata uma apresentação da Escola de Samba Princesa Isabel[81] no Carnaval de 1958 no Recreio do Trabalhador.

Imagem 11

Fonte: Foto de Tadeu Antônio da Silvano. Arquivo digital de Ronaldo David. Disponível em https://www.facebook.com/davidronaldo1950/media_set?set=a.443215195774430.1073741830.100002578594398&type=3

[81] Há poucas referências sobre essa escola, tanto nas fontes documentais que tive acesso quanto nas fontes orais. O entrevistado João Batista relata que essa escola começou com ensaios com Dona Cota, ele relata que seu pai tocava na bateria da escola, mas não oferece informações precisas sobre datas e detalhes mais específicos.

Como coloca Dona Margarida, apesar do direito dos associados para frequentar o Recreio do Trabalhador a presença dos trabalhadores afrodescendentes com cargos melhores era mais frequente no Recreio do Trabalhador, ela e seu marido frequentavam com mais frequência o Clube União Operária, pois se sentiam melhores naquele espaço. A exclusão existente sobre os afrodescendentes nesses espaços era uma exclusão cultural e simbólica, apesar de não serem barrados na entrada do Recreio ou de não haver uma fita de separação no meio do salão que classificava as pessoas por sua cor, como acontecia em outros clubes da região, havia uma resistência nas relações, na maneira de se comportar no ambiente.

Dona Maria também traz lembranças sobre suas experiências nesses espaços de sociabilidade, ela rememora as lembranças do próprio marido que comentou com ela que antes de se casar ele frequentava o Recreio, mas que não dançava com ninguém, não interagia, o que ela justifica como racismo. Pela fala dela percebemos que ela sempre percebeu o racismo nesses espaços, mas nunca deixou de frequentá-los,

> “Eu não me sentia desconfortável, mas sempre fui de observar muito. Só que quando eu achava que tinha aquele grupo ali que eu sabia que eram racistas eu cumprimentava educadamente,

> mas eu não participava, mesmo que me chamassem eu me afastava."[82]

Ela nunca deixou de frequentar o Recreio do Trabalhador, até porque seu marido foi tesoureiro do local por um bom tempo, após não trabalhar mais na farmácia da CSN, mas ela sabia que a sua presença naquele espaço causava estranhamento. O marido de Dona Maria ocupava um cargo pouco ocupado por afrodescendentes na CSN e mesmo assim as relações sociais em espaços majoritariamente brancos não mudaram, pois a situação das relações eram pautadas pela questão racial, que ultrapassa a condição social ou status como pontua Maria das Graças Maria,

> O poder de uma cultura branca dominante que perpassa as relações sociais, reelabora discursos e emite imagens que são passadas para o imaginário coletivo alimentando as concepções segregacionistas e fomentando o racismo, que se mantém no cotidiano das pessoas e permanece excluindo a maioria dos afro-brasileiros do direito à cidadania. A discriminação racial está para além da discriminação social, pois, mesmo quando o negro ascende socialmente, a cor da pele atua como uma espécie de marca que continua sendo a principal barreira para as populações de origem africana. (MARIA, 1997 p. 27)

---

[82] Entrevista realizada com Maria em março de 2016.

Dona Maria continua sua fala e ressalta que,

> "Uma das próprias explicações que os brancos diziam que não sabiam para que existia o União Mineira, onde já se viu, aquilo deveria ser fechado porque tinha o Recreio. Máscara! O negros de sentiam rejeitados, então se afastaram e foram lá pegaram o espaço deles (...) Ali no recreio do trabalhador teve muita exclusão, durou muito tempo, mas depois foi indo e melhorou."[83]

Ela usa o termo máscara, o que pode ser entendido como uma forma velada do racismo, pois a ideia que a CSN tentou construir foi a de um clube comum para todos, mas a aceitação de alguns grupos não acontecia, não havia interação, assim como em tantos aspectos sociais, esse clube era apenas um reflexo de uma sociedade pautada na racialização, como pontua Roseli, "**N**um olhar para esses lugares, percebemos preconceito de uma sociedade que estigmatizava, apontava e punia todo aquele que não se "enquadrasse" no "padrão" estabelecido. (BERNARDO, 2004, p 138)."

Na fala de Dona Maria, acho importante ressaltar o que ela define como "foram lá, pegaram o espaço deles", isso é uma definição de como os afrodescendentes construíram seu próprio espaço de afirmação, representação, de pertencimento,

---

[83] Entrevista realizada com Maria em março de 2016.

construção de identidade e visibilidade naquela sociedade, seu território. Quando utilizo a palavra identidade refiro-me não há uma identidade essencialmente negra e homogênea, mas como uma identidade de solidariedade entre esses sujeitos, onde circulavam uma gama de experiências plurais. Esses territórios não podem ser vistos apenas como um espaço de cultura negra, pois isso é essencializante como coloca Hall,

> No momento em que o significante "negro" e arrancado de seu encaixe histórico, cultural e politico, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir. (HALL, 2003, p.345)

O Clube União Mineira pode ser pensado com um território onde a circulação de experiências e identificações se ressignificavam, de modo não essencializante, mas como um espaço de pluralidade e autonomia. Cada território criado por afrodescendentes nesse país tem sua especificidade e seus diferentes significados não é possível condensar todos esses territórios e experiências com representações e significados iguais, mas como espaços plurais e de diversidade de representações. Mas sem dúvida esse território, o dos clubes, teve muita importância para visibilidade desse grupo, como pontua Júlio César,

> Esse espaço passa a ser de fundamental importância para uma categoria que foi "marginalizada", ter um referencial de pertencimento a um determinado grupo social. A territorialidade ultrapassa o sentido de um lugar comum e passa a se constituir em um importante instrumento de visibilidade e autonomia. (ROSA, 2011 p.36)

Mais do que espaços para o lazer e para a dança, esses clubes representavam uma ruptura com os referenciais criados sobre os afrodescendentes na sociedade brasileira, referenciais negativos herdados da escravidão.

A memória de Dona Maria e suas experiências no Clube União Mineira revelam como a presença dos afrodescendentes nos diferentes espaços interferiam na própria maneira de se portarem, na sua corporalidade,

> "Íamos lá (no Clube União Mineira) uma vez outra, no carnaval a gente ia festa junina , a animação era legal! (...) Assim ó , o negro é mais animado, nessas ocasiões ali. Por exemplo, festa junina, tinha lá no recreio e tinha no União Mineira, no recreio era bom, só que tu ia no União Mineira era mais espontâneo."

Essa espontaneidade que Dona Maria fala pode ser pensada no sentido das manifestações entre corpo e sujeito, nesse sentido a antropologia contribuiu para entendermos como

os significados da corporalidade podem ser compreendidos, não como algo naturalizado, mas como uma construção sócio-cultural, refletir sobre o corpo não apenas como objeto da cultura, mas como também dotado de agência própria, não apenas como receptáculo de símbolos culturais, mas como produtor de sentido, a partir do *habitus* e também das práticas individuais e coletivas (MALUF, 2001). A corporalidade é construída na sociedade, através das experiências sendo ela uma representação sócio-cultural.

A imagem abaixo, uma das poucas encontradas, referente ao Clube União Mineira retrata o Carnaval no clube no ano de 1962. A imagem oferece uma representação das pessoas que o frequentavam e como elas foram retratadas naquele espaço.

Imagem 12

Fonte: Foto de Lia Bolsoni. Arquivo pessoal de Ronaldo David. Disponível em, https://www.facebook.com/davidronaldo1950/media_set?set=a.443215195774430.1073741830.100002578594398&type=3

Através da interpretação dessas fontes, pude compreender como os afrodescendentes foram construindo seu território e sua identidade dentro da cidade de Siderópolis. Naquele contexto, eles carregavam suas várias identificações e também foram transformando muitas delas, o Clube União Mineira não era apenas um espaço de dança, de descontração e lazer, era sobretudo, um espaço de afirmação e resistência diante de uma sociedade racista e excludente,

> As associações das populações de origem africana possuem diferentes interpretações, e não temos a intenção de dar uma definição única para as essas agremiações, haja vista que os conceitos são terrenos movediços, que ao longo dos tempos sofrem transformações, à medida que a própria sociedade se transforma. (ROSA, 2011, p. 05).

Essas foram às representações que cada espaço recreativo teve naquela sociedade, trazendo seus significados, frutos de um sistema social e de uma cultura muito marcada pelas questões de discriminação racial. Os afrodescendentes sofreram a opressão e a exclusão em espaços criados pela classe dominante, ocupado majoritariamente pelos brancos, a partir desse contexto buscaram sua autoafirmação e resistência diante de uma ideia de hegemonia fracassada em seus referenciais, construindo seu território baseado em seus referencias e também decorrente da hibridização com referencias fruto das relações sociais da sociedade brasileira, como pontua Maria das Graças Maria,

> No interior daqueles territórios negros as tradições culturais africanas entrecruzavam-se com os valores da cultura branca predominante. A interculturalidade também colaborou na definição do perfil desses lugares, pela ação cotidiana dos sujeitos históricos interferindo no *status quo* e vice e versa, permitindo pensar-se na dinâmica das experiências humanas. O intercâmbio de valores entre as diferentes

> culturas está sempre presente nas relações sociais. (MARIA, 1997, p. 21)

Essas relações sociais analisadas nesse capítulo, a construção de territórios de afrodescendentes em Siderópolis, como um espaço de resistência e pertencimento, as manifestações culturais nos espaços de sociabilidades, a as múltiplas experiências dos sujeitos são as que constroem o cenário nacional que foi e ainda é tão marcado pelas questões raciais e que se torna importante pensar essas construções no tempo presente, pois ainda há muito que desconstruir e reconstruir, possibilitando *ressiginificados* a História.

3.2 O ITAÚNA ATLÉTICO CLUBE

O futebol e sua trajetória em Siderópolis podem ser pensados como um espaço de sociabilidade, além da diversão que os clubes recreativos traziam para os moradores da cidade, havia também a dinâmica dos jogos que concentrava muitas pessoas no Estádio Engenheiro Mozart Vieira aos domingos, proporcionando momentos de muita descontração e de trocas para quem o frequentava. Alguns clubes de futebol foram criados entre as décadas de 1945 e 1946 na cidade, entre eles, a Sociedade Recreativa União Mineira, Grêmio Esportivo Vera Cruz, Sul Catarinense Futebol Clube, Atlético Clube

Siderúrgica e Sider Club Siderópolis. Todos com a diretoria composta por empregados da Companhia Siderúrgica Nacional, e que recebiam verba de manutenção da CSN, os atletas poderiam ser da comunidade, sem a necessidade de serem trabalhadores ligados à estatal, embora a maioria o fosse. O mais bem estruturado era o Atlético Clube Siderúrgica, já a Sociedade Recreativa União Mineira, representava os funcionários afrodescendentes, sendo formado quase exclusivamente por mineiros. Em pouco tempo, as outras equipes acabaram por unir-se em outro clube desportivo, o Grêmio Esportivo Macedo Soares, em homenagem ao então presidente da CSN, baseado em Volta Redonda, para que a rivalidade fosse menos repartida e houvesse melhor administração das equipes. (DAVID, 2015)

O futebol se tornou uma paixão na cidade e um símbolo da própria representando-a e fazendo parte do seu cotidiano. O time Atlético Clube Siderúrgica foi ganhando espaço no cenário futebolístico regional a partir de 1951 e em novembro de 1952,[84] após algumas reuniões, sua diretoria, a

---

[84] O novo clube desportivo foi fundado em 4 de dezembro de 1952, data comemorativa da padroeira dos mineiros, Santa Bárbara, em reunião em que foi desencadeada também a instituição do "RECREIO DO TRABALHADOR". Referência disponível: http://radiosideropolis.blogspot.com.br/2012/10/a-origem-do-imortal-itauna-atletico.html

partir de sugestão do engenheiro da CSN Mozart Vieira, resolveu mudar o nome da equipe para Itaúna Atlético Clube, como referência ao produto mineral símbolo da exploração promovida pela estatal, já que “carvão”, em tupi guarani, significa “ita” (pedra) e “una” (preta). (DAVID, 2015). Na cidade foi construído um campo de futebol, para os campeonatos que aconteciam aos domingos e movimentava a cidade, era um evento para a população de uma cidade que trazia as marcas de uma pesada rotina de trabalho. Mas para os sujeitos afrodescendentes que faziam parte dessa história, como jogadores de futebol do Atlético Clube Itaúna, esse evento futebolístico era mais que um espaço de lazer, era um espaço de visibilidade.

O time Itaúna referenciado como a “Glória do Fiorita” foi fundado em 4 de dezembro de 1952, tornou-se um dos mais importantes da Liga Altética da Região Mineira (LARM) sendo patrocinado pela CSN, ganhando seu primeiro título em 1956. Analisando o estatuto do Clube, percebe-se que era bem organizado, composto por assembleia geral, conselho deliberativo, diretoria e comissão fiscal, tendo os sócios que pagar mensalidade e cumprirem algumas determinações. Considero pertinente destacar alguns trechos, o primeiro sobre a finalidade da associação do Itaúna Atlético Clube, disposto no Capítulo I, Atrigo 2º, “O Itaúna Atlético Clube, tem por fim

promover e estimular todos os jogos de salão, recreios, desportos, reuniões artísticas e culturais, sociais e excursões, dedicado especialmente aos seus associados.” , no mesmo capítulo, mas no Artigo 3º o estatuto dispõe que, “O Itaúna Atlético Clube compor-se-á de um número ilimitado de sócios, independente de credos políticos ou religiosos, classe ou cor. Considero esse último artigo importante para pensar como eram dispostas as questões de religião, classe e raça naquele contexto social.

Para conhecer um pouco mais sobre a representação que tinha na região o Itaúna Atlético Clube compartilho uma imagem da Revista Bolão do Criciúma,

Imagem 13

EDITORIAL

Itaúna Atlético Clube, foi o nome de uma equipe que muito representou para o futebol criciumense, na época em que existiam os chamados papões de títulos. Clube da Montanha, apelido carinhoso proferido por seus torcedores, que alegrias imensas tiveram durante as disputas dos certames patrocinados em nossa região, especialmente o da Liga Atlética da Região Mineira (LARM). Os títulos conseguidos durante a "vivência" no futebol do Itaúna Atlético Clube, muito representaram para Siderópolis, que vivia também, a exemplo de outras cidades, grandes clássicos contra o rival Grêmio Esportivo Treviso. As "histórias" são muitas a respeito do Itaúna Atlético Clube, mas, que mais marcou, foi a do título conquistado em 1.956, quando ninguém mais acreditava que o troféu saísse do estádio Heriberto Hulse em favor do Comerciário Esporte Clube. O plantel campeão de 1.956, já auto-afirmava-se pelo futebol praticado dentro de campo contra as maiores forças da região, e o Itaúna Atlético Clube, passou a ser encarado como o "novo campeão", feito na época, conseguido pelos chamados "clubes da cidade". Com o passar dos tempos, o Itaúna Atlético Clube, foi remodelando sua equipe, e muitos outros nomes foram surgindo, para felicidade da imensa torcida que prestigiava os jogadores a cada dia que passava. Por tudo que fez pelo futebol de Siderópolis, e também pelo criciumense, a revista de "Bolão do Criciúma", une-se as grandes forças para o devido reconhecimento pelos grandes feitos.

Fonte: https://sideropolis.wordpress.com/historia-do-gremio-esportivo-treviso-3/

O Itaúna Atlético Clube foi um time de grande destaque regional na década de 1950 e 1960, e isso consequentemente colocava em destaque seus jogadores, através da visibilidade do time também construíam sua visibilidade naquele cenário.

A história do futebol brasileiro não se distância das trajetórias de vida de muitos afrodescendentes, o futebol foi um espaço de visibilidade para esses sujeitos. Muitas vezes essa presença de afrodescendentes na história do futebol brasileiro sofreu os reforços estereotipados criados sobre os mesmos no Brasil, como sendo sujeitos apenas dotados de habilidades nas áreas do esporte e da dança, mas em outras questões eram desqualificados, como pontua Diego Tonini,

> Numa sociedade de passado escravocrata, na qual as relações raciais não são harmônicas e não estão pautadas pela igualdade e pelo reconhecimento das diferenças, o futebol, por ser no Brasil um fenômeno cultural de amplitude nacional e que envolve muitos interesses, traz embutida a questão racial e nos dá acesso às representações ideológicas sobre os negros e mestiços. (TONINI, 2008,p.02)

Com o estabelecimento de times e os primeiros campeonatos, o futebol funcionava como esporte amador, sendo os jogadores e sócios do clube membros de uma mesma classe trabalhadora e frequentadores dos mesmos espaços. Com a organização de times de empresas, a questão racial foi um

embate em um primeiro momento, por todo país (ou de equipes que iniciavam uma incipiente profissionalização, como o Vasco da Gama), em que funcionários e operários jogavam juntos, os clubes das elites cariocas e paulistas travaram uma verdadeira guerra contra a profissionalização e a admissão de times com jogadores negros, como reforça Diego Tonini,

> Com a profissionalização do futebol em 1933, o caminho, em tese, estava aberto a qualquer um. Os negros e mestiços viram no futebol uma possibilidade de ascensão social e econômica. Este esporte democratizou-se, mas muitas foram as provações pelas quais tiveram de passar. Basta dizer que eles inventaram inúmeros dribles, visando o menor contato corporal possível com os outros jogadores. Uma falta normal era vista como desrespeito e muitas vezes apanhavam por isso. (TONINI, 20018, p. 03)

A profissionalização, na década de 1930 propiciava a alguns trabalhadores uma forma de ascensão social.

Em uma sociedade onde as relações raciais são tensas, pautadas pela hierarquização e exclusão, o futebol também foi um dos espaços de reflexo e de reflexão sobre esse sistema racista operante, pois, “Se o futebol é bom de ser visto, ele também serve para dramatizar e para colocar em foco os

dilemas de uma sociedade." (TONINI, 2009, p. 02) [85] . O Esporte criado para a elite branca não conseguiu manter essa "pureza", os afrodescendentes foram conquistando espaço, mas não foi sempre assim, houve o tempo de resistência e de conquista,

> "Desde a clara discriminação sócio-racial inicial, passando por uma fase de lutas e resistências, até chegar a uma época em que este grupo étnico comprovou o seu valor ao ser fundamental na conquista de títulos para os grandes clubes e para a seleção brasileira." (TONINI, 2009, p. 04)

Os jogadores afrodescendentes também tiveram que resistir, lutar e se reafirmar no espaço futebolístico, principalmente nas décadas de 1930, 1940 e 1950. As dificuldades em encontrar fontes escritas que refletem sobre as questões raciais na história do futebol, não se distanciam dos silêncios e da invisibilidade de tantas outras histórias subterrâneas sobre os afrodescendentes, como no meio de trabalho, nos espaços de sociabilidade e entre outros discutidos nesse trabalho. Mário Filho reflete sobre essa invisibilidade na historiografia e nas fontes,

---

[85] TONINI, Marcel Diogo. **História oral de vida dos negros no futebol brasileiro**. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. 08 a 12 setembro de 2008.

> Os documentos oficiais me mostraram que a história verdadeira se escreve de outro jeito. [...] As atas, a correspondência dos clubes, não falam dos negros. As leis das entidades não tocam, nem de leve, em questões de raça. Limitando-se a levantar barreiras sociais, proibindo que trabalhadores braçais, empregados subalternos, contínuos, garçons, barbeiros, praças de pré e por aí afora jogassem futebol em clubes filiados. Eu fui, aos poucos, levantando o véu, ouvindo daqui, dali, reconstituindo a tradição oral, muito mais rica, muito mais viva do que a escrita dos documentos oficiais, graves, circunspectos, dos jornais que não dizem tudo. (FILHO, 2003).

As referências bibliográficas utilizadas para construir esse capítulo, sobre a história da cidade, não fazem nenhuma discussão entre o esporte e a questão racial, apenas falam da importância do futebol e do Itaúna Atlético Clube para a cidade não problematizando a presença e a representação dos jogadores afrodescendentes nesse espaço. Embora a historiografia não comtemple a presença desses jogadores, as fontes orais e iconográficas revelam esse fato.

Nos acervos iconográficos digitais analisados, percebe-se uma significativa presença dos afrodescendentes na formação do time do Itaúna Atlético Clube, em diferentes décadas, como na imagem abaixo que retrata o time do Itaúna Atlético Clube em 1965, formado pelos respectivos jogadores,

Wilson, Si, Hiram, Ranolfo, Elmo, Dego, Edival e João Cascaes. Lica, Manequinha, Guinga, Gabriel, Joãozinho, Azambuja e Leão. Do quatorze jogadores, dez são afrodescendentes.

Imagem 14

Fonte: Arquivo de fotos Ronaldo David. Disponível em https://www.facebook.com/davidronaldo1950/media_set?set=a.443215195774430.1073741830.100002578594398&type=3

Algumas referências encontradas na revista criciumense, Bolão do Criciúma, demonstram também a visibilidade dos jogadores afrodescendentes no cenário

futebolístico. A imagem abaixo retrata a homenagem póstuma feita pela Revista Bolão do Criciúma, ao jogador Biróide do Itaúna Atlético Clube,

Imagem 15

HOMENAGEM POSTUMA

Passadas largas, um jeito matreiro dos jogadores atuais, assim era o lateral direito Biróide, hoje não mais existindo em nosso convívio. A história futebolística do Itaúna Atlético Clube, revive com muita emoção as grandes jogadas de Biróide, principalmente contra os mais temíveis adversários, que o combatiam durante cada espetáculo, tentando evitar as jogadas de ataque pelo lado direito, que era o forte do excelente profissional. A vida de Biróide como jogador de futebol, foi contada por antigos atletas, que relembram ainda com muita saudade as "divididas" contra os melhores ponteiros, onde quase sempre a vantagem era em favor do profissional competente que foi Biróide, que lutava desesperado em favor das cores que defendia. Considerado por muitos como uma das peças mais importantes do Itaúna Atlético Clube, Biróide, não deu tudo de si somente no "Clube da Montanha", mas sim, também no Bôa Vista e Atlético Operário, de seu futebol vistoso, era aplaudido pelos simpatizantes do "futebol força" da década de 60. Nas disputas mais acirradas, onde os ânimos dos jogadores chegavam ao clímax, Biróide, sempre procurava de certa forma apaziguar "a moçada", que voltava a luta para a conquista de outra vitória. Biróide, em toda sua carreira, conseguiu vários títulos, alguns deles, fruto de seu próprio esforço dentro do gramado, pois, não admitia em hipótese alguma, sair derrotado depois do apito final do juiz. Ao encerrar sua carreira, Biróide foi sentindo a falta do que mais gostava de fazer, e por fim, acabou sendo chamado para junto do Divino, que hoje o conserva com tranquilidade ao lado de antigos companheiros, que vivem no reino eterno para felicidade daqueles que por aqui ainda lembram, dos gloriosos feitos conseguidos com muito amor e dedicação.

Fonte: Disponíveis em https://sideropolis.wordpress.com/historia-do-gremio-esportivo-treviso-3/

O Jogador Biróide, é homenageado pela revista como uma das peças mais importantes para o time do Itaúna na década de 1960, e também como um apaziguador dentro de campo, como alguém que teve gloriosos feitos com amor e dedicação. A Revista faz uma homenagem positiva desse jogador, sobretudo pelo fenômeno que era em campo e pelas grandes contribuições que deu ao time com muita dedicação, sua visibilidade dentro do time é importante e positiva. Outro homenageado destacado pela revista é Dego,

Imagem 16

190

Dego

O CRAQUE

Em toda a história do Itaúna Atlético Clube, muitos foram os craques que se destacaram, mas, segundo diretores e alguns torcedores, a maior estrela foi o zagueiro central Dego, que formava dupla com Biróide, outro grande profissional que defendeu as cores do "CLUBE DA MONTANHA". Além do Itaúna, Dego defendeu outras equipes de nossa região, sempre com seu futebol alegre e que não dava chances para que os adversários conseguissem seu intento, nas disputas organizadas pelas entidades futebolísticas da época. Sério nas divididas, leal nas jogadas contra seus companheiros, um amor pelas cores que defendia acima do comum, e acima de tudo, um excelente caráter, e perfeito profissional, que era respeitado por seus companheiros mesmo nos piores momentos da equipe.

Atualmente, Dego segue sua vida como um empregado correto, apreciado por aqueles que labutam a seu lado no cotidiano da vida, e, especialmente, sendo ídolo de seus familiares, por tudo que fez e continua fazendo em benefício do encaminhamento dos seus para um bem comum perante a sociedade. Por isso, a revista do "BOLÃO DO CRICIÚMA", presta esta homenagem a este homem, que no passado, muito fez pelo futebol de nossa região, e hoje vive feliz perante aqueles que tanto o admiraram dentro do campo.

Fonte: https://sideropolis.wordpress.com/historia-do-gremio-esportivo-treviso-3/

Dego é mencionado como um dos jogadores mais brilhantes do Itaúna Atlético Clube, acima de tudo por ser

portador de um excelente caráter, sendo muito respeitado pela equipe. Um dos trechos que considero bastante significativo dessa homenagem é quando se referem ao empregado correto que era Dego, pois o trabalho era um valor muito importante desde a década de 1940 na sociedade brasileira, sendo sinônimo de cidadania, esse era o perfil idealizado para o homem brasileiro. Esse ideal de perfil contribuía ainda mais para a invisibilidade dos afrodescendentes do país, que muitas vezes recebiam os termos mais pejorativos possíveis, como o de malandro e marginal. É nesse sentido que ser um afrodescendente reconhecido como um sujeito correto positivava sua imagem na sociedade, pois além de demostrarem sua competência em campo precisavam reforçar sua competência e moralidade na vida pessoal. A última homenagem escolhida, retirada da revista, é sobre o jogador Edival,

Imagem 17

O ACROBATA

Defender a meta de um clube de futebol de nossa região na época do "futebol força", não era tarefa para qualquer um, mas, no Itaúna Atlético Clube, um arqueiro consagrou-se sobremaneira. Edival, este o nome de um "negrinho serelépe", que por muitas vezes foi aplaudido de pé pelos torcedores que o viam realizar excelentes defesas, e que, por longo tempo foi chamado de "o acrobata", tudo isto pela facilidade com que salvava a meta de sua equipe, e também pelos desconcertantes "vôos" praticados durante uma partida de futebol. Assim era Edival, um homem nascido de família humilde, que proporcionou alegrias incontestes para as torcidas dos clubes que defendeu com muito carinho e perfeição. Nos tempos atuais, quisesse o destino ter goleiros das qualidades de Edival, para que o "truncado futebol brasileiro" tivesse a oportunidade de ver um jogador dedicado somente a seu clube, não necessitando de "outros requisitos" para chegar a uma posição de real valor. Ao Edival, a revista do "Bolão do Criciúma", munida de uma vontade extrema, descobriu a melhor maneira de homenageá-lo pelo verdadeiro arqueiro que foi nos idos do melhor futebol da bacia carbonífera.

Visto como um dos melhores goleiros do futebol da região o “Negrinho serelepe” como era chamado, é enaltecido

como um jogador dedicado ao seu clube. Esse “apelido” que lhe foi atribuído era uma prática muito usual de manifestação com os jogadores nas suas diferentes atuações, como destaca Diego Tonini, “Se quando ganhava, as tradições culturais negras (“arte”, “ginga”, “malícia” etc.) eram exaltadas; quando perdia, a sua “inferioridade racial” voltava à tona e transparecia.” (TONINI, 2008, p.03)

Além das fontes documentais e iconográficas, as fontes orais foram muito importantes pra construção desse trabalho, principalmente para esse último capítulo, pois a historiografia produzida sobre a cidade não faz nenhuma discussão que pontue a questão racial no futebol. Para construção desse capítulo as lembranças reveladas e interpretadas através de uma entrevista realizada com um ex-jogador do Itaúna Atlético Clube, Seu Ranolfo de Oliveira Souza, foram muito relevantes para compreender muitos aspectos daquele contexto social em Siderópolis, sobretudo suas experiências enquanto um jogador afrodescendente.

Apresento o quinto entrevistado:

Imagem 18

Ranolfo de Oliveira Souza, nascido em Canoas, Rio Grande do Sul, em 1935. Não era apenas um profissional de Futebol, estudou até o quarto ano primário, exerceu outras funções enquanto trabalhador foi carpinteiro, pedreiro, pintor, cervejeiro, oleiro, encanador. Chega em 1962 em Siderópolis, através de uma proposta para jogar no Itaúna Atlético Clube e

também se torna um funcionário da Companhia Siderúrgica Nacional, com a função de lubrificador de lavador de carvão na mina de céu aberto. Seu Ranolfo veio para cidade com sua esposa Dona Tereza e dois filhos pequenos e tiveram mais 12 filhos. Jogou no Itaúna Atlético Clube de 1963 até 1974, sendo treinador do time por 1 ano e encerrando sua trajetória no futebol em 1975, aposentando-se anos depois pela CSN em 1984. Atualmente reside em Siderópolis.

Seu Ranolfo começou sua trajetória no futebol nos times juvenis, no Juvenil Grêmio Esportivo Renner e no Juvenil do Esporte Clube Internacional, depois foi jogar na cidade de Estrela, sendo profissional no Estrela Futebol Clube, ele fazia do esporte uma profissão, mas não a única, ao mesmo tempo que jogava no Time do Estrela ele também trabalhava em uma cervejaria, depois foi contratado pelo Atlético Clube Lansul. Estudando até o ensino primário ele sempre teve que trabalhar para ajudar a família, pois perdeu o pai quando tinha11 anos e depois de casado teve que trabalhar para sustentar a família, teve 14 filhos, sua esposa começou a trabalhar e a contribuir financeiramente a partir da década de 1980, pois precisava dar conta dos afazeres da casa e dos filhos. A vinda de seu Ranolfo a Siderópolis foi através de um treinador do Time do Lansul, Laerte Dória que veio para Santa Catarina para treinar o Comerciário Esporte Clube e

posteriormente o Itaúna Atlético Clube, como era ex-treinador do Time do Lansul, Laerte trouxe alguns jogadores do time para jogar no Time do Itaúna para realizar um jogo contra o Football Clube Treviso, pelo bom desempenho de Seu Ranolfo nos treinos e no jogo clássico ele foi convidado a jogar no Itaúna Atlético Clube, e ele aceitou o convite e veio para Siderópolis em 1962, mas com a condição de que lhe garantissem um emprego.

Seu Ranolfo o centro avante do Itaúna Atlético Clube, foi disputado por alguns clubes da Região como o Esporte Clube Próspera e o Esporte Clube Metropol, mas ele escolheu o Itaúna Atlético Clube pela promessa de um emprego na Companhia Siderúrgica Nacional, mas isso não aconteceu de imediato, pois ele ficou oito meses em Siderópolis jogando, mas sem trabalhar na CSN, fazendo algumas empreitadas na cidade, a companhia lhe forneceu uma casa enquanto ele ficava na espera de um emprego. Começou como um contratado pela companhia para sondagem de poço, pra ver qual a profundidade onde se encontrava o carvão, e a partir daí o Engenheiro Mozart Viera foi conhecendo o trabalho de Seu Ranolfo e resolveu contratá-lo por nove meses para exercer os serviços gerais. Contando essa história Seu Ranolfo traz um fala importante para pensarmos a importância que ele dava e que a sociedade dava em ser um homem respeitado por seu

trabalho, Seu Ranolfo comenta que, “Eu trabalhava, a minha fama de trabalhador já estava correndo aqui.” [86] , além de ser uma figura importante para o futebol, Seu Ranolfo era um homem respeitado pela sua fama de trabalhador, o que se tornava ainda mais importante para um homem afrodescendente naquela sociedade.

Tendo visibilidade no Itaúna Seu Ranolfo foi convidado a jogar no Clube Naútico Almirante Barroso, ele aceitou e foi para Itajaí em 1963 com sua família e ficou um ano jogando nesse time, depois retornou para o Atlético Itaúna Clube, sendo contratado como lubrificador de máquinas de lavar carvão, se aposentando nessa profissão. Seu Ranolfo conta que tinha algumas “regalias” e ganhava ajuda financeira do Engenheiro Mozart Vieira, além de seu salário como funcionário na CSN e do salário como jogador do Time Itaúna, ele ganhava mensalmente cinco mil cruzeiros. Seu Ranolfo fala de Mozart com muito carinho, e sempre enfatiza que foi muito bem tratado por ele, acreditando que pelo fato de ser um jogador excepcional, como ele mesmo fala, ele tenha recebido tanta apreciação.

Seu Ranolfo também morou na Vila Operária do Rio Fiorita, em uma casa tipo 1 na rua 12 e na rua 5, assim como a

---

[86] Entrevista realiza com Seu Ranolfo em Julho de 2016.

maioria dos jogadores do Time Itaúna que moravam na Vila Operária, Seu Ranolfo relata que o Itaúna era um time de pessoas de fora, poucos trabalhavam na CSN, muitos viviam apenas do futebol. Conversando um pouco mais sobre a vida na Vila Operária Seu Ranolfo comenta que, "Aqui a relação era muito boa. Sabe que aquela época uma coisa que me chamava muita atenção, era que quando uma pessoa ficava doente em uma casa todos os vizinhos se preocupavam e se tu saia e o outro vizinho ficava aquele vizinho cuidava da casa da gente."[87] Essa relação nas vilas já foi mencionada em outro capítulo, e pode ser compreendida como uma relação ambígua, que se modifica em decorrência do espaço e da situação. Eu prolonguei a conversa e perguntei se todos se relacionavam de modo igual, sem discriminação ou diferença, Seu Ranolfo respondeu que não, "Na época que nós chegamos aqui nós não sentimos isso ai."[88] e ele continua falando sobre as festas daquela época e do como como as pessoas se vestiam, "Aquele tempo aqui as festas da Companhia era todo mundo engravatado, ô coisa elegante (...) e uma coisa que me chamou muita atenção quando nós chegamos aqui, o carnaval, a companhia fazia o carnaval dos brancos e o carnaval dos pretos. Houve uma época aqui que os negros faziam baile bem

---

[87]Entrevista realiza com Seu Ranolfo em Julho de 2016.
[88] Entrevista realiza com Seu Ranolfo em Julho de 2016.

engravatadinho.” [89]A questão de o afrodescendente vestir-se bem na sociedade era um fator de positivação, como pontua Maria das Graças Maria,

> Os cuidados com o traje nas dependências do Clube revelavam outra forma de controle, no sentido de manter boas normas de convivência e respeitabilidade. Era considerada uma forma de resistência aos estereótipos construídos que costumavam representar o negro sujo e mal vestido desqualificando a estética das populações de descendência africana. (MARIA, 1997, p. 186)

Seu Ranolfo e Dona Tereza frequentavam o Clube União Mineira e o Recreio do Trabalhador, ele conta um pouco sobre como foi sua experiência no Recreio, “Nós não sentíamos o racismo, a gente se dava com todo mundo, mas a gente via, sabe por quê ? Quando começava o baile ficava, por exemplo, tu pegava tua turma e ia lá para um canto e ficava uns 10, 15 brancos lá, mas depois dançando não tinha nada de briga.” **[90]** E então eu perguntei como eram tratados os jogadores nessa época e ele comenta que, “Aqui o jogador era bem tratado, ô.”**[91]** A condição de jogador e a visibilidade que alcançavam esses sujeitos dentro daquela sociedade mudou em

---

[89] Entrevista realiza com Seu Ranolfo em Julho de 2016
[90] Entrevista realiza com Seu Ranolfo em Julho de 2016.
[91] Entrevista realiza com Seu Ranolfo em Julho de 2016.

determinadas situações o seu status, sujeitos que tinham uma condição marginalizada muitas vezes eram vistos como importantes, alguém que era significante em determinado espaço, o futebol possibilitou essa visibilidade positivada sobre os afrodescendentes.

Seu Ranolfo jogou até os 35 anos no Itaúna Atlético Clube de 1963 a 1974, foi 12 anos capitão do time e deixou de jogar porque perdeu o "amor no campo." como ele comenta, "Eu entrei no campo duas vezes desde a época que eu parei de jogar. Tanto que eu gostava do Itaúna. Era um amor que eu tinha nesse time, houve muito desvio de coisas. Eu via aquele desvio todo, eu sabia de tudo e eu nunca gostei de conversa, ai eu abandonei tudo." [92] Perguntei a ele se ele já avia sofrido alguma situação de racismo dentro do time, e ele me revela que, "No Itaúna não. E eu sempre dentro do time ,eu era uma pessoa que eu era bem quisto pelos dirigentes, eu era o intermediário da turma né, se eles queriam alguma coisa ou queriam reclamar eu ia atrás, eu ia no treinador, no diretor, no presidente. Nunca fui impedido, só fui impedido no teste do Juvenil do Grêmio. Isso aí eu nunca me esqueço. Eu tenho raiva do Grêmio até hoje. Nos fomos em quatro, dois rapazes eram brancos, mas depois eu soube porque. Foram chamados

---

[92] Entrevista realiza com Seu Ranolfo em Julho de 2016.

para treinar, cada um com sua chuteira, chamaram só os dois brancos e mandaram nos esperar, esperamos e esperamos e nada... Depois nós fomos descobrir o Grêmio não deixava treinar preto, porque a dona do campo do Grêmio era alemã e ela tinha raiva de negro. Depois ela morreu, eu nunca esqueço, foram três jogadores daqui de Laguna Jogar no Grêmio, negro, o Mengala, o Juarez e Figueró,”.[93]

Apresento uma Imagem concedida por Ranolfo da formação do time em 1974, com os Jogadores, Edival, Nilton, Guinga, Adilson, Vilson, Jopá, Darci, Oli Rodrigues, Chegada, Carica, Amauri, Julião, Luizinho, Lica, Ranolfo (o segundo da direita para esquerda fila inferior), e Esquerdinha.

[93] Entrevista realiza com Seu Ranolfo em Julho de 2016.

Imagem 19

Essa imagem, demostra a presença dos afrodescendentes no Itaúna Atlético Clube, dos dezesseis jogadores, dez são afrodescendentes. A presença desses na história do futebol sideropolitano tem sua representatividade, e embora não tenha sua visibilidade nas produções historiográficas sobre a cidade pode ser reconhecida em outras fontes.

O futebol em Siderópolis foi um importante espaço para pensarmos as relações sociais, e também para pensarmos as experiências e trajetórias dos sujeitos afrodescendentes que fizeram parte da história do Itaúna Atlético Clube. É um espaço de visibilidade para esses sujeitos e para positivação enquanto

sujeitos afrodescendentes em uma sociedade marcada pela hierarquização racial, pela desigualdade e invisibilidade desse grupo. É evidente que ser um jogador afrodescendente não resolvia todos os outros problemas causados pela discriminação racial, mas conferia um espaço de visibilidade onde era impossível serem negados, pois eram protagonistas evidenciados naqueles espaços, nem sempre tratados de maneira igualitária, mas vistos, lembrados e homenageados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção historiográfica catarinense invisibilizou parte dos sujeitos que construíram sua História, os afrodescendentes. As justificativas equivocadas de uma pequena presença desses sujeitos no estado foi uma maneira de excluí-los dessa História, e nas poucas referências sobre os mesmos nas produções, suas condições de protagonistas quase nunca foram consideradas. Essas narrativas que construíram a História Catarinense são fruto de uma característica cultural eurocentrada, que buscou embranquecer o estado negando a presença dos afrodescendentes. Essa escrita é o resultado, sobretudo, de uma cultura que se pauta na racialização social. É nessa mesma lógica que a historiografia de Siderópolis foi construída. O fato de a cidade ser colonizada também por italianos, e do constante enaltecimento desses, obliterou a visibilidade de outras trajetórias de outros grupos e sujeitos na cidade, como o dos afrodescendentes.

A maneira como o racismo é tratado no Brasil dificulta mais ainda uma escrita que questione e reflita a presença e trajetória dos afrodescendentes nas diferentes cidades e espaços sociais. O racismo que muitas vezes é velado dificulta que essas questões sobre as relações raciais na sociedade brasileira sejam discutidas, pois para discuti-lo é fundamental assumi-lo,

e isso não acontece. Mas esse silêncio e invisibilidade na historiografia, sobre os afrodescendentes, é o ponto de partida para começar os questionamentos e também as reconstruções e interpretações para compor uma nova narrativa. Um novo olhar para algumas histórias e uma nova perspectiva de interpretá-las abrem caminhos para *ressignificar* essa História, que não será definitiva nem completa, mas contribui para que seja diversa.

A cidade pacata que começa a mudar a partir de 1940, após a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional, traz novos espaços para seu cotidiano, os espaços de trabalho, os espaços de sociabilidade, o espaço de moradia e traz também novas pessoas para se estabelecerem nela, os novos sujeitos, os afrodescendentes. A partir desse contexto histórico, da chegada desses novos trabalhadores a cidade começa a reelaborar sua cultura, pensada majoritariamente pela classe dominante branca, a partir da mineração, do trabalhador mineiro, da referência e importância do cidadão trabalhador e também da tentativa de se criar um perfil homogeneizador para o cidadão brasileiro. Respectivamente nesse contexto as ideias de uma democracia racial brasileira já estavam lançadas sobre a sociedade, o que colaborou para a negação do racismo na mesma.

É nesse contexto, de idealização de perfil de identidade nacional, de expansão da ideia de democracia racial, de um

racismo velado, de uma sociedade marcada pela desigualdade, sobretudo pelas condições de miséria em que se encontrava a população de afrodescendentes, que o Movimento Negro Brasileiro começa a se tornar mais expressivo, justamente para reivindicar todas essas questões que afetavam negativamente a população de afrodescendentes no Brasil. Os sujeitos afrodescendentes constroem suas trajetórias nos diferentes espaços da cidade, sobretudo no trabalho, pois foi através dele que chegaram e se estabeleceram na cidade, tecendo outras relações, em outros espaços, muito significativos como tentei aqui mostrar.

As fontes me ajudaram muito nessa reconstrução histórica apesar de não serem tão vastas quanto eu gostaria as poucas que tive acesso, sobretudo as fontes orais, me ajudaram a repensar a história da cidade através das memórias e experiências dos afrodescendentes, me indicando como era seu cotidiano, sua jornada de trabalho, sua vida na vila, seus momentos de lazer, suas relações naquela sociedade. Através dessas lembranças que foram relatadas a mim, dessas múltiplas informações, pude perceber a hierarquia de cargos dentro da CSN que estava ligada a questão racial, compreender como a vida em comunidade na Vila Operária gerava uma relação muito ambígua entre solidariedade e exclusão, entender o Clube União Mineira como um território de resistência e

identidade para aquele grupo, perceber como no Futebol, através do Time Itaúna, existiram muitos protagonistas afrodescendentes e como isso os tornou visível naquela sociedade, e mais compreender como através de gerações e de tantas experiências semelhantes, e de situações ainda presentes na sociedade manifestadas sobre a forma do racismo e da desigualdade, geraram um movimento muito importante para os afrodescendentes na cidade, a criação da Sociedade Cultural e Recreativa Cinco de Junho, que se fortaleceu enquanto movimento negro estando presente na sociedade sideropolitana até hoje com o nome de Movimento de Conscientização Negra Cruz e Souza.

Busquei com esse trabalho contribuir com a historiografia catarinense e da cidade de Siderópolis, apresentando parte dos sujeitos dessa história, das trajetórias de homens e mulheres comuns que experimentaram suas experiências de maneiras diferentes, numa ambiência social marcada por um racismo operante. Os silêncios, tanto nas referências, quanto na disponibilidade de algumas fontes ou nas imagens analisadas caminharam junto com a vontade de desvendar o motivo dessas ausências e de romper com esse silêncio, desconstruindo essa invisibilidade criada sobre a presença dos afrodescendentes nessa cidade, trazendo suas contribuições ao longo de quase 40 anos de mineração, sendo

no trabalho ou nos outros espaços da cidade. Quando comecei a desenvolver a pesquisa pensei nela também como uma porta de entrada para futuras produções e ressignificações da História, para novas possibilidades de se refletir sobre a história da cidade de Siderópolis e também das diversas histórias dos afrodescendentes, pois como nos sugere EP Thompson,

> "O que nos resta a fazer é interrogar os silêncios reais, através do diálogo do conhecimento. E, à medida que esses silêncios são penetrados, não cosemos apenas um conceito novo ao pano velho, mas vemos ser necessário reordenar todo o conjunto de conceitos. Não há nenhum altar mais oculto que seja sacrossanto de modo a obstar a indagação da revisão." (THOMPSON, 1981, p. 185)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Anthony. **Na casa de meu pai:** a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 302 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 311 p.

CAROLLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964).** Florianópolis: Ed. UFSC, 2002. 262 p.

CAMPOS, Emerson César de. **Territórios Deslizantes: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002).** Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil.** Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. 2014, 290 p.

CARDOSO, Lourenço. **O branco "invisível": um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957 - 2007).** Dissertação de mestrado. Universidade de Coimbra Faculdade de Economia Centro de Estudos Sociais Programa de Mestrado e Doutoramento "Pós-Colonialismos e Cidadania Global". Coimbra, 2008. 232 p.

CARDOSO, Michele Gonçalves. **De volta para casa. A inserção dos retornados à cidade de Criciúma– SC (1995-2009).** Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em História, Udesc, 2011, 134 p.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **A Luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro antirracista na cidade de São Paulo (1915-1931).** Itajaí: NEAB, 2012. 190 p.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **A vida na escola e a escola na vida**: **As experiências educativas de afrodescendentes em Santa Catarina no século XX.** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 345 p.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 351 p.

COSTA, Cléria Botelho da. **A escuta do outro: os dilemas da interpretação**. 2007. 50 p.

COSTA, Marli de Oliveira. **Arte de viver : recriando e reinventando espaços - memórias das famílias da Vila Operária Mineira, Próspera Criciúma (1945/1961).** Florianopolis: Ed. UFSC, 1999. Dissertação de Mestrado - 1999. 206 p.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Hermenêutica do quotidiano na historiografia contemporânea**. Projeto História – trabalhos da memória. São Paulo, nº 17, Nov. 1998.

DASSI, Nilson. **Nova Belluno 1891- Siderópolis 1943.** / Nilson Dassi- Criciúma, SC: Ed. Do autor, 2010. 124 p.

DAVID, Ronaldo. **Rio Fiorita II: a Companhia Siderúrgica Nacional e histórias de uma comunidade.** Siderópolis, SC: Ed. Do autor, 2015. 172 p.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.** Revista Digital de História do Departamento e do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. 2007.

FANON, Frantz; DA SILVEIRA, Renato. **Pele negra, máscaras brancas**. EdUFBA, 2008.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Ed: Mauad, Rio de Janeiro. 2003, 343 p.

GILROY, Paul. **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça.** São Paulo: Annablume, 2007. 414 p.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: moderniadade e dupla consciência** / Paul Gilroy; tradução de Cid Knipel Moreira.- São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOURALTI, FILHO (org), Alcides. **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade futura, 2004. 394 p.

GUIMARÃES, Luís Salgado Guimarães. **Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro. N 2, 1988, 5-27 p.

HALL, Suart. **A identidade cultural na pós- modernidade** / Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. -Rio de Janeiro: Ed. 5ª; DP&A, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais** / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; tradução de Adelaine La Guardia Resende...[et all].- Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memoria histórica. In: ___. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, 71-111 p.

HOBSBAWM, Eric. **A Invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 316 p.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Contraponto 2006. 366 p.

KRAUSS, Juliana de Souza**. Clotildes Lalau: A trajetória da educadora e militante antirracista na cidade de Criciúma (1957-1987).** Dissertação de Mestrado. Programa de pós Graduação, Udesc. Florianópolis, Udesc. 2012.

LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no sul do Brasil :: invisibilidade e territorialidade.** [Florianópolis] :: Letras Contemporâneas, 1996. 284 p.

MALUF, Sônia Weidner. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas.** Departamento de Antropologia — UFSC. DOSSIÉ CORPO E HISTÓRIA. Revista Esboços, UFSC, n.9, 2002.

MARIA, das Graças Maria. **“Imagens invisíveis de Áfricas presentes” Experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis(1930-1940).** UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Dissertação de Mestrado. 1997, p.227

MOROSO, Mara Rodrigues (org) Lana, Kelly Dalla; BOTTINI, Rossana Carla. **Siderópolis, uma cidade boa para se viver.** Revisão: Nilso Dassi. Gráfica: Soller Industria Gráfica Ltda. **2012 .**404 **p**.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. 88 p.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **“O mundo negro” A constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. (1970-1995).** Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal do fluminense. Niterói. 2010. 268 p.

PEREIRA, Amauri Mendes. **Para além do racismo e do antirracismo/** a produção de uma cultura de consciência negra na sociedade brasileira. Itajaí: Casa Aberta, 2013. 462 p.
POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, 200-212 p.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2 n. 3, 1989, 3-15 p.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente?** Projeto História. São Paulo, n. 14, 25-39, 1997 p.

PORTELLI, Alessandro. **Sonhos Ucrônicos, Memória e Possíveis Mundos dos Trabalhadores.** Projeto História, nº 10, São Paulo: Educ, 1993.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral.** Projeto História. São Paulo, n. 15, abr./1997, 13-49 p.

POSSOLI, Thaize. **A importância da educação patrimonial**: a CSN como patrimônio histórico em Siderópolis. 2008. Monografia (Espeialização em História: História, Ensino e Linguagem) Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2008.

RAGO, Luiza Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1985

RODRIGUES, Olinda Custódio. **A instalação da CSN em Nova Belluno e os respingos da política do Estado Novo- décadas de 40 a 60.** Monografia (Graduação) Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2001. 21 p.

ROSA, Júlio César da. **Sociabilidades e territorialidade:** A construção de sociedades de afrodescendentes no sul de santa Catarina (1903-1950). Florianópolis, 2011. Dissertação (Mestrado em História) Universidade do Estado de Santa Catarina.(UDESC).

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 129 p.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo": Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.** Tese de Doutorado e Psicologia. Universidade de São Paulo- instituto de psicologia. (USP) São Paulo 2012.

SILVA, Mariane Aléssio. **A presença feminina na Vila Operária: memória e saberes (Siderópolis- 1936-1960)**. 2006 p.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de janeiro. Aeroplano editora. 2009

TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade: O poder e imaginário das elites em Criciúma**. Dissertação de mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. UFSC. 1995, p. 253.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias.** *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981. 231 p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TONINI, Marcelo Diego. **Negros no futebol brasileiro: olhares e experiências de dois ex-jogadores.** Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

VARELLA, Flávio Florentino, MOLLO, Helena Miranda, PEREIRA, Mateus H. F, MATASérgio (orgs).**Tempo presente e usos do passado**. EDITORA FGV. 2012, p. 196.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas marcada**s: trabalhadores do carvão. Tubarão, SC: Unisul, 2001. 213 p.

ANEXOS

1-Tabela de sobrenome das famílias encontradas na pesquisa dos registros de nascimento (1939-1955)

DATA	**SOBRENOME**
1941	MONTEIRO
1941	MATTOS
1942	CAMARGO
1943	DA SILVA
1944	PADILHA
1944	SOUZA
1944	LIMA
1944	GOULART
1944	OLIVEIRA
1944	CAMARGO
1944	SILVA
1944	MELO
1944	MACHADO
1944	FERREIRA
1944	MARCELINO
1944	LIMA
1944	MORENA
1944	PAULA
1944	LALAU
1944	SANTOS
1944	ALEXANDRE
1944	PRADO
1944	LEONOR
1944	GONÇALVES
1944	PINTO
1944	FRAGA
1944	LUCAS
1944	DO CANTO
1944	DA SILVA
1944	SOUZA
1944	DE CAMARGO
1944	AMARO
1944	DOS SANTOS

1944	DOMINGOS
1944	ELSEN
1944	MARIANO
1944	MARCELINO
1944	DE SOUZA
1944	DIAS
1944	GUILHERME
1944	CAIZANTE
1944	MATTOS
1945	DA COSTA
1945	DA SILVA
1945	RUFINO
1945	MIGUEL
1945	DE SOUZA
1945	JOÃO
1945	LUIZ
1945	CAMARGO
1945	ALFREDO
1945	SOUZA
1945	FERNANDES
1945	DELFINA
1945	FLORENCIO
1945	DE OLIVEIRA
1945	DOS SANTOS
1945	ANTONIA
1945	MARTINES
1945	DE JESUS
1945	MARTINS
1945	APOLINARIO
1945	FERREIRA
1945	PACHECO
1945	FLORENTINO
1945	DA SILVA
1945	CARVALHO
1945	FREITAS
1945	BORGES
1945	BRASIL
1945	PEREIRA
1945	MARTINS
1945	JUSTINA
1945	JUSTINO

1945	ANTONIO
1945	PADILHA
1945	FAUSTINO
1945	DE ARAUJO
1945	DOMINGOS
1946	PEREIRA
1946	MARTINS
1946	AMOROSO
1946	DA SILVA
1946	JUSTINO
1946	DE GOES
1946	BRASIL
1946	CAMARGO
1946	ROSA
1946	FLORÊNCIO
1946	HENRIQUE
1946	DE JESUS
1946	GOTERRO
1946	GOTERRA
1946	VICENTE
1946	MARIA
1946	OLIVEIRA
1946	FELISBERTO
1946	JOSE
1946	GESTONIO
1946	FLORENTINA
1946	DE SOUZAL
1946	FLORENTINO
1946	FRANCISCO
1946	AZEVEDO
1946	FILHO
1946	RIBEIRO
1946	GONÇALVES
1947	DE OLIVEIRA
1947	CAMARGO
1947	CONRADO
1947	DE SOUZA
1947	MACHADO
1947	LIDIO
1947	ANA
1947	OLIVEIRA

1947	SOUZA
1947	PEDRO
1947	FERREIRA
1947	MARTINS
1947	JUSTINO
1947	TEIXEIRA
1947	JUSTINA
1947	VERGULINO
1947	ROCHA
1947	AMARO
1947	CARDOSO
1947	PADILHA
1947	SILVEIRA
1947	MANOEL
1947	MENEGILDO
1947	FAUSTO
1947	MARTINHA
1947	JOSÉ
1947	DA SILVA
1947	CUSTÓDIO
1947	SERAFIM
1947	CRUZ
1947	VICENTE
1947	PAIM
1947	AFONSO
1947	HIPOLITA
1947	ANTONIO
1947	BRUNS
1948	RUFINO
1948	MATHIAS
1948	DE JESUS
1948	MIGUEL
1948	DA SILVA
1948	AMARAL
1948	VIEIRA
1948	FIDELIS
1948	PAULINA
1948	DE SOUZA
1948	GONÇALVES
1948	SOUZA
1948	RAFAEL

1948	DA LUZ
1948	FERMINO
1948	ROQUE
1948	SERAFIM
1948	MACHADO
1948	JUSTINO
1948	RIBEIRO
1948	PEREIRA
1948	CAMPOS
1948	MARTINS
1948	MARCELINA
1948	MARCELINO
1948	TEOTONIO
1948	CRUZ
1948	ROSA
1948	CARVALHO
1948	MENEGILDA
1948	BOTELHO
1948	FRANCISCO
1948	OLIVEIRA
1948	JOSÉ
1948	DOS SANTOS
1948	MARCILIA
1948	SEBASTIÃO
1949	ANACLETA
1949	GERALDO
1949	RIBEIRO
1949	VIEIRA
1949	DEMETRIO
1949	ELESTÉRIO
1949	PACHECO
1949	BRUNO
1949	DE JESUS
1949	FRANCO
1949	BOTELHO
1949	CARVALHO
1949	CLEMENTE
1949	GONÇALVES
1949	VICENTE
1949	DE SOUZA
1949	CRUZ

1949	DA SILVA
1949	COSTA
1949	MARTINS
1949	SABINO
1949	JERONIMO
1949	SILVEIRA
1949	SIMÃO
1949	JUSTINA
1949	JUSTINO
1949	PEREIRA
1949	DA CONCEIÇÃO
1949	MICAELA
1949	RAFAEL
1949	APOLINARIO
1949	DA LUZ
1949	DOS SANTOS
1949	LEANDRO
1949	ROSA
1949	GREGORIO
1949	MARTINHO
1949	PADILHA
1949	MATHIAS
1949	ELESTÉRIO
1949	AFONSO
1949	BATISTA
1949	DE CAMPOS
1949	MOTA
1949	GERMANO
1949	JUSTINO
1949	DE OLIVEIRA
1949	ANTONIO
1950	JOSÉ
1950	DOS SANTOS
1950	AMARO
1950	DE JESUS
1950	DE MATOS
1950	RAFAEL
1950	DA SILVA
1950	VICENTE
1950	MENEZES
1950	DA CRUZ

1950	CLAUDINA
1950	FERREIRA
1950	MARQUES
1950	DORIQUE
1950	MARTINS
1950	DA SILVA
1950	BELMIRO
1950	DE SOUZA
1950	ROSA
1950	GERALDO
1950	GERALDINO
1950	JUSTINA
1950	MANOEL
1950	TEREZA
1950	HENRIQUE
1951	ARAUJO
1951	DA ROSA
1951	BARBOZA
1951	DA CONCEIÇÃO
1951	DE SOUZA
1951	TEREZA
1951	MIGUEL
1951	GONÇALVES
1951	DE JESUS
1951	ROCHA
1951	DA LUZ
1951	JAQUES
1951	DA CRUZ
1951	CÂNDIDO
1951	COSTA
1951	LIMA
1951	DA SILVA
1951	BRASIL
1951	FERNANDO
1951	FERNANDES
1951	FILHO
1951	RUFINO
1951	VELHO
1951	MORORINA
1951	BORGES
1951	PACHECO

1951	CAETANO
1951	CARVALHO
1951	SOTECO
1951	ALEXANDRE
1951	ANTONIO
1951	CLEMENTE
1951	CAVALHEIRO
1951	MARTINS
1951	SEBASTIÃO
1951	FAUSTINA
1951	DOS SANTOS
1951	BELMIRO
1951	MENEGEZ
1951	CAMARGO
1951	MIGUEL
1951	GERALDINO
1951	DELFINO
1951	JOANA
1951	CLEMENTE
1951	LAUREANO
1951	PEREIRA
1951	BARBOZA
1951	BARBOSA
1951	GUILHERME
1951	PADILHA
1952	DA CRUZ
1952	GERALDO
1952	GREGORIO
1952	DA CONCEIÇÃO
1952	COSTA
1952	DE LIMA
1952	MARCELINO
1952	CLARA
1952	CAETANO
1952	AFONSO
1952	MENEGILDA
1952	DOS SANTOS
1952	FERNANDES
1952	BARREIROS
1952	MACHADO
1952	MARQUES

1952	FILHO
1952	NASCIMENTO
1952	MANOEL
1952	DEMÉTRIO
1952	LUCIO
1952	FRANÇA
1953	BARBOSA
1953	TEREZA
1953	DA SILVA
1953	DE SOUZA
1953	COSTA
1953	JUSTINO
1953	JUSTINA
1953	DA CONCEIÇÃO
1953	MARQUES
1953	CAMARAO
1953	RITA
1953	DOS SANTOS
1953	VILVA
1953	HENRIQUE
1953	SABINO
1953	MARIANA
1953	DE JESUS
1953	RAFAEL
1953	PEREIRA
1953	PADILHA
1953	RODRIGUES
1953	JOSÉ
1953	BARBOSA
1953	GABRIEL
1953	FERREIRA
1953	JOAQUIM
1953	DA LUZ
1953	PEREIRA
1953	BARREIROS
1953	PRADO
1953	CÂNDIDO
1953	LUCIO
1953	MACHADO
1953	MENEZES
1953	DE MATOS

1953	RODOLFO
1953	PACHECO
1953	VICENTE
1953	PEDRO
1953	BARREIROS
1954	CAMARGO
1954	QUILBERMEL
1954	RODOLFO
1954	DE SOUZA
1954	MENEGILDO
1954	MANOEL
1954	DOS SANTOS
1954	CAETANO
1954	GABRIEL
1954	RITA
1954	OTACILIO
1954	VERGULINO
1954	DA SILVA
1954	MARCELINO
1954	JOAQUIM
1954	MARTINS
1954	JUSTINO
1954	PADILHA
1954	PADIA
1954	PEREIRA
1954	SABINO
1954	DE JESUS
1954	MATIAS
1954	CLEMENTE
1954	MANOEL
1954	CRISTINA
1954	RUFINO
1954	ARAUJO
1954	DA CONCEIÇÃO
1954	AFONSO
1954	RODRIGUES
1954	CATARINA
1954	MOTA
1954	CÂNDIDO
1954	SEBASTIÃO
1955	RODRIGUES

1955	VARGAS
1955	RUFINO
1955	PEDRA
1955	PEREIRA
1955	OLIVEIRA
1955	DA SILVA
1955	COSTA
1955	BERNARDO
1955	NASCIMENTO
1955	VICENTE
1955	PORFIRIO
1955	PATRICIO
1955	DE SOUZA
1955	BARBOSA
1955	FELISBERTO
1955	GERALDINA
1955	OTACILIO
1955	BITENCOURT
1955	JOÃO
1955	PADILHA
1955	DE OLIVEIRA
1955	JUSTINO
1955	LAURENTINA
1955	DOS SANTOS
1955	TEIXEIRA
1955	JOAQUIM
1955	GONÇALVES
1955	BITTENCOURT
1955	FERREIRA
1955	DA ROSA
1955	CESAR
1955	BERNARDO
1955	DA LUZ
1955	AGUIAR
1955	BARRUROZ
1955	FAUSTINO